

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação



1290002791



FE

TCC/UNICAMP C817d

***Decifra-me ou te devoro: Levantamento e Análise
das Fontes sobre Ensino religioso do Colégio
Progresso Campineiro na Primeira República
(1900 - 1937)***

Priscila Kaufmann Corrêa

Campinas

2005

UNICAMP BIBLIOTECA

UNIDADE	F. E
Nº CHAM	
V...	
TOMBO	2791
PROJ.	12312006
C...	X
PRE	
DATA	24 03 06
Nº CPD	503022

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

C817d

Corrêa, Priscila Kaufmann.

Decifra-me ou te devoro : levantamento e análise das fontes sobre ensino religioso do Colégio Progresso Campineiro na Primeira República (1900-1937) / Priscila Kaufmann Corrêa. -- Campinas, SP : [s.n.], 2005.

Orientadores : Maria do Carmo Martins.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Educação feminina. 2. Currículos. 3. Ensino. 4. Educação – História.
I. Martins, Maria do Carmo. II. Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Educação. III. Título.

05-251-BFE

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação

***Decifra-me ou te devoro: Levantamento e Análise das
Fontes sobre Ensino religioso do Colégio Progresso
Campineiro na Primeira República (1900 - 1937)***

Trabalho de Conclusão de
Curso apresentado como
exigência parcial para a
obtenção de título de
bacharel em Pedagogia, sob
a orientação da Prof^a Dr^a
Maria do Carmo Martins

Maria do Carmo Martins (orientadora)

Águeda Bernardete Bittencourt (Segunda Leitora)

Campinas

2005

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todos que me auxiliaram e acompanharam nesta empreitada.

Primeiramente quero agradecer à Carminha pela sua orientação valiosa e por todo o seu apoio neste percurso que começou com um simples pedido para ser sua bolsista de Iniciação Científica. Sem ela nada disso seria possível.

Também quero agradecer aos meus pais e meu irmão por seu incentivo e entusiasmo com a minha pesquisa.

Agradeço ainda à Rosângela, que me mostrou alguns dos segredos do ofício de historiador.

Agradeço a todo o pessoal do Colégio Progresso que me permitiu conhecer sua História através dos seus documentos, especialmente à Sílvia Coelho, à Maria Lúcia Ribeiro e à Maria Aparecida Bonavita Soares.

Muito obrigada a todos, em todos os lugares, que, de alguma forma, colaboraram para tornar esta pesquisa uma realidade. Obrigada mesmo!

Resumo

O objetivo principal desta pesquisa é investigar o ensino religioso no interior do Colégio Progresso no período de 1900 a 1937, à época um internato destinado às moças de Campinas e região. Neste sentido, busca-se compreender a influência do ensino religioso na formação destas jovens, dentro dos padrões considerados ideais para aquele período, os quais incluíam a dedicação ao lar e à vida social de forma digna e virtuosa. A questão religiosa chama a atenção pelo fato dos fundadores Orosimbo Maia, Antonio Álvaro de Souza Camargo, Luiz de Campos Salles, irmão de Campos Salles, Artur Leite de Barros e Joaquim Álvaro de Souza Camargo, membros da elite campineira, visarem erigir uma escola feminina de caráter *laico*.

Esta presença religiosa na instituição se fortalece através da segunda diretora, Emília de Paiva Meira, em 1902, ocupando o cargo até 1937, quando faleceu. Dona Emília, como era conhecida em Campinas na época, além de uma personalidade marcante, promovia forte inserção do Colégio em questões sociais e religiosas do período.

A pesquisa foi realizada no Colégio, investigando seus materiais preservados. Esta investigação exigiu a organização documental e a criação de formas para o seu referenciamento, antes de proceder à análise seus conteúdos. Os livros de atas e de notas apontaram para a ausência do ensino religioso como disciplina escolar na maior parte dos currículos do período, mas mostram também que havia práticas pedagógicas para este ensino, que ocorriam para além das salas de aula. Uma destas "vias" eram as Associações religiosas, das quais foram encontrados os livros de atas. Nestas Associações reuniam-se as moças em torno de ideais religiosos comuns, exortando-as à boa conduta, com prudência e obediência, tornando-as aptas à vida social e doméstica.

*Não faço planos: nada é tão grande
Que não caiba no infinito
Nem tão pequeno que seja invisível
Aos olhos do tempo.*

Lenilde Freitas¹

My Fairy

*I HAVE a fairy by my side
Which says I must not sleep,
When once in pain I loudly cried
It said "You must not weep".*

*If, full of mirth, I smile and grin,
It says "You must not laugh";
When once I wished to drink some gin
It said "You must not quaff".*

*When once a meal I wished to taste
It said "You must not bite":
When to the wars I went in haste
It said "You must not fight".*

*"What may I do?" at length I cried,
Tired of the painful task.
The fairy quietly replied,
And said "You must not ask".*

Moral: "You mustn' t".

Lewis Carroll²

¹ FREITAS, Lenilde. *Cercanias*, São Paulo: João Scortecci Editora, 1989, p. 59.

² CARROLL, Lewis. *Rimas do País das Maravilhas*, São Paulo: Ática, 2004, s/ p.

Sumário

Apresentação	7
Capítulo 1:	
Colégio Progresso: Quase um Conto de Fadas	12
Cenários da História Progressista	12
Percorrendo Histórias	19
1. Primeiros Passos	19
2. Os Materiais encontrados	22
3. A Catalogação	24
Capítulo 2:	
Uma Vida de Muitos Progressos: D. Emília de Paiva Meira	27
Esperança de Dias melhores	27
A Igreja Católica: De Aliada a Protagonista	38
Uma Pedagogia Peculiar: Os “Progressos” de Dona Emília Meira	42
Mantendo a Chama acesa	57
Capítulo 3:	
Anjos da Nação: A Religião na Formação feminina	59
Formação moral e religiosa	59
Transpondo os Muros do Colégio: As Vias da Formação religiosa	63
O Ápice do Projeto moral e religioso: As Associações religiosas	70
1. A Pia União das Filhas de Maria	70
2. A Congregação dos Santos Anjos	81
3. A Liga Eucarística	83
4. O Oratório Festivo Dom Bosco	86
Capítulo 4:	
A Voz Progressista: Cotidiano do Internato através dos Documentos	88
Corpo discente do Colégio Progresso	88
Uma Rotina de muitas Regras	89
As Vozes Progressistas	97
Clarita: Uma Voz de destaque no Coro	108
Considerações Finais	116
Bibliografia	120
Encíclicas	124
Anexo: Documentos Catalogados no Colégio Progresso Campineiro	125
Categoria 1: História do Colégio Progresso	125
Categoria 2: Práticas de Ensino	163
Categoria 3: Vida e Práticas religiosas	174

Apresentação

Desenlaçando meus Percursos

Woodstock quer voar para horizontes distantes, mas ele não sabe onde eles estão!

SCHULZ, 2004³

Eu me sentiria absolutamente irresponsável se não procurasse justificar um pouco dos motivos que me levaram a realizar esta longa pesquisa...

Na realidade, tudo começou em um bellissimo castelo de contos de fadas, no qual Alice e sua linda gatinha Diná se encontravam absolutamente entediadas, apesar do bellissimo céu azul e do sol radiante que prometiam mais um dia fantástico e maravilhoso em suas vidas. Eis que neste momento repleto de tédio aparece um pitoresco duende dengoso, que promete à Alice uma vida de aventuras infindáveis: dedicar-se a uma pesquisa!

-- A uma pesquisa?, pergunta Alice.

-- Sim, uma pesquisa, minha doce Alice, que saciará todos os seus desejos por aventuras em uma fonte inesgotável de descobertas., responde o duende.

Ela mal pôde decidir que aceitaria o convite do gentil duende, pois ele se transformara em um ogro-miniatura, lançando-lhe o desafio de sua vida:

-- Decifra-me ou te devoro!

E Alice duramente compreendeu que precisaria enfrentar tal desafio para não ser devorada por um horrivelmente incrível não-sei-o-quê gigante e assustador...

E aqui estou eu, escapando por um triz do terrível não-sei-o-quê gigante...

Mas se você, leitor teimoso, não acreditou em uma só palavra de minha surpreendente jornada, mergulhemos de volta a esta realidade que nos faz (em parte) e acompanhe minha impressionante trajetória.

Eu, que vivia minha vidinha pacata de estudante universitária de pedagogia, quis torná-la mais interessante e decidi experimentar do tempero que a pesquisa poderia me

³ SCHULZ, Charles M. *Pequeno Livro de Estilo do Snoopy*, São Paulo: Conrad Livros, 2004.

proporcionar. Nesta trajetória, a professora Maria do Carmo Martins se mostrou essencial, oferecendo-me a possibilidade de trabalhar com a pesquisa através da Iniciação Científica. Seu trabalho com a memória e seu projeto de elaboração de arquivos escolares chamou-me a atenção e logo manifestei minha vontade de realizar uma pesquisa sob sua orientação.

Eu queria os horizontes distantes e não conseguia encontrá-los, fazendo com que esta pesquisa no início quisesse, de fato, me devorar. Através da minha orientadora recebi a proposta de investigar a formação feminina em um Colégio que eu mal conhecia, o que me causou um certo estranhamento de início. O mundo, de forma geral, me encanta por todos os seus aspectos, sejam eles humanos, naturais, astronômicos, físicos e por aí vai. O mundo realmente me surpreende e me deixa apaixonada!

Entretanto, eu jamais sentira qualquer atração para investigar a *educação feminina*. Eu, como mulher, talvez devesse me debruçar sobre a questão, me perguntar suas razões, mas não! Eu não tinha nenhum interesse em mergulhar nesta realidade. O mundo, contudo, não me deixou parada e com suas voltas e as leituras que realizei durante elas me despertou para este tema tão rico e interessante!

Eu, como mulher, percebi a luta de todas nós por uma educação igual à dos homens, mostrando nossa mesma capacidade de raciocínio e reflexão (talvez até mais aguçada!). Também comecei a perceber que esta mesma educação que aspirávamos poderia ser usada para nos conformar com uma realidade que não necessariamente desejávamos. Assim, eu acabei sendo fisgada pelo tema e precisava delimitar melhor o que eu pretendia pesquisar dentro do Colégio Progresso.

Minhas paixões logo se manifestaram: "Livro didático, livro didático"! Sim, eu sempre fui apaixonada pelos livros. Na minha infância, meus pais me mostravam e liam livros diversos para mim, o que me deixou roxa de vontade de aprender a ler. A roxidão passou à medida que eu me dedicava com afinco à aprendizagem da leitura e da escrita. Os livros são realmente bons companheiros de aventuras e de estudos, sempre pacientes com as minhas leituras e releituras.

Estando eu na escola, aprendi a ter uma queda pelos livros didáticos. Naqueles tempos adorava folheá-los e descobrir o meu querido mundo em suas páginas coloridas...

Eu imaginava poder encontrar e folhear os livros didáticos de tempos mais distantes de um passado que eu não vivi. Eu me encantava ante esta idéia e logo manifestei meu desejo de investigar este tipo de material em minha pesquisa. Como o projeto do Centro de Memória da Faculdade de Educação coordenado pela professora Maria do Carmo Martins previa o contato e o manuseio de documentos históricos e sua organização para disponibilização para outros pesquisadores, eu fiquei ainda mais inclinada a seguir em frente com a Iniciação Científica.

Eu provavelmente não poderia me dedicar ao estudo dos livros de todas as matérias lecionadas pelo Colégio e então precisei escolher alguma disciplina específica. Minha curiosidade então sugeriu: "Ensino religioso?". Não pude deixar de atender a ela, pois a religião desde que eu me conheço por gente me chama bastante a atenção, principalmente as manifestações religiosas. Tamanha curiosidade se deve à minha falta de religiosidade, presente na minha família. O batismo não me foi concedido e por este motivo acabei ficando à margem das religiões. A formação religiosa também esteve ausente em minha vida, me fazendo enxergar as manifestações religiosas como algo bastante estranho e distante.

A fé das pessoas me impressiona, pois não consigo me imaginar manifestando-a como as pessoas o fazem, através de orações, missas, promessas, penitências, etc. O estranhamento causado pela religião me fez tentar compreendê-la algumas vezes em minha vida, procurando definir minha própria fé, minha própria religião, ou, o que eu prefiro, minha filosofia de vida (GAARDER, NOTAKER, HELLERN, 2000). Penso que, neste momento, a religião continua um tanto distante de minha vida e não pretendo tomar parte de nenhuma tão cedo...

Porém, voltando à pesquisa, a questão do ensino religioso despertou minha curiosidade através da leitura do artigo de BITTENCOURT (2002) "Educação escolar: Um Compromisso da Família com a Igreja", no qual ela expõe a relação existente entre o Colégio Progresso e a Igreja, a fim de garantir a formação das filhas da elite. O Colégio, fundado para ser uma opção *laica* em Campinas para a educação feminina,

acabou ganhando uma marca fortemente religiosa com a diretora Emília de Paiva Meira em 1902, a segunda a ocupar o cargo.

Um projeto de Colégio laico que adota a postura religiosa para educar suas alunas acordou minha curiosidade e eu quis, assim, investigar os livros didáticos referentes ao ensino religioso no Colégio Progresso. Mal sabia eu que tal propósito não se realizaria tão de imediato, pois estes livros didáticos não existem. Entretanto, descobri outras facetas do ensino religioso no Colégio, procurando sempre saciar minhas paixões e curiosidades.

Assim sou eu, tal qual uma Alice entediada que encontrou muitas aventuras através de uma pesquisa que me tem auxiliado a refletir, a investigar, a ter paciência e, principalmente, amadurecer minhas idéias acerca da formação feminina e a história da educação brasileira como um todo.

Eis que chega, enfim, o momento de contar a você, querido leitor, uma história sem fadas, nem bruxas, duendes ou monstros horripilantes. Trata-se da bonita história que se passa em uma Campinas da Primeira República, na qual o pai generosamente presenteia sua filha com o presente que toda criança deseja: a educação, representada por um suntuoso Colégio Progresso. A instituição que se pretendia grandiosa conseguiu de fato alcançar sua glória, conseguindo permanecer viva até hoje, apesar dos muitos choques que tentaram derrubá-la.

Tecerei nas próximas páginas este Quase-Conto de Fadas que me revelou e ainda haverá de revelar tantas surpresas, tantas perspectivas insuspeitadas! Procuo recontar a História deste Colégio a partir dos muitos materiais que encontrei, destacando nesta narrativa o ensino religioso, que encontrou muitas vias para se infiltrar no estabelecimento.

O Primeiro Capítulo procura traçar um panorama da cidade de Campinas à época da fundação do Colégio Progresso Campineiro, em 1900, assim como alguns aspectos do contexto nacional que se relacionam ao tema. Os Capítulos seguintes procuram retomar a História do Colégio Progresso através do meu olhar. Em cada capítulo procuro realizar uma análise mais detida dos documentos pertinentes a cada tema abordado. No Capítulo dois eu procuro reconstruir a Biografia de Dona Emília

Meira, a diretora que tornou possível o sonho progressista. O Capítulo três apresenta o ensino religioso e as manifestações religiosas presentes no Colégio, buscando compreender seus significados. O Capítulo quatro traz um panorama da vida das alunas e a influência da religião sobre elas no interior do Colégio, através da obra autobiográfica **Clarita no Colégio**, de Violeta Maria. O último capítulo procura abranger as considerações finais em torno deste trabalho, apontando as muitas possibilidades deixadas em aberto.

A variedade de materiais que encontrei no Colégio é imensa e, como não estava organizada, eu precisei elaborar algumas formas para catalogá-los.

À medida que avanço na narrativa, você, leitor, perceberá como as versões destas histórias se transformam e complementam, oferecendo uma paisagem simultaneamente exuberante e complexa. Espero enfeitiçar você com o mesmo encanto que eu senti - e sinto - ao desvendar estas realidades.

As portas do castelo estão abertas, resta a você ter o fôlego e a coragem de me acompanhar. Aceita o desafio?

Capítulo 1

Colégio Progresso Campineiro: Quase um Conto de Fadas

Cenários da História Progressista

A história que pretendo reconstruir não poderia acontecer no vácuo e o cenário escolhido pelos fundadores do Colégio Progresso foi a cidade de Campinas, no início do século XX, em meio a um Brasil com grandes ambições. O período da Primeira República é marcado por uma efervescência política, econômica, social, cultural e até mesmo geográfica em todo o país. O Brasil queria despertar para o mundo, mostrando-se como um país forte e promissor. As elites dirigentes aspiravam por colocar a Nação nos trilhos do progresso, procurando formas para o seu desenvolvimento.

Campinas também passava por este intenso processo, recuperando-se das sucessivas epidemias de febre amarela que dizimaram e afastaram grande parte de sua população no período de 1889 a 1892. RIBEIRO (1996, p. 156) destaca que dos 20 000 habitantes da época restaram apenas 1.800, com a fuga e a morte de muitos deles. A cidade, então, precisava voltar às atividades corriqueiras e retomar o rumo do crescimento.

No campo econômico, o cultivo de café mostrava-se um ótimo negócio e enriqueceu muitos fazendeiros, os quais trouxeram seus capitais para as cidades, tornando-as mais agitadas, comercial e culturalmente, através dos cinemas, teatros, jornais e centros de cultura, além do comércio, indústrias e estradas de ferro. Observa-se, assim, (...) *a transformação da cidade provinciana em um complexo centro urbano moderno* (NASCIMENTO [et al.], 1999, p. 33).

A efervescência cultural permitiu circulação de idéias e correntes filosóficas trazidas da Europa, como o positivismo, por exemplo. A difusão destas idéias despertou diversos setores da população para a necessidade da educação. Para as elites, ela figurava como a panacéia, capaz de acabar com analfabetismo e a ignorância, permitindo a formação de verdadeiros cidadãos, aptos à construção de um grande país, rumo ao alinhamento às grandes potências mundiais.

Também a população - principalmente a urbana que se delineava como classe operária e trabalhadora - enxergava na educação a possibilidade de ascensão social e lutava por ela. Suas manifestações não só pela educação, mas por melhores condições no trabalho, são de influência dos imigrantes europeus, que traziam estas idéias ao país, tomando-se bastante incômodos para as elites, mas ao mesmo tempo muito necessários, pela sua força de trabalho qualificada na substituição dos escravos.

As mulheres igualmente viram na educação a possibilidade de libertarem-se da ignorância a que foram submetidas por muito tempo, presas em seus lares. Entre as mulheres que se preocuparam com a questão estão as feministas, das quais se destacam, no período, Nísia Floresta, Maria Lacerda de Moura e Bertha Lutz (HELLER, 1997, pp. 54 - 56).

O movimento feminista no Brasil apresentou-se bastante fragmentado, o que levou ao seu enfraquecimento, mas que alcançou alguns ideais, como o sufrágio feminino e os direitos trabalhistas para as mulheres na década de 30. A educação feminina era uma das bandeiras do movimento, pensada como a solução para a libertação das mulheres. Tal emancipação era concebida ambigualmente pelas primeiras feministas, como Nísia Floresta, pois ao mesmo tempo em que defendiam a educação da mulher, imputavam-lhe o papel de mãe e esposa, tomando, assim, argumentos masculinos (idem).

Maria Lacerda de Moura apresenta-se como uma exceção, pois defendia uma emancipação da mulher que rompesse com toda e qualquer instituição masculina, inclusive o voto. Além disso, concebia a emancipação como uma luta que envolvesse todas as mulheres, aproximando-se, por isso, do movimento operário e defendendo um maior apoio às trabalhadoras, principalmente na legislação referente à maternidade.

Este comprometimento com as classes populares mostrava-se importante para o fortalecimento do movimento feminista, não se restringindo às elites, mas a fragmentação entre as classes acabou prevalecendo, tornando o movimento por vezes incipiente. O feminismo no Brasil, no entanto, deu origem a várias discussões, inclusive na Assembléia Constituinte em 1932 e garantiu às mulheres o sufrágio em 1933, apesar de não ser aproveitado com o Golpe de Estado em 37 (idem).

Se, por um lado, neste período, a elite masculina combatia as feministas pelo seu anseio exagerado por independência, concordava com elas na necessidade da educação destinada às mulheres. Os planos ambiciosos de tornar o Brasil uma grande e forte Nação prescindiam de cidadãos à altura, cuja formação inicial estava nas mãos das mães, as primeiras educadoras de todos os homens. Alcançada a tão sonhada liberdade com a República (leia-se uma liberdade voltada para a realização de interesses pessoais e dos grupos no poder), mostrava-se necessário garantir a educação da mulher, sustentáculo principal da família e, conseqüentemente, da Pátria, possibilitando a (primeira) formação de seus filhos, futuros varões de uma grande nação. É (...) *um anjo de bondade, redentora da família e da pátria, que, somente por obra meritória sua, firmar-se-ia entre as grandes nações do mundo* (ALMEIDA, 1998, p. 119).

Como contraponto da esfera social predominantemente masculina, a mulher possuía o importante papel de educar seus filhos e de apoiar o marido, quando este retornasse ao lar, sendo ela, portanto, a guardiã da esfera doméstica, zelando pelo equilíbrio da família, pela sua harmonia. Tendo em vista a influência do positivismo no Brasil, destaca-se, no interior desta teoria, que a proeminência da mulher se deve ao fato dela garantir (...) *a reprodução da espécie e a saúde moral da humanidade* (CARVALHO, 1990, p. 93).

Contudo, o cumprimento deste papel tão essencial à Nação não era absolutamente inato na mulher, prescindindo ela de uma formação adequada. Esta deveria se dar na escola, exigindo, pois, a elaboração de uma grade curricular especialmente voltada para este público e o Colégio Progresso foi fundado com este objetivo, pretendo-se, inicialmente, como uma opção laica em meio às muitas escolas religiosas da região.

Os mentores deste estabelecimento foram Orosimbo Maia, Antonio Álvaro de Souza Camargo, Luiz de Campos Salles, irmão de Campos Salles, Artur Leite de Barros e Joaquim Álvaro de Souza Camargo, membros da elite campineira, que visavam construir uma escola feminina de caráter laico, novidade para a região, após a transferência do Colégio Florence para Jundiaí em 1889 (RIBEIRO, 1996).

Diante das grandes mudanças sociais e culturais na cidade, já não era possível manter as moças e mulheres trancadas dentro de casa. Tampouco o ensino ministrado por uma preceptora, no próprio lar, poderia oferecer a distinção que um diploma garantia. A solução para este dilema foi a construção de um Colégio que garantisse uma educação diferenciada para suas filhas e conhecidas, pincelando-as de um verniz cultural e moral tido como indispensável para a vida social e, principalmente, para a função materna, no núcleo doméstico, com direito à certificação.

O positivismo possui uma forte influência neste aspecto, inspirando inclusive o nome da escola, bem ao clima entusiástico dos primórdios da República brasileira.

Admitindo, embora, a inferioridade orgânica e intelectual da mulher, reconhecia-lhe o positivismo incontestável superioridade moral, reservando ao sexo feminino uma importante missão social. As mulheres, "sacerdotisas espontâneas da humanidade", teriam por função "cultivar o princípio afetivo da unidade humana" (...) (HAIDAR, 1972, p. 245)

As moças assim formadas desempenhariam seu grande papel de educadoras de seus filhos, embaçadas nos conhecimentos adquiridos na escola, garantindo a formação dos futuros cidadãos da Nação, rumo ao seu progresso. Estes mesmos conhecimentos também permitiriam uma convivência social, demonstrando erudição, com o cuidado da moça não se abandonar a uma vida desregrada e luxuriosa, o que exigiria uma pincelada moral. Afinal *estava em suas mãos o encaminhamento correto de seus filhos que, por sua vez, ajudariam a construir a nação republicana* (HELLER, 1997, p 47).

Além disso, para o positivismo, a figura da mulher simbolizaria a Pátria, a República, assim como a própria Humanidade, na figura de uma valente guerreira ou de uma bondosa e dedicada mãe (CARVALHO, 1990). Estas imagens são bastante significativas para um país em recém-proclamado republicano e foram assimilados pelos positivistas brasileiros, discípulos de Augusto Comte.

A pincelada moral, no entanto, segundo BITTENCOURT (2002), não foi garantida pelo positivismo em si. Havia um vácuo que foi preenchido pela moral católica, muito adequada à oligarquia, a qual "temeria a modernidade" (MANOEL, 1996) se esta ameaçasse seus privilégios e poder. E este grupo de homens certamente não

queria ser ameaçado pelo outro sexo, com suas aspirações à liberdade e à igualdade, as quais começavam a nascer com o movimento feminista. A moral católica, portanto, permitiria “domar” as moças para suas reais funções: a vida doméstica e a maternidade.

A elite campineira poderia, então, tranquilizar-se com a presença de um internato que protegesse suas filhas sem enviá-las para muito longe do lar. O próprio gesto de Orosimbo Maia de presentear sua filha Odilla Maia com uma escola, o “direito à educação”, no dia de aniversário reforçava a dádiva que esta nova instituição representaria para a cidade. Além disso, sendo Orosimbo Maia um homem público, as relações entre a vida privada e a pública estavam se consolidando, sendo a escola uma importante formadora e mediadora destas relações também para as mulheres.

Os altos muros do internato, que ainda são uma característica marcante na atual estrutura do Colégio (apesar dos prédios ao redor superarem os muros em altura), *desempenhavam uma dupla função: não permitir a saída de alunas nem a entrada do mundo exterior* (MANOEL, 1996, p. 51). Este isolamento também significava a possibilidade da vigilância constante das moças, protegendo sua pureza do mal que as poderia atrair (idem, pp. 77/78).

As moças estariam, assim, protegidas do cruel mundo exterior, porém não muito distantes de seus ninhos. O sacrifício representado pelo isolamento possuía uma *meta final: o diploma e o retorno ao lar, onde [as alunas] procurariam recompensar o sofrimento ocasionado pelo afastamento dos pais* (SANTOS, 2004, p. 79). O diploma, atestava, igualmente, que estas moças adquiriram os conhecimentos adequados ao seu sexo, distinguindo-as na sociedade. Os membros da elite e aspirantes faziam muito gosto desta forma de diferenciação, pensando *na escolarização como um projeto de classe, como estratégia de distinção* (UHLE, 1998, p. 90).

Coube a Dona Ana von Maleszewska, professora austriaca formada pela academia de Nancy, na França e pela Universidade de Kiel, na Alemanha, administrar o Colégio nos seus primeiros dois anos de funcionamento. Por queixa das próprias alunas, ela foi substituída por Dona Emília de Paiva Meira, indicada por seu irmão, Sérgio Florentino de Paiva Meira, ao amigo Orosimbo Maia. Segundo BITTENCOURT (2002, p. 153), Dona Emília foi escolhida por ser da confiança daqueles que fundaram o Colégio. Era uma nomeação da elite dentro da própria elite. Dona Emília Meira

conseguiu dar um novo rumo ao Colégio, principalmente quando Orosimbo Maia, o último dos fundadores se afastou da presidência do estabelecimento, em 1913, permanecendo, porém, seu avalista por longos anos.

A nova trajetória começa pelo preenchimento do vácuo com a moral religiosa, dando um forte acento católico à instituição, quase tornando-o um convento, posto que, para a contratação das professoras, eram feitas as seguintes exigências: *ser solteira, ter a moral ilibada e disponibilidade para residir na escola* (UHLE, 1998, p. 84). Tal fato não impedia que a instituição fosse *tocada pelos ares da modernidade e do progresso científico desejado pelos seus fundadores* (idem). Quando o Colégio se estabeleceu definitivamente à Avenida Júlio de Mesquita em 1917, não faltaram à infra-estrutura os laboratórios de física e química, incluindo estas e outras disciplinas científicas, como as ciências naturais e a cosmografia, no currículo dos cursos primário e secundário oferecidos pela instituição.

O esforço pela adequação aos cursos oficiais também é notável, com os pedidos de inspeção do Colégio (UHLE, 1998). A equiparação do curso ginásial ao curso do Colégio Pedro II, garantia a instalação e aplicação dos exames no interior do próprio estabelecimento, os quais eram, anteriormente, realizados no Ginásio de Campinas. Mesmo o Curso Normal anexo ao Colégio estabelecido em 1928 recebeu sua equiparação à Escola Normal do Estado de São Paulo em 1934.

Tais equiparações reconheciam que o Colégio seguia as normas oficiais, tornando-se uma ótima propaganda da instituição. A ampla gama de cursos organizados à medida que o Progresso se consolidava, como o curso “Progressista”, com seu aprofundamento nas línguas vivas e desenvolvimento artístico e o aperfeiçoamento dos estudos em música no Conservatório Santa Cecília, refinavam este toque de distinção do Colégio em relação às outras instituições (UHLE, 1998).

Além desta variedade de cursos, Dona Emília Meira também funda, em 1924, uma filial do Colégio Progresso em Araraquara, dirigido por Julie Villac, ex-aluna do Progresso Campineiro. Trata-se, pois, de uma rede de relações bastante estreita entre a instituição e suas alunas e daquela com as classes dirigentes e a Igreja.

Mergulho neste cenário e procuro resgatar a história do Colégio através de documentos escolares e livros didáticos. Neste sentido, minha pesquisa é de caráter

documental, buscando uma história presente nos muitos livros de atas, de chamada, cartas, livros religiosos, convites, santinhos e outros tantos materiais que compõem o **Anexo** por mim organizado ao final deste trabalho.

O período focado é o da fundação do Colégio até o falecimento de Dona Emília Meira, ou seja, de 1900 a 1937. Minhas inquietações começam com esta senhora tão dedicada ao Colégio, tornando-se sua marca registrada. Uma mulher que passa a administrar um Colégio, erguendo um prédio próprio a ele, ampliando seus cursos e construindo uma filial em outra cidade, é um feito bastante admirável para uma época que, segundo a bibliografia consultada, considerava as mulheres apenas aptas para os afazeres maternos e domésticos.

O próprio destaque dado à formação religiosa das moças em um Colégio que se fundou laico foi, como já expliquei anteriormente, um aspecto que me chamou bastante a atenção, desde as primeiras leituras sobre a história da instituição. Afinal, qual o papel do ensino religioso na formação destas futuras representantes da elite campineira? Qual a importância de inseri-lo em uma grade curricular que se pretendia laica e moderna?

Muito ingenuamente eu pensei que tal ensino visaria a maior compreensão da religião para fortalecer a fé, mas MANOEL (1996) já me alertava que a oligarquia (a elite dominante para o autor) se unia à Igreja para manter a sociedade de classes no Brasil, começando pela moralização das moças, as quais, posteriormente como mães, passariam seu legado às futuras gerações. Neste sentido, o ensino religioso parece restringir-se à doutrinação e à moralização das moças.

Esta questão deu novos contornos à minha pesquisa, pois, no que se refere ao ensino religioso, não foram utilizados livros educativos ou manuais escolares propriamente ditos, e sim livros de orações e outros livros religiosos que indicariam formas de conduta, também presentes em todas as ações do cotidiano do Colégio.

Esta foi, portanto, a primeira etapa de minha pesquisa. Após a catalogação dos materiais, parti para a investigação de seus conteúdos, procurando identificar mais detidamente a influência de movimentos e discussões pedagógicas referentes à mulher presentes neste período, dos quais a Igreja se apropriaria para adaptá-los às suas

intenções. Em outras palavras, eu pretendia delinear o alcance da religião na formação da elite feminina em Campinas através dos materiais escolares referentes a ela.

Percorrendo Histórias

1. Primeiros Passos

Tecer esta História exigiu de mim alguns ingredientes (quase mágicos), indispensáveis a qualquer pesquisador: disciplina, sistematicidade, paciência (sempre é bom ter muito) e, certamente, paixão pela pesquisa que está desenvolvendo.

Meu primeiro passo foi a busca por bibliografias que se relacionassem de alguma forma com a pesquisa, dando-lhe sustentação. Os principais temas buscados foram aqueles referentes à educação feminina da época, a história da educação e de instituições escolares também neste período. Também busquei algumas obras referentes ao livro didático, mas que não foram muito exploradas nesta etapa inicial da pesquisa, a qual visa construir um panorama da educação feminina na Primeira República, levantando semelhanças e diferenças entre o Colégio Progresso e outras instituições escolares.

A minha entrada no Colégio se deu em outubro de 2004, após conseguir a permissão de sua mantenedora para pesquisar os documentos históricos guardados pela instituição. Em 2003 o Colégio Progresso esteve a ponto de fechar suas portas por causa de dificuldades financeiras apresentadas pela antiga Mantenedora, a Associação Brasileira de Educação e Instrução, criada pela diretora Dona Emília de Paiva Meira em 1928 como “Associação Brasileira de Educação e Instrução de Meninas”. O encerramento das atividades do Colégio foi evitado com a transferência da manutenção do mesmo para as Faculdades Integradas Metropolitanas de Campinas (Metrocamp), dando, mais uma vez, um novo rumo à instituição.

Dentre as muitas reformas e inovações pretendidas e em curso está o tratamento adequado aos documentos históricos da instituição, incluindo seu arquivamento nas futuras instalações de um Memorial ou Casa de Cultura. Minha entrada neste cenário

não estava prevista, criando um certo temor diante da possibilidade do meu acesso a uma documentação tão antiga e preciosa.

Entretanto, a redação e o envio de um ofício, por parte de minha orientadora, além de um diálogo com representantes da atual mantenedora, acabaram assegurando uma liberdade maior do que a imaginada no interior do Colégio, pois passei a explorar avidamente o espaço no qual muitos dos documentos se encontram: a Sacristia da Capela.

Atualmente, o trabalho no Colégio Progresso se desenvolve em parceria com o Centro de Memória da Faculdade de Educação, cujo Projeto recebe o financiamento do CNPq, mesma agência a financiar minha bolsa de Iniciação Científica. Este Projeto objetiva organizar o acervo escolar do Colégio, assim como de outras instituições em Campinas, criando formas para o seu referenciamento também para outras pesquisas que poderão vir a ser realizadas.

O receio inicial frente à manipulação daqueles documentos por pessoas não autorizadas me pareceu ambígua, pois os próprios encontravam-se abandonados na Sacristia, praticamente intransitável nas minhas primeiras visitas. Este espaço é bastante pequeno, em “L”, com uma antiga e estreita porta. Uma lateral logo atrás da porta é ocupada por um longo armário embutido de madeira maciça, enquanto o outro lado é ocupado por um armário de metal, atrás do qual há uma porta para os fundos do Colégio. Perpendicularmente ao armário embutido, ao final do corredor, há um móvel baixo e longo, também antigo, semelhante a uma cômoda, com gavetas e portas corrediças, nos quais se encontram objetos para as missas. Acima do móvel há duas janelas basculantes, das quais apenas uma abre.

À frente deste móvel há duas estantes de metal, nas quais se misturam livros de registro de alunos e outros tantos do cotidiano da escola de anos mais recentes e de períodos mais distantes, inclusive da fundação do Progresso. Este corredor mais curto, definidos pelo móvel e as estantes, é fechado por dois degraus que levam a um pequeno banheiro, totalmente ocupado com tijolos, uma pequena coluna de gesso e tubos, com quadro didático e um imenso quadro de 1915 com as fotos de algumas formadas do Colégio, além da diretora e dois professores.

Nas minhas primeiras visitas os corredores da sacristia estavam completamente ocupados pelos mais diversos materiais em caixas de papelão e em um carrinho de feira. Havia painéis, brinquedos eletrônicos novos, camisetas de eventos, uniformes, e até telefones (um bem antigo), uma maleta de madeiras com discos de um curso de francês, um *laptop* e uma CPU com monitor. Com a ajuda de uma funcionária eu arrumei o espaço e, juntas, providenciamos novos destinos para alguns materiais, como os brinquedos para a “brinquedoteca” da Educação Infantil. Assim consegui transitar com mais facilidade por aquele recinto e foi lá que encontrei todos os materiais listados nos anexos.

Sem a ajuda desta funcionária não me teria sido possível organizar o espaço da Sacristia. Entre os demais funcionários orientados para me auxiliarem na pesquisa, noto uma grande disponibilidade, porém com entraves colocados pelas hierarquias superiores, as quais impedem a ação dos mesmos. O simples pedido de alguns envelopes para organizar os documentos exige a permissão dos superiores quando não sobram em número suficiente nos departamentos do Colégio.

Pelo pouco espaço no interior da Sacristia, a catalogação e a análise dos materiais encontrados se dava no próprio altar da capela, logo em frente à porta daquela. Os documentos estavam em lugares espalhados pela sacristia e tive toda a liberdade para explorar o armário metálico, as estantes e as caixas de papelão sobre o móvel mais baixo. O estado da maioria destes materiais é admiravelmente bom, com a exceção de alguns poucos livros atacados por broca ou traças, considerando a forma como estavam guardados até então.

O novo espaço em que passei a realizar a análise dos documentos mudou radicalmente e passou da Sacristia da Capela ao Memorial que está em fase de organização no Colégio. Este Memorial consiste em uma sala relativamente estreita e longa, de formato retangular. Este local não está inteiramente pronto, mas já possui mesas de madeira para higienização e manuseio dos documentos, duas estantes, dois arquivos e um armário, estes últimos de metal.

A organização deste espaço vem se mostrando um desafio ao Colégio, o qual se mostra bastante interessado em preservar a sua História, principalmente após a aquisição do estabelecimento pela Metrocamp, cujos recursos vêm dando um novo

perfil à instituição. O interesse pelos documentos guardados pelo Colégio, mostra-se profícuo a esta pesquisa, assim como para outras, pois garantirá que estes materiais serão armazenados de forma apropriada e já catalogados, facilitando o trabalho do pesquisador.

Enquanto o Memorial se configura como um espaço para a preservação dos documentos históricos do Colégio, a sua simples existência já me possibilitou um local mais adequado à pesquisa, com uma mesa ampla o suficiente para a leitura dos documentos, o que não existia na Capela.

A seguir descreverei alguns dos muitos materiais que descobertos até o momento.

2. Os Materiais encontrados

A riqueza e a variedade dos documentos encontrados me surpreendiam a cada visita. Entre os materiais não há somente livros e materiais referentes ao cotidiano do Colégio, mas também outros tantos da vida pessoal de Dona Emília de Paiva Meira e Julie Villac, aluna do Progresso e diretora do Colégio Progresso de Araraquara. Há ainda muitos documentos da vida financeira da instituição e de sua diretora, como cadernetas de poupança e de conta corrente, títulos de propriedades e de compra de ações. Fotos de Dona Emília, seus familiares, de alunas, professores e do Colégio, além de álbuns das alunas formadas em diversos anos, principalmente das décadas de 30 e 40, são outros tantos materiais encontrados. Jornais completos, alguns de seus cadernos ou recortes colados e organizados de períodos diversos relatando sobre questões referentes à diretora e ao Colégio complementam os “achados” da Sacristia.

Observa-se, portanto, um farto e rico acervo somente na sacristia do Colégio, o qual venho organizando, naquilo que se relaciona com a minha pesquisa, auxiliando, simultaneamente, o próprio Colégio na catalogação destes materiais para o seu memorial.

Diante da quantidade de materiais e do período definido pela minha pesquisa, dediquei-me à descrição e catalogação dos materiais que englobem os anos de 1900 a

1937 e que estivessem mais diretamente ligados à história e ao cotidiano da instituição. Minhas atenções se voltaram, pois, mais para os diversos Livros de Atas; de Chamada, Matrículas (de alunos e exames); Livros de Notas e Faltas; cartas, as mais diversas para Dona Emília Meira, incluindo as enviadas por bispos e religiosos de Campinas; *Prospectos* de divulgação do Colégio; livros religiosos. Os documentos da vida financeira, assim como os jornais e fotografias, apesar de serem muito interessantes, não serão investigados por mim mais de perto, enquanto não se mostrarem necessários para a pesquisa.

Há, pois, material para muitas outras pesquisas, as quais podem dar uma atenção maior a estes documentos que também precisam de organização. O desafio e o trabalho são grandes, porém muito compensadores e interessantes. Pode-se falar literalmente em um mergulho no passado, pelo conteúdo e força que estes documentos trazem para quem está no presente.

Quanto aos livros didáticos e escolares de outras disciplinas, são escassas as referências a este tipo de material e tampouco a existência destes na Sacristia. Muito provavelmente uma grande quantidade deles foi recolhida para a restauração e catalogação, para a posterior disponibilização através da biblioteca, a qual também passa por uma ampla reorganização.

Tal fato não representa motivo de desânimo para mim, posto que a riqueza dos materiais encontrados me oferece novas perspectivas para a questão, já que o enfoque de minha pesquisa no ensino religioso aponta caminhos diferentes, nos quais o livro/manual didático/escolar não é um ponto de convergência desta modalidade do ensino.

Passemos, então, às formas de catalogação de alguns dos muitos materiais encontrados.

3. A Catalogação

O trato com os materiais começou pela seleção daqueles que abrangem o período de 1900 a 1937 e depois dividindo-os em, basicamente, três categorias maiores: aqueles referentes à **História do Colégio (Categoria 1)**, os referentes às **Práticas de ensino (Categoria 2)** e aqueles sobre o cotidiano e as **Práticas religiosas (Categoria 3)**. Dentro destes grupos os materiais são organizados em descritores que identificam alguma característica em comum, como os Livros de Atas dentro das práticas de ensino, os livros religiosos dentro das práticas religiosas e as cartas pessoais de Dona Emília Meira dentro da história do Colégio. Pelo fato desta diretora ter se destacado na sociedade campineira da época e por sua forte ligação com a instituição, é praticamente impossível deixar de relacionar sua vida com a trajetória do Colégio. As próprias cartas dirigidas a ela são de alunas e outras pessoas e instituições influentes, girando os assuntos em torno do Colégio Progresso demonstram isso. Também suas relações com a igreja local e sua devoção transparecem em muitos dos documentos encontrados, mostrando-se, portanto, importantes para a pesquisa.

Após esta seleção, analisei estes materiais com mais atenção e os cataloguei a lápis em papéis almaço, identificando-os e descrevendo-os brevemente, acrescentando eventuais observações pertinentes à pesquisa e ao Colégio. Um cuidado maior com o seu manuseio estava no uso de luvas, para não danificar os papéis.

Vale destacar que encontrei outros documentos dentro de alguns Livros de Atas, Termos de Visitas, etc., como cartas, boletins de alunas, listas do corpo discente e docente, entre outros, os quais foram identificados na descrição do material, identificando o número da página em que se localizam, sem retirá-los destes livros.

Comecei a catalogação pelos livros encontrados na estante de metal e nos livros religiosos dentro do armário embutido. Aí encontrei os Livros de Chamada (**Anexo 1**), de Matrícula (**Anexo 3**), de Atas de atividades do Colégio (**Anexo 5**) e Associações religiosas (**Anexo 18**), de Notas e Faltas (**Anexo 2**) e Termos de Visitas (**Anexo 4**) e os Livros religiosos (**Anexo 19**) com orações ou partituras para músicas religiosas. Muitos destes documentos trazem, na capa ou na lombada, o seu conteúdo, não exigindo que eu os diferenciasses entre si.

Uma característica comum a alguns destes documentos são as etiquetas datilografadas coladas na lombada dos livros encapados em papel pardo. Os livros com a informação na capa não estão encapados e possuem uma identificação, breve, a bico de pena. Isto significa que muitos destes livros foram organizados em período posterior àquele em que foram redigidos, aparentando alguma preocupação com a memória da escola em outros períodos.

Foi possível observar a reunião e organização de documentos comuns, como aqueles contendo a biografia de Dona Emília Meira ou a história do Colégio (**Anexos 6, 7, 9 e 10**), algumas cartas, papéis de ações e listas de alunas, unidas por grampos ou alfinetes, ou mesmo organizadas em pastas classificadoras com o conteúdo escrito na capa, sendo a caligrafia mais recente.

Outros materiais, por sua vez, precisaram ser identificados com algum código, o qual é constituído de letras e números. Nos **Anexos** estes documentos trazem um código de letras e números em negrito. Os *Prospectos* (**Anexo 15**) foram os primeiros materiais a receberem este código, contendo apenas um número e uma letra minúscula, diferenciando os *Prospectos* de uma mesma tiragem. Este código é escrito a lápis em tiras de papel de memória (tipo *Post-It*) com cola no seu verso, podendo ser descoladas sem prejudicar os documentos.

Posteriormente, alguns dos Livros de Atas das Associações Religiosas (**Anexo 18**) também foram identificados com o código **Ar** (= Associação religiosa) e um número. Nos **Anexos**, as iniciais estão sublinhadas no título do Descritor, deixando claro o código utilizado para catalogação.

A ordem em que estes materiais foram identificados não expressa necessariamente o ano de seu aparecimento, mas a ordem em que foram encontrados. Daí o fato de documentos mais antigos poderem ter um código maior do que outros mais recentes. Apesar de parecer desorganizado, optei por registrar os documentos desta forma, evitando perdê-los de vista em meio aos muitos materiais.

Os *Prospectos* supracitados foram encontrados em cerca de duas das cinco caixas de papelão localizadas sobre o móvel mais baixo na Sacristia. Nestas caixas encontrei as fotos, os papéis de ações e contas de bancos diversos, os jornais, livros religiosos dedicados a Dona Emília Meira, as pastas contendo cartas da vida religiosa,

inúmeros santinhos de retiros espirituais e lembranças de Comunhões ou pessoas falecidas, aquelas dirigidas a Emília Meira, a história do Colégio escrita por alunos, documentos pessoais de Julie Villac e pastas com brochuras da Pastoral.

Estes materiais todos também estavam parcialmente organizados, tanto que uma das caixas possui uma etiqueta com a inscrição “Emília Meira” e outra possui a inscrição “Julie Villac” (ambas digitadas no computador), separando os materiais destas duas senhoras. O conteúdo das caixas foi analisado e reorganizado, inicialmente em envelopes, os quais o Colégio deixou de providenciar, mas que devem ser novamente fornecidos após o cumprimento de algumas formalidades.

Nas caixas, nem todos os materiais foram organizados e catalogados, como é o caso das brochuras da Pastoral, as quais são das décadas de 60 e 70, os jornais e as fotografias, que exigem uma outra forma de tratamento. No caso das fotografias, seria interessante localizar os álbuns e livros dos quais foram retiradas.

Por outro lado, optei por catalogar alguns documentos de décadas posteriores ao período por mim investigado, pelos conteúdos que podem trazer alguns esclarecimentos, como alguns Livros religiosos (**Categoria 3, Anexo 19**). Identificarei estes materiais mais adiante.

Este constitui, portanto, o grande acervo identificado até agora no Colégio e que consegui organizar. Este trabalho exigiu uma rápida passada de olhos sobre os conteúdos dos materiais, porém não uma leitura mais detida e atenciosa. A análise destes materiais foi realizada em uma etapa posterior da pesquisa.

Capítulo 2

Uma Vida de Muitos Progressos: D. Emília de Paiva Meira

Esperança de Dias melhores

Era o seu caráter imaculado, e artista educadora, modelava as suas filhas d'alma, de tal forma e a seu jeito, que as tornava fortes esteios da sociedade moderna, pela sua projeção moral, aprimorava educação e sólida instrução

Discurso de Elza Penteado Pompêo de Camargo, sem data (posterior a 1937)⁴

Após conhecermos um pouco da História do Colégio Progresso Campineiro e do contexto em que ele foi fundado, pretendo analisar, no presente Capítulo, uma figura bastante marcante na trajetória deste estabelecimento: Dona Emília de Paiva Meira. Até hoje a lembrança da senhora paira pela atmosfera do Colégio, que, segundo consta nas versões oficiais divulgadas pelo mesmo, teria alcançado o sucesso dentro da sociedade campineira graças a esta dedicada senhora.

Dona Emília Meira nasceu na Parnaíba, no estado do Piauí em março de 1872, filha de João Florentino Meira de Vasconcellos e de Maria Augusta de Paiva Meira. O pai formou-se na Faculdade de Direito em Recife e teve forte atuação política na região, exercendo diversos cargos públicos, tanto no período do Império, como ministro, quanto durante a República, como deputado geral, juiz de direito e Ministro da Marinha (BITTENCOURT, 2002, p. 153).

Dona Emília era a quinta de seis filhos, sendo três homens e três mulheres. O irmão Sérgio Florentino era médico, João Florentino Filho era farmacêutico e fundou a Escola de Farmácia e Odontologia de São Paulo e Gentil Augusto, almirante da Marinha de Guerra do Brasil. Pelas profissões do pai e irmãos nota-se que Dona Emília pertencia à elite.

As irmãs Maria Amélia e Sarah não exerceram nenhuma profissão e sua vida se resumiu à dedicação ao casamento e aos filhos (idem). Em minhas buscas encontrei um caderno de Sarah Paiva Meira do Colégio Progresso do Rio de Janeiro, de 1889, de

⁴ Discurso datilografado em três folhas grampeadas, dentro de um caderno de espiral (HP8) que contém a inscrição *Saudades* na contracapa e traz artigos diversos da década de 20 a 60.

formato grande e capa dura marmorizada (**Categoria 1, Anexo 7**, Livro 142). Este caderno possui mapas desenhados à mão com uma precisão impressionante. Eu também encontrei um caderno similar, até mesmo na capa, de Dona Emília na Sacristia, porém este com programas dos Concertos realizados pelas alunas do Colégio Progresso Campineiro do período de 1906 a 1941, colados sobre os desenhos de mapas (**Categoria 1, Anexo 7**, Livro 31).

Julgo, pois, que estes eram cadernos de mapas utilizados pelas irmãs no Colégio Progresso do Rio de Janeiro, fundado por Eleonor Leslie Hentz em 1878. O Colégio, de inspiração norte-americana e protestante, seguia os métodos didáticos mais modernos, sendo uma referência para a educação feminina, relativamente escassa no período do Império (HAIDAR, 1972, p. 241). Estes cadernos atestam a passagem de Dona Emília por este Colégio Progresso do Rio de Janeiro, o qual lhe teria garantido a formação pedagógica.

Outro documento que encontrei na Sacristia do Colégio também relata um pouco sobre a trajetória escolar de Dona Emília. Trata-se do *Livro de Atas* do Grêmio Literário “Emília de Paiva Meira”, fundado em 15 de novembro de 1937, após o falecimento diretora, prestando-lhe, assim, uma homenagem (**Categoria 1, Anexo 7**, Material 147). O livro de capa dura de 50 folhas registra o discurso da aluna Iria de Lima Camargo às folhas três a seis, que versou sobre Dona Emília na segunda reunião do Grêmio, no dia 21 de março de 1938. Neste documento a aluna relata que Dona Emília Meira passara por diversos estabelecimentos de ensino em sua infância, entre os quais cita o Colégio Amparo em Belém do Pará, além de esclarecer que a diretora passou por outras escolas no estado de Minas Gerais e na cidade de Friburgo.

No Colégio Progresso do Rio de Janeiro, Dona Emília teria ingressado *ainda bem pequena, (...) onde sempre alcançou em todas as classes as melhores, os primeiros prêmios* (folha 4). Note-se a valorização da competição entre as alunas até quando se trata da diretora do Colégio, que em seus tempos de colegial também deveria se comparar com as colegas.

Segundo a aluna Iria, Dona Emília teria uma *vocação natural para o magistério* e esta vocação aliada ao *é o dom mais precioso a realçar todas as virtudes femininas - a modéstia* (folha 5) ter-lhe-ia garantido o sucesso na administração do Colégio

Progresso Campineiro, *sempre amparada pela animação e louvor das famílias que tiveram a ventura de lhe confiar as suas filhas* (idem).

Neste sentido, UHLE (1998) nos alerta para o fato da indicação de Dona Emília de Paiva Meira ao cargo de direção do Colégio representar uma escolha da elite dentro da própria elite, não aceitando alguém de fora, o que se nota pelas profissões do pai e irmãos de Dona Emília Meira. Diante do fracasso da diretora estrangeira, os fundadores do Colégio precisaram buscar uma educadora brasileira. Esta educadora, entretanto, não poderia ser de fora do círculo da elite, posto que o próprio Colégio se destinava às suas filhas. Estas famílias amparavam a obra da diretora e entregavam em suas mãos a educação de suas filhas.



O ar sereno da Diretora mais querida e lembrada do Colégio (Arquivo do Colégio Progresso, sem data).

Dona Emília de Paiva Meira contou, portanto, com o apoio da elite para chegar ao cargo da direção. O irmão Sérgio Florentino indicou a irmã ao amigo Orosimbo Maia, que praticamente obrigou Dona Emília a tomar a direção. A responsabilidade era grande, pois as alunas, exigentes filhas da elite, não aceitariam uma diretora que não fosse do seu agrado. Dona Ana von Maleszewska não teve sucesso entre elas e Dona Emília precisaria se mostrar diferente para dar continuidade à obra progressista, que não poderia ficar sem direção.

É interessante notar que na versão divulgada pelo Colégio Progresso Dona Emília seja a diretora de maior destaque, praticamente deixando apagada a imagem de Dona Ana von Maleszewska. A greve das alunas devida ao rigor excessivo de Dona

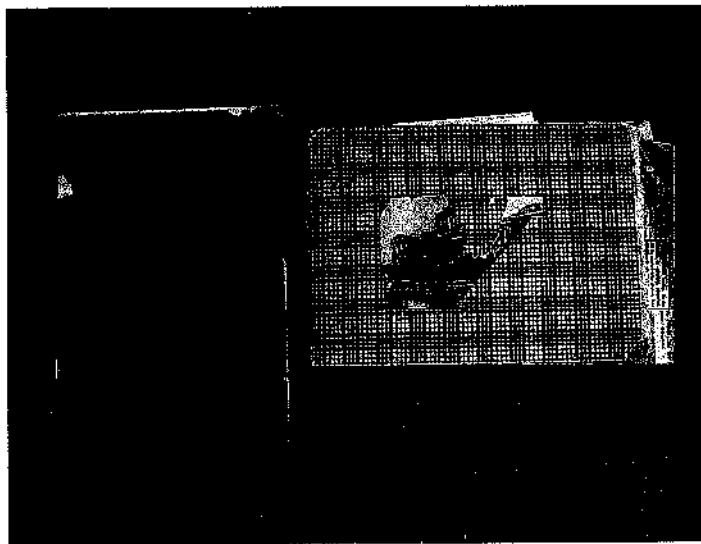
Ana gerou um mal-estar muito grande e colocou a existência do Colégio Progresso em xeque. Uma nova administradora precisaria se empenhar mais para tirar a impressão da outra diretora.

Dona Emília de Paiva Meira, segundo a história oficial, se mostrou um marco da mudança no Colégio, como atesta uma brochura pequena com uma capa de azul envelhecido, que cataloguei como **HP1 (Categoria 1, Anexo 6)**⁵: (...) *Com a nova direção o Colégio tomou o rumo do Progresso (si p.)*. Entre outras coisas, Dona Emília *Modificou alguns costumes, moralizando-os, e Expulsou os rebeldes* (idem). Neste texto destaca-se, portanto, o forte caráter moralizador de Dona Emília, que, entre apuros e sofrimentos *impossíveis de se descreverem* (idem), conseguiu estabelecer a ordem no Colégio permitindo alcançar o Progresso tão almejado.

Dona Emília foi indicada pelo irmão Sérgio Florentino de Paiva Meira ao amigo Orosimbo Maia para dirigir o Colégio Progresso. Segundo Bento Sampaio Vidal, em seu discurso à Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, publicado em uma pequena brochura com outros discursos sobre campineiros ilustres, impressa na Gráfica “Revista dos Tribunais”, de São Paulo (**HCF44, Categoria 1, Anexo 11**) que o próprio Orosimbo Maia (...) *dirigiu-se à residência de Emília de Paiva Meira e, sem preâmbulos, declarou-lhe que ela iria assumir a direção do Colégio Progresso Campineiro. Surpresa, ela quis discutir o caso, porém, Orosimbo Maia entregou-lhe a direção do Colégio que ela assumiu nesse dia 1º de agosto de 1902* (p. 7).

Sobre Dona Ana von Maleszewska o autor da brochura **HP1 (Categoria 1, Anexo 6)** ainda comenta que era *baixa, gorda, usava óculos* e que gostava da literatura, música e pintura. Tais gostos a fariam distrair-se de suas responsabilidades na direção do Colégio e o autor ainda relata que *Diziam que ela bebia*, difamando a imagem da primeira diretora, cujo trabalho não garantiu o destaque da instituição que administrava.

⁵ Este caderno traz a história contada em pequenos apontamentos, escritos por quem vivenciou as etapas iniciais desta instituição. Não é possível identificar o período exato em que o caderno foi preenchido, mas a última data em que acontecimentos foram relatados é 1919, girando a redação destes textos em torno desta época. A história da instituição é recontada em diversas esferas, as quais abrangem o período da fundação do Colégio, relatando os principais fatos até 1908, as festas de encerramento do ano letivo de 1910 a 1914, os prédios que abrigaram o Colégio, as tentativas de imprensa, as *frases célebres* proferidas por professoras e alunas, sem identificá-las e a *parte religiosa*.



Cadernos **HP1** e **HP8**, respectivamente: registros da História do Colégio Progresso através de lembranças manuscritas e recortes de jóias (Arquivo do Colégio Progresso).

Os deslizes desta diretora não garantiam a disciplina e o rigor necessários ao internato, deixando as alunas muito propensas à desobediência e às travessuras, como quando pegavam os alimentos enviados por parentes das colegas. Diante da incapacidade da diretora para a administração da instituição, ela foi demitida, sendo substituída por Zulmira Penteado, até que Dona Emília de Paiva Meira tomasse posse, em 03 de agosto de 1902. É interessantes notar que a história oficial conta que as alunas se queixariam justamente do *rigor excessivo* da diretora, realizando a greve, mas que na versão da brochura seria a falta de rigor que teria feito Ana falhar em sua missão.

Dona Emília precisava tomar posse da direção do Colégio Progresso, que se encontrava em uma situação de *emergência*, pois sua existência correria riscos se não encontrasse uma diretora que encabeçasse a obra carregada de tão nobre ideais. Cabia à Dona Emília superá-los, realizando-o através de seu *carisma*, uma qualidade extraordinária que mobilizaria a todos a levar o Colégio adiante. É possível afirmar que Dona Emília tenha exercido uma verdadeira *liderança carismática* no Colégio (WEBER

Para cada uma destas partes foram separadas algumas folhas do caderno, deixando folhas em branco para a seguinte.

apud BENDIX, 1986, pp. 238/239). Como foi observado anteriormente, a sociedade reconhece seu trabalho, glorificando-o até os nossos dias.

A versão oficial da História do Colégio destaca a capacidade de Dona Emília de superar as dificuldades iniciais e todas as outras que se seguiram com as mudanças de prédio do estabelecimento e os esforços para equiparar o Colégio aos oficiais. Ela certamente não o teria realizado sozinha, contando com o apoio de importantes instituições da sociedade. Estas instituições precisavam reconhecer a causa de Dona Emília e seu *carisma* muito contribuiu para conseguir sua atenção e adesão. Sua qualidade extraordinária, quase sobrenatural, emerge nestes documentos que destaquei anteriormente, posto que revelam o amor, o carinho, as saudades e o lamento por pela diretora do Colégio Progresso.

Sua figura torna-se, certamente, um marco para o Colégio, principalmente quando a sociedade entre os fundadores se desfaz e Orosimbo Maia, com que trabalhou associada nos primeiros anos, passa às suas mãos a propriedade do estabelecimento. Orosimbo Maia continua como avalista de Dona Emília até os anos 30 e a orientou durante a construção do prédio definitivo do Colégio, à Avenida Júlio de Mesquita, inaugurado em 1917.

A associação com Orosimbo Maia e a própria condição financeira relativamente boa permitiram a Dona Emília Meira erguer sua obra. Na cópia do Testamento (**Categoria 1, Anexo 11, HCF36**) que encontrei no Colégio consta que, além do edifício dos Colégios Progresso de Campinas e Araraquara, Dona Emília possuía ainda um sítio próximo ao Progresso Campineiro, um terreno em São Paulo, lotes em Itanhaém e uma casa em Campos do Jordão.

O documento **CPE11 (Categoria 1, Anexo 10)** não é uma carta pessoal de Dona Emília, mas provavelmente foi escrito por ela e era do seu interesse. A folha longa rasgada na lateral com um selo da Secretaria de Finanças do Estado de Minas Gerais ao *Capitão Delegado de Polícia de Barbacena* revela que a diretora pedia pelo seu montante na herança deixada pelo pai, O Conselheiro João Florentino Meira de Vasconcellos, em 1895. Tal pedido se mostra inusitado para a época, posto que Dona Emília exigia sua parte pessoalmente, sem um marido para representá-la. Além disso, a

posse deste dinheiro se mostra uma reserva importante para Dona Emília se sustentar e construir o Colégio, primeiro em Campinas e, em 1924, em Araraquara.

Em algumas cartas destinadas à diretora atentei para a relação de Emília Meira com figuras influentes na sociedade ou com as filhas desta elite. Uma destas cartas é do irmão, Sérgio Florentino Meira (idem, **CPE1**), datando de 1917, escrita em duas folhas grande timbradas da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo e que ainda possui o envelope. A carta trata da construção do prédio definitivo do Colégio, muito provavelmente prestes a ser inaugurado. Neste documento o irmão destaca que entrará em contato com Orosimbo Maia para acertar os últimos detalhes relativos a esta construção.

Outra carta, de Lino Reimão Hellmeister, do Banco Comercial do Estado de São Paulo, de 1930, datilografada em uma folha grande (idem, **CPE4**). Neste documento, pai de alunas, doador de uma máquina de costura e um piano, é um profissional com condições suficientes de fornecer tais instrumentos à escola, para o uso de suas filhas. Em outras palavras, trata-se de um indivíduo de posses. A presença desta figura importante dá legitimidade social ao Colégio e pode servir como auxílio precioso, principalmente quando se trata de questões financeiras, as quais, segundo BITTENCOURT (2002, p. 166), tornam-se mais difíceis na década de 30.

A presença da elite ainda é constatada pelos nomes das famílias que matriculam suas filhas. No Colégio encontrei 13 *Livros de Matrícula* (**Categoria 1, Anexo 3**) que trazem, além do nome das famílias, as profissões do pai, que deixam clara a presença de profissionais pertencentes à elite. O nome de famílias ilustres como Penteado, Hellmeister, Pompêo de Camargo e Souza aparecem em todos estes livros de capa dura encapada com papel pardo, que datam, predominantemente, do final da década de 20 e da década de 30. Nem todos estes documentos registram a profissão dos pais. Os livros da década de 30 trazem esta informação de forma mais sistemática e surpreende encontrar, entre as profissões de fazendeiro, industrial, médico, advogado também profissões como de cabeleireiro praticada pelo senhor Zoetan Kórczel, um húngaro (*Primário: Livro de Matrícula nº 2 - Admissão: 1936 a 1939*), assim como as profissões de mecânico e de doméstica, como a senhora Maria Aparecida Silveira (no mesmo *Livro de Matrícula*). Apesar de não estar esclarecido nestes livros forma da

matrícula destas alunas, é provável que algumas filhas de famílias mais humildes tenham ingressado no Colégio com bolsa.

A profissão dos pais indica realmente a presença marcante das filhas da elite no interior do Colégio, sem ignorar que nos meados da década de 30 começavam a ingressar moças de famílias não tão ilustres e que, assim como as elites, viam no estabelecimento um espaço importante para a formação de jovens virtuosas e cultas, características interessantes para atrair bons casamentos, elementos importante para a manutenção do *status* ou para elevá-lo.

Estes enviavam suas filhas de diversas cidades, até do Estado de Minas Gerais, para Campinas. MORASSUTI (1997, p. 55) também atentara para este fato e que mostra o reconhecimento da elite da qualidade do ensino ministrado pelo Colégio.

A elite se mostrou um pilar importante para a sustentação do Colégio Progresso Campineiro, auxiliando na construção de sua tradição e renome. O *carisma* da diretora garantiu o apoio não só das famílias da elite, mas também da Igreja católica em seu projeto, instituições estas que construíram o mito em torno da diretora tida como perseverante e dedicada.

Como diretora do Colégio Progresso a partir de 1902, Dona Emília Meira tornou-se notória em Campinas e também no Brasil por sua dedicação a esta instituição. Pouco se sabe sobre sua história anterior à vinda a Campinas e o que se sabe se entrelaça com a trajetória do Colégio Progresso, no qual permaneceu até 1937, ano de sua morte. Seu corpo foi sepultado no jardim do próprio Colégio, ao lado da capela, com a permissão excepcional da Prefeitura de Campinas. Esta foi, certamente, a maior homenagem e prova do reconhecimento da obra de Emília Meira, pois

(...) o povo compreende bem o trabalho ignorado, quase anônimo, de quem ensina a mocidade, vale dizer de que prepara o espírito das crianças que serão mães de amanhã, as orientadoras de seus irmãos, de seus esposos, de seus filhos, orientação para as virtudes cívicas pela grandeza da pátri, pelo aperfeiçoamento dos costumes, para a felicidade da sociedade (VIDAL, HCF44, p. 6).

Manifestações de pesar vieram de todo o país após a morte da educadora e muitas delas foram guardadas pelo Colégio. As saudades que as alunas e ex-alunas sentiam do Colégio também aparecem na grande quantidade das cartas de pesar

escritas a Flávia Campos da Paz (diretora substituta de Emília Meira) e Julie Villac (diretora do Progresso de Araraquara, como já foi apresentado no **Capítulo 1**).

O lamento, a tristeza, o pesar aparecem em todas as cartas e vêm de diversas cidades do país, principalmente do estado de São Paulo. *Em cada recanto do Brasil há pelo menos uma alma que abençoa pelos benefícios dela recebidos (Categoria 1, Anexo 11, HCF8)*. É assim que Lourdes Macedo se manifesta em sua carta, dando uma idéia do possível alcance da influência de Dona Emília.

A presença das mais diversas instituições, sejam elas familiares, como as cartas da ex-aluna Ivette a Dona Flávia Campos da Paz em um papel rosado com relevos (HCF6), ou a carta de Lourdes de Macedo a Dona Flávia também (HCF8), entre tantas outras de progressistas que enviam seus pêsames e revelam suas saudades à nova diretora, em folhas de bordas pretas, sinais de luto e pesar (HCF9, HCF10, HCF11). A instituição religiosa também não se mostra indiferente à perda desta senhora, como o demonstram a carta da Irmã Maria Pia a Dona Flávia, também manuscrita em uma folha de bordas pretas (HCF4) e a carta do Padre Theóphilo de Mello Coelho a Dona Flávia, manuscrita em um pequeno papel branco (HCF30). As instituições familiar, de elite, e a religiosa, formaram sua aliança com o Colégio e, com o falecimento de Dona Emília de Paiva Meira, despedem-se daquela que possibilitou esta união. Segundo BITTENCOURT (2002), *o culto de que foi alvo por muitos anos após sua morte são a comprovação do sucesso da pedagogia do exemplo* (p 168). *A pedagogia do exemplo*, segundo esta autora, se utiliza de modelos para inspirar os educandos, os quais devem se esforçar para imitá-lo, tomando sua conduta como exemplo.

Tal exemplo era muito importante, pois *a diretora era a representação da escola em toda a sua complexidade, ou seja, ela significava que a educação oferecida pela escola que dirigia tornaria as mulheres competentes e disciplinadas como ela, ao mesmo tempo que a escola era dada a conhecer (...)* (RODRIGUES, 2002, p. 148).

A postura de Dona Emília certamente auxiliou a inspirar a grande admiração por parte das alunas. Em meio aos muitos materiais da Sacristia encontrei um discurso da ex-aluna *Maria Clarice Marinho Villac* para o cinquentenário do Colégio Progresso (Categoria 1, Anexo 6, HP15), datilografado em quatro folhas brancas. Neste discurso a ex-aluna relata sua admiração por Emília de Paiva Meira, assim como suas virtudes:

D. Emília foi verdadeiramente uma alma de apóstola. Além de praticar ela mesma a perfeição evangélica, estimulava os outros a praticá-la, tanto professoras como alunas (p. 3).

O discurso ainda traz à tona sua relação muito filial com a diretora, cujas preocupações se voltavam bastante para esta “filha” mais arteira. Este é o cerne do livro **Clarita no Colégio (Categoria 1, Anexo 6)**, de Violeta Maria⁶, pseudônimo de Maria Clarice Marinho. Neste livro de capa dura de um verde marmorizado, *Clarita*, apelido de Maria Clarice de Azevedo (na obra), é uma menina que é matriculada por seu pai, Dr Azevedo, no Colégio por volta de 1914, quando teria cerca de doze anos.

O cenário principal do livro é o Colégio Progresso, no qual *Clarita* apronta diversas travessuras, sob o olhar, castigos e conselhos de Dona Emília de Paiva Meira. Há também capítulos dedicados às férias e à vida em família, mostrando os âmbitos principais pelos quais transitavam as alunas, além de oferecer um panorama do cotidiano do Colégio, repleto de saudosismo e nostalgia.

O comportamento exemplar de Dona Emília Meira transparece no livro e *Clarita*, enxergou na diretora a figura ideal na busca do bom caminho. Dona Emília aparece como uma grande conselheira à aluna muito travessa, que constantemente freqüenta seu escritório para ouvir seus sermões e refletir, sentada no banquinho ao lado do armário, sobre suas “más” ações. *Clarita* é uma aluna bastante aplicada nos estudos, porque afirma que gosta de estudar e o próprio Colégio despertaria este seu gosto, mas no que se refere ao comportamento, ela teria sérias dificuldades para se portar adequadamente. Como ela mesma descreve na obra, estava sempre a correr pelos corredores e perturbando as aulas com risadas, espirros e outras ações inusitadas. Dona Emília precisava chamar a atenção de Clarice várias vezes, tocando a alma da aluna, a fim de que esta enxergasse seus erros e procurasse se comportar melhor, apesar da dificuldade de concretizá-lo.

Nesta obra, fica claro o tom moralizador, que procura incutir nos leitores, assim como na própria *Clarita*, o comportamento exemplar, obediente e resignado. *Clarita* se mostra um desafio à diretora, que, com muito esforço, consegue concretizar os ideais

⁶ O livro não possui data da edição, mas o *Prefácio* é de 1945, o que me leva a acreditar que o livro foi publicado por volta dos anos 40.

da formação das moças, principalmente no que se refere à sua conduta, tanto na escola, quanto na sociedade, a qual estavam destinadas.

Maria Clarice Marinho não foi a única a creditar seu bom caráter à obra de Dona Emília. A diretora do Progresso também foi reconhecida no interior da sociedade campineira e não apenas por ocasião de sua morte. Há fontes impressas guardadas pelo Colégio que destacam a importância de Dona Emília também em vida, como o jornal *A Tribuna*, de 04 de novembro de 1925 (**Categoria 1, Anexo 6, HP8**)⁷:

A Excelentíssima Senhora D. Emília de Paiva Meira, com verdadeira inteligência e tato delicado que é alma feminina da mulher brasileira, derramando o perfume do amor e o carinho, fruto formoso do coração feminino, tem sabido se manter numa posição que a torna verdadeiramente credora, não só da infância, mas ainda, da nossa pátria, pois legitimamente ela representa, ao lado de tantas educadoras, a mesma futura grandeza de nossa mesma pátria (s/ p.).

A formação das moças de elite, futuras mães e esposas de uma nação em franco crescimento se mostrava uma tarefa árdua que Emília Meira conseguiu desempenhar de forma louvável, pelo que se observa da história tantas vezes recontada orgulhosamente pelo próprio Colégio Progresso Campineiro. Entretanto, Dona Emília não conseguiu este feito totalmente sozinha. Contava ela com o apoio de uma influente elite, da Igreja - principalmente a Congregação Salesiana - e de educadoras tão dedicadas quanto ela, das quais se destacam Madame Henry Blanc, Flávia Campos da Paz e Julie Villac, buscando imprimir sua marca na orientação pedagógica e nas diretoras que a sucederam.

⁷ Artigo [nº 32] está dentro de um pequeno caderno de desenho com espiral, com a inscrição *Saudade* na folha de rosto.

A Igreja Católica: De Aliada a Protagonista

Dona Emília de Paiva Meira é uma figura importante para o Colégio pelo novo rumo que deu ao Colégio, inserindo o catolicismo como prática religiosa em um estabelecimento que se pretendia laico por seus fundadores. Este fato, como já foi explicitado anteriormente, chamou-me a atenção e me levou a realizar esta pesquisa. A figura de Dona Emília relaciona-se, pois, não meramente ao Colégio em si, mas a toda uma postura religiosa de virtude e abnegação, aproximando-a de uma santa. Também é possível associar esta postura ao *carisma* que emanava desta senhora e mobilizava a todos para a sua causa (WEBER *apud* BENDIX, 1986, pp. 238/239).

Tal marca religiosa não esteve presente de forma tão forte desde a chegada da diretora, mas configurou-se com o passar dos anos, à medida que Dona Emília elabora seu próprio método pedagógico. Neste sentido, observa-se como a Igreja vai tomando seu espaço no interior do Colégio, deixando de ser uma mera aliada para tomar um papel de destaque.

A presença da religião católica se consolida no interior do Colégio se dá com a fundação da capela de São Luiz Gonzaga em 1906, no prédio do Largo do Pará, posteriormente comprado pelo Bispado de Campinas. Neste mesmo ano foi fundada a Pia União das Filhas de Maria, sob a direção de Madame Henry Blanc. O Padre que dirigia a União e zelava pela capela era o Padre Luiz Gonzaga Giúdice, diretor do Liceu Nossa Senhora Auxiliadora, da Congregação Salesiana.

A Pia União das Filhas de Maria teve ainda como diretor o próprio Bispo diocesano, D. Baptista Corrêa Nery, apontando aí a relação de Dona Emília com figuras importantes da religião católica em Campinas. Outros diretores do Liceu também dirigiram a Pia União e as demais Associações religiosas que foram fundadas no Colégio, como a Associação dos Santos Anjos, a Liga Eucarística e o Oratório Festivo Dom Bosco.

Não se pode ignorar, entretanto, que a marca religiosa se fortaleceu na instituição no período em que os fundadores ainda tinham uma forte relação com a instituição, como proprietários e diretores. Apenas em 1914 o Colégio passa, integralmente, para as mãos de Dona Emília Meira. A religião entra no Colégio,

portanto, com a anuência de seus fundadores. O vácuo moral produzido pelo positivismo precisava ser preenchido e a religião católica realizava-o de forma satisfatória, formando as moças para o ambiente doméstico e social, sem manchar sua virtude (BITTENCOURT, 2002, p. 155).

A diretora, entretanto, não se mostrava absolutamente segura de seu caráter virtuoso, como nos mostra BITTENCOURT (idem) em seu artigo "Educação escolar: Um Compromisso da Igreja com a Família". Entre o período de 1919 e 1920 a diretora se comunicou por correspondências com o Padre Vicente Maria Moreira, pedindo auxílio espiritual e conselhos. A autora do artigo destaca nestas cartas as *pedagogias do exemplo, do silêncio e o santo abandono* à vontade divina, posturas estas que deveriam ser seguidas também por Emília para alcançar sua própria paz espiritual.

Na esfera religiosa, Dona Emília se mostrava bastante dedicada, pertencendo ela à Ordem Terceira de São Domingos na época em que se correspondia com o Padre Vicente Maria, procurando inscrever novas pessoas nesta organização. Dona Emília Meira também participava das reuniões das Associações religiosas organizadas no Colégio, sendo inclusive a diretora da Pia União, como pode constatar nos *Livros de Atas das Associações religiosas (Categoria 3, Anexo 18)*.

O Padre procurava inspirar a diretora com os exemplos dos Santos e exortava-a a se deixar abandonar nas mãos de Deus, permitindo que Sua vontade fosse cumprida. Dona Emília parece ter seguido à risca estes exemplos, tornando-se sua postura virtuosa uma marca reconhecida por todos. Sua virtude também serviu como um modelo a ser seguido, aproximando-a de uma Santa, ou, mais na esfera da realidade, de uma Madre Superiora, cuidando de suas filhas. *Conselhos, consolação, encorajamento e, principalmente, exemplos tudo isso era o que a madre superiora trazia para a comunidade, reproduzindo o papel de mãe, de Maria (...)* (LEONARDI, 2002, p. 159). Mesmo não tendo sido uma Madre Superiora, como a autora da citação coloca para o Colégio Puríssimo Coração de Maria, de Rio Claro, Dona Emília tinha uma ascendência grande sobre suas alunas e sobre todos que a conheciam, servindo de modelo de virtude e abnegação. Mais uma vez é possível destacar o *carisma* que esta senhora constrói em torno dela, passando a todos que a cercam esta imagem quase santa, repleta de boas intenções.

Apesar de solteira e sem filhos, Dona Emília tinha no Colégio Progresso a sua família, com suas inúmeras filhas, as quais jamais se esqueciam de sua Mãe. Esta afirmação é confirmada por Cecília R. Guilherme (**Categoria 1, Anexo 11, HFC12**): *D. Emília foi para as Progressistas mais que uma educadora, uma Mãe* (grifo meu). Em última instância, Emília não deixou de ser reconhecida no seu papel feminino, qual era, o de zelar pelas suas “filhas”, assim como qualquer boa mãe o faria (RODRIGUES, 2002, p. 148), embora ocupasse um cargo comumente destinado aos homens (ALMEIDA in SOUZA e VALDEMARIN, 1998).

Estando as moças em um internato, o afastamento da verdadeira mãe estreitava os laços maternos com a diretora, a boa e carinhosa conselheira. Nas cartas de caligrafia caprichosa das alunas Iria (a mesma que escrevera o discurso), de 1935 (**Categoria 1, Anexo 10, CPE2**), Maria Isabel Silva, de 1930 (**CPE3**), Maria Milta Gabrielli (**CPE9**) e Dory Whitaker Benjamim (**CPE10**), ambas de 1937, é possível notar a relação íntima com sua diretora. O orgulho, as saudades do Colégio no período de férias transparecem nos textos destas correspondências.

A comunicação tão íntima e aberta com a diretora, aproxima sua figura à materna, posto que o tom das cartas é bastante pessoal. O carinho e a prestação de contas do que as “filhas” estão fazendo, longe da escola, ressaltam o caráter materno de Dona Emília. A preocupação com a saúde de Dona Emília (**CPE9** e **CPE10**), já na véspera de seu falecimento, aproxima-se da apreensão das filhas com sua mãe, rezando por ela e aconselhando o repouso.

Dona Emília aproximava-se, portanto, da figura materna, mesclada com a religiosa. Neste sentido, tendo em vista também a afinidade de Dona Emília Meira com a Congregação Salesiana, é interessante destacar o papel que o diretor assume no interior desta Ordem religiosa: *O Diretor é responsável por todo o andamento espiritual, escolar e material da Casa. (...) O Diretor está junto. Mais do que Superior, é Pai. Representa na educação a parte do coração: é o chefe, o responsável, o pai da casa* (SANTOS, 2000, p. 248, grifos do autor).

Enquanto, no interior da pedagogia salesiana, voltada para meninos órfãos e de rua, o diretor assemelha-se a um pai, que aconselha e quer bem aos seus *filhos*, Dona

Emília, em um internato voltado à elite feminina, igualmente se preocupa com suas alunas e seu bem-estar, como se fosse sua mãe.

A forma como lidava com as travessuras de *Clarita* também é significativa e evoca algumas características do *Método Preventivo* salesiano, que se baseia no fazer-conhecer das regras para a vigilância da conduta dos alunos. Este método procura inspirar o amor e a confiança entre os alunos, a fim de que procedam corretamente. A vigilância ocorreria em todas as esferas e no livro existe a referência à inspetora ou vigilante.

Segundo SANTOS (2000)

o conceito preventivo apóia-se na mobilidade real do jovem que, facilmente, se esquece das normas disciplinar-se punitivas e se torna merecedor e culpável de uma falta cuja gravidade jamais tinha pensado no momento em que a cometeu (...) (p. 162).

Daí advêm os três pilares deste método idealizado por Dom Bosco: a Razão, a Religião e a *Amorevolezza*, a fim de atingir as três principais metas da vida do educando, que são a santidade, a sabedoria e a saúde. Existe, portanto, uma preocupação com o espírito e o corpo, como essenciais para o engrandecimento intelectual. Para alcançar o sucesso, tanto no plano religioso, quanto racional, é necessária a *amorevolezza*, que seria um sentimento de *bondade vigilante*, de *amor exigente* (MESCHIATTI, 2000, pp. 76/77), criando um laço de confiança entre educador e educando. É este sentimento amoroso, familiar que dá ao diretor um caráter paternal, de cumplicidade.

O reconhecimento da mãe em Dona Emília Meira por *Clarita* fica explícito neste trecho: *Oh! Querida Dona Emília! Que zelo pela alma de sua aluna, mais que aluna, filha! Porque só uma mãe tem os cuidados e os zelos que esta santa diretora tinha pelas suas alunas! (Clarita no Colégio, [s.d.], p. 201).* Dona Emília mostra-se tão dedicada, que se assemelha a uma santa, abandonando-se a si mesma por um propósito maior, por suas “filhas”, como Maria o fizera por seu filho Jesus, sentimento este também esboçado pelas Madres Superiores, do Colégio Puríssimo Coração de Maria (LEONARDI, 2002, pp. 158/159).

No livro, então, a diretora Dona Emília de Paiva Meira procurava punir Clarice fazendo-a refletir sobre seus erros, sem apelar para castigos físicos. A moralidade religiosa emerge de forma acentuada em seus conselhos, como no primeiro sermão que *Clarita* ouve, após colocar os tomates e cebolas de sua refeição no prato de sua irmã. Dona Emília ressalta que a menina deveria ser o anjo da guarda de sua irmã menor ao invés de atormentá-la. A figura angelical serve de estímulo a Clarice, que deseja aproximar-se dela e, fazendo com que pese melhor suas ações perante a irmã (**Clarita no Colégio**, [s.d.], pp. 16 - 18).

Estando o Colégio nas mãos de tão diligente educadora, a formação por ele oferecida visava um aprimoramento cultural que não se restringiria à economia doméstica, mas de um contato com a cultura letrada e erudita, privilégio de uma pequena elite, defendida pelos *intelectuais literários* (FORQUIN, 1993). É interessante, portanto, procurar delinear o estilo pedagógico de Dona Emília Meira, que não se limitou a uma formação moral exemplar ou tampouco uma formação meramente científica e enciclopédica. Procuremos, pois, delinear melhor no que consistia formação oferecida pelo Colégio Progresso Campineiro.

Uma Pedagogia Peculiar: Os “Progressos” de Dona Emília Meira

De pedagogia, talvez, não tivesse ela lido muito mas, pergunto eu que ciência ou que arte de ensinar, conheceram, antes dela e antes de nós, Pestalozzi, Tolstói, o Santos de Assis, Anchieta e mais do que todos eles e se sobrepujando a todos eles, o maior, o único, aquele mestre que limitou todos o seu sistema em dizer:

“Deixai vir a mim as criancinhas, porque deles é o Reino de Deus”!!
(Discurso da aluna Dinah de Mattos Pimenta)⁸

Uma fonte riquíssima para conhecermos melhor as inclinações pedagógicas de Dona Emília encontra-se os *Prospectos* (**Categoria 2, Anexo 15**) de divulgação encontrados no próprio Colégio e que são de períodos diversos, inclusive de outros Colégios Progresso que não o de Campinas. Este tipo de material traz características

⁸ 2ª Ata do Grêmio Literário “Emília de Paiva Meira”, realizada em 21 de março de 1938, f. 6 - Livro de Atas do Grêmio Literário “Emília de Paiva Meira” (**Categoria 1, Anexo 7, Material 147**).

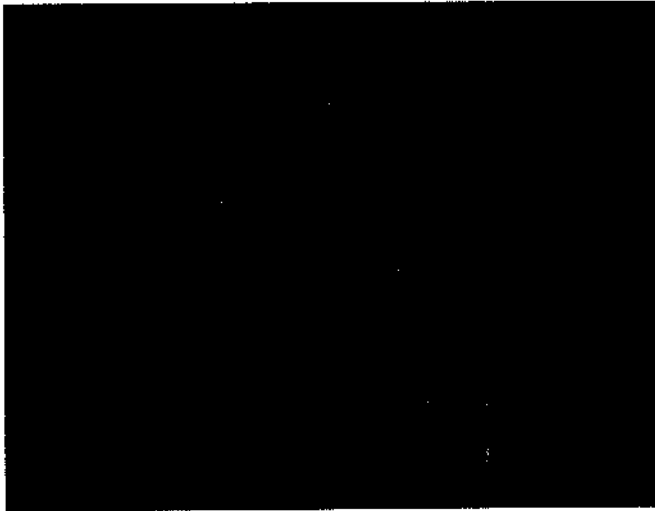
da instituição, divulgando-a, a fim de lançar as bases para o “laço de confiança” que se forma entre esta e a família.

Neste aspecto é importante destacar os diversos prédios nos quais funcionou o Colégio Progresso, posto que em muitos dos *Prospectos* não consta o ano da impressão ou da divulgação do material. No período em que *Clarita* foi matriculada, isto é, em 1914, o estabelecimento se encontrava à Rua José Paulino, em três edifícios anexos, os quais formavam o antigo Colégio Florence, que funcionara em Campinas de 1863 a 1889 (RIBEIRO, 1996). Antes de estar neste prédio, o Colégio chegara a funcionar na Chácara Guanabara, à Avenida Barão de Itapura, local em que fora fundado, mudando-se em 1905 para o Largo do Pará. O edifício foi comprado para a fundação do Bispado de Campinas em 1908 e, em 1909 o Colégio foi provisoriamente instalado à Rua José Paulino, até que pudesse ser transferido para o prédio definitivo à Villa São Luiz, no bairro do Frontão, atual Avenida Júlio de Mesquita, em 1917. MORASSUTI (1997) também registra que o Colégio passou por estes quatro endereços distintos, sem, entretanto, mencionar que a Villa São Luiz é o mesmo local do Colégio atualmente, à Avenida Júlio de Mesquita.

Neste ponto ainda é importante destacar que Dona Emília de Paiva Meira vivenciou, de fato, diversos “Progressos”, sendo eles o Progresso Campineiro, que a tornou notável na sociedade, o de Araraquara, filial do Campineiro, o Progresso do Rio de Janeiro, no qual estudou e, por fim, o Colégio Progresso de Curitiba, menos conhecido por todos. Neste sentido, a indicação de Dona Emília Meira também significava a escolha de uma senhora com experiência em “Colégios Progresso”. Segundo MORASSUTI (1997), os primeiros programas de estudos do Colégio Progresso Campineiro, quando dirigido por Emília, buscaram sua inspiração no Colégio Progresso do Rio de Janeiro. Analisemos mais de perto estes “Progressos” na vida da diretora.

Nas minhas investigações no Colégio encontrei *Prospectos* de divulgação de épocas diversas, inclusive dos primeiros anos de direção de Dona Emília Meira. Os quatro *Prospectos* de 1902 (**3a**, **3b**, **3c** e **3d**) apresentam uma semelhança bastante grande, no conteúdo, com um *Prospecto* de 1897 (**10**) contendo os “Estatutos do Colégio Progresso de Curitiba”, fundado e dirigido por Dona Emília Meira.

BITTENCOURT (2002, p. 153) registra em nota de rodapé que na genealogia da família de Dona Emília consta que ela, de fato, administrou este Colégio, porém, até o presente momento, não me foi possível descobrir maiores informações sobre os motivos que trouxeram esta senhora a Campinas, na qual, aparentemente, já morava quando Orosimbo Maia veio *convocá-la* a tomar posse da direção do Colégio Progresso.



O segundo "Progresso" de Dona Emília: os Estatutos do Colégio em 1897(Arquivo do Colégio Progresso).

O discurso da aluna Iria de Lima Camargo, no *Livro de Atas do Grêmio Literário "Emília de Paiva Meira"* (**Categoria 1, Anexo 7, Material 147**) confirma que a diretora fundara este estabelecimento em Curitiba, mas não pôde continuar a residir na cidade. Somente alguns anos depois ela chegou em Campinas. Entretanto, maiores esclarecimentos sobre os motivos que levaram Dona Emília a abandonar sua obra em Curitiba e o que a levou a Campinas são-nos, até o presente momento, desconhecidos.

Neste *Prospecto* de Curitiba (10)

O "Colégio Progresso" tem por fim proporcionar a suas alunas um ensino prático, completo e imprescindível para que possam elas facilmente compreender, e de um modo hábil e rigoroso desempenhar os árduos encargos da vida.

Adotando o "Colégio Progresso" no seu plano geral de estudo, os processos mais modernos seguidos nos países adiantados, com modificações adequadas ao nosso meio social, exclui tudo quanto não apresentar vantagem prática imediata para proporcionar às alunas, uma soma de conhecimentos indispensáveis a uma senhora, seja qual for sua posição social (s/ p.).

O texto dos *Prospectos 3a, 3b, 3c e 3d* não é muito diferente, principalmente na ênfase de um ensino *prático* destinado à formação das moças, as quais precisariam mais deste tipo de conhecimento para administrar o lar. É importante salientar que tal formação não distinguiria as moças pela classe social, apesar dos Colégios destinarem-se primordialmente à elite:

Este Colégio, caprichosamente montado em vasto e elegante edificio, circundado de frondoso parque, no aprazível e salubérrimo bairro do Guanabara, tem por fim proporcionar às suas alunas não só o ensino teórico conveniente ao seu sexo, como também, e mui especialmente, a mais completa e esmerada educação prática, para que possam, hábil e bem orientadamente, desempenhar-se dos árduos encargos da vida, seja qual for a posição social em que se achem (S/ p.).

Contudo, neste trecho percebe-se também a importância que é dada à higiene do espaço, zelando pela saúde das alunas. Tal caráter higienista emerge novamente nos *Prospectos 14a, 14b e 14c* de 1934, quando o Colégio já se localizava à Avenida Júlio de Mesquita. Nestes *Prospectos* menciona-se a presença de gabinetes médico e dentário, para cuidar da saúde das internas (pp 8/9), além da alimentação balanceada, (...) *com boa variedade de legumes* (p 10). Um texto idêntico é encontrado nos *Prospectos 16a e 16b*, de 1937.

Quando se compara o conteúdo deste material com o do *Prospecto 3 (a, b e c)*, de 1902, é possível identificar tópicos similares ao *Prospecto 10*, como o Curso de estudos, a preocupação com as visitas, a disciplina, as reclamações, o enxoval, a saída das alunas, os boletins mensais e os exames anuais. No *Prospecto* do Colégio Progresso de 1902 (3), já há uma estruturação dos cursos oferecidos, com o primário em dois graus e o secundário. No *Prospecto 10* há um quesito destinado a esclarecer sobre as correspondências recebidas pelas alunas (...) *toda correspondência será vista pela diretora (...)*, (p. 12). Outro sobre a certificação das alunas ao concluírem o curso. Já nos *Prospectos* de 1902 existe uma preocupação maior em esclarecer sobre os *boletins mensais* e os *exames anuais*, dando mostras da importância da constante avaliação das alunas. Os muitos *Livros de Atas* que encontrei (**Categoria 1, Anexo 5**) indicam que a quantidade de exames era realmente grande, possivelmente causando

os mesmos *calafrios* sentidos pelas alunas do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio em Itu (SANTOS, 2004, p. 83).

Neste *Prospecto* não há referência ao nome da diretora, levando a crer que o ano de 1902 teve uma substituição, feita às pressas, com incertezas quanto à sucessora de Dona Ana von Maleszewska.

A preocupação com a saúde física das meninas já está presente nos "Estatutos do Colégio Progresso de Curitiba", no que se refere às aulas de ginástica, (...) *como meio de desenvolvimento físico, e também, como meio reparador de uma fraca constituição, substituindo uma natureza fraca e raquítica por outra robusta e bem constituída* (pp. 6/7). Nos demais *Prospectos* ela já não é motivo de destaque.

Outro texto que mescla os do Progresso de Curitiba e os de 1902 (**3a**, **3b** e **3c**), destacando o caráter prático da educação, além do ensino teórico adequado ao sexo feminino, encontra-se nos *Prospectos 7a* e **8a**, **8b** e **8c**, quando este estava na Rua José Paulino, todos impressos na Tipografia "Escolas Profissionais Salesianas". *Clarita*, em sua trajetória escolar, vivencia o Colégio neste espaço. Estes *Prospectos* possuem a capa de papel laminado rosa e os *Prospectos* da categoria **8** trazem uma foto da fachada do Colégio, além da inscrição: "Colégio Progresso Campineiro - Internato e Externato para o sexo feminino".

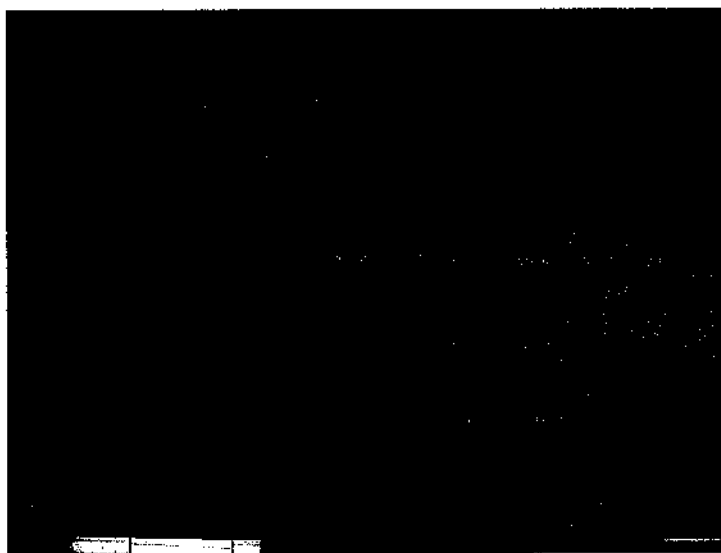
Pela Tipografia destes *Prospectos* identifica-se a afinidade desta Congregação com o Progresso não só na orientação religiosa, mas na própria divulgação do estabelecimento. BITTENCOURT (2002, p. 154) já indicava a *estreita relação* entre o Colégio e o Liceu Salesiano, podendo ser identificado também em seu testamento (**Categoria 1, Anexo 11, HCF36**), o qual exige que a Sociedade Brasileira de Educação e Instrução de Meninas seja entregue aos padres salesianos se esta não mantivesse o ensino religioso.

Na obra **Clarita no Colégio** os estudos também aparecem e mostram que a formação não se voltava necessariamente à esfera doméstica. Além do francês, identifica-se na obra as aulas de português, inglês, física, piano, ginástica. Uma disciplina que se aproximaria mais da esfera doméstica, citada na obra, é a de trabalhos manuais e trabalhos artísticos, na qual *Clarita* borda uma almofada a muito

custo, mas que é compensado pela beleza do resultado (**Clarita no Colégio**, [s.d.], p. 134).

A qualidade do ensino é ressaltada em alguns momentos da obra, principalmente quando a prima de *Clarita*, Maria do Carmo, é matriculada no Colégio pelo seu tio. A fluência do francês de *Clarita* o teria convencido do bom ensino ministrado na instituição (**Clarita no Colégio**, [s.d.], p. 65).

Clarita também estudou no prédio definitivo do Colégio Progresso, até 1920. Deste prédio à Avenida Júlio de Mesquita, conhecido à época como "Villa São Luiz", encontrei os *Prospectos* 4 (a, b, c, d e e), 6 (a e b), 9, 11 (a, b, c e d), 12 e 13 (a, b e c), podendo se observar uma certa padronização. A capa destes *Prospectos* é idêntica, na inscrição e em seu formato, apenas com alterações na cor do papel, podendo ser rosada (*Prospectos* 4), azulada (*Prospectos* 6) e bege (*Prospecto* 9). Todos indicam que o Colégio Progresso seria um *Internato e Externato para Meninas* e são em formato de brochura. As folhas centrais destes *Prospectos* trazem fotos dos pátios dos recreios e dos fundos do Colégio, dando mostras do local saudável e quase idílico que as moças encontrariam neste templo de ensino.



Os *Prospectos* (de cima a partir da esquerda) 4, 5, 6, 9, 11, 12, 13: registros da pedagogia adotada e divulgada pelo Colégio Progresso (Arquivo do Colégio Progresso).

Semelhantes aos exemplares destas categorias, localizei ainda seis *Prospectos*, reunidos na categoria 5 (a, b, c, d, e, f) cuja capa possui detalhes na decoração

ligeiramente diferentes aos daquelas categorias. Estes *Prospectos* da categoria **5** não trazem o nome da Tipografia que os imprimiu, porém, pela semelhança do conteúdo, foram produzidos em épocas próximas aos supracitados.

Quanto ao conteúdo de todos estes documentos, pude encontrar muitos aspectos interessantes. Nos *Prospectos 7 e 8* os itens presentes são: *Curso de Estudos, Curso Primário de 1º Grau, Curso Primário de 2º Grau, Curso Secundário, Tempo Escolar, Saídas e Entradas, Visitas, Reclamações, Contribuições por Semestre, São pagos à parte, Jóia⁹, Enxoval.*

Nos *Prospectos 4, 5 (a, b, c, d, e e f), 6 (a e b), 9 (a e b), 11 (a, b e c), 12a e 13 (a e b)* há os itens: *Instalação, Curso de Estudos, Curso Primário de 1º Grau, Curso Primário de 2º Grau, Curso Secundário, Exames gerais e Prêmios, Notas e Recompensas, Tempo Escolar, Recompensa para as boas alunas, Saídas e Entradas Mensais, Visitas, Reclamações, Contribuições, Jóia, Enxoval.*

Cada um destes itens procura esclarecer aos pais como o Colégio procede na educação de suas filhas e informa os valores das mensalidades e os materiais necessários à vida do internato, o que inclui uma série de roupas e até colchão. Nos *Prospectos* da Villa São Luiz existe um maior detalhamento de informações com relação aos *Prospectos 7 e 8*, principalmente no que se refere às recompensas e premiações, apontando para a presença da emulação entre as alunas, no sentido de todas buscarem seu melhor desempenho.

Entretanto, os *Prospectos 4, 5 (a, b, c, d, e e f), 6 (a e b), 9 (a e b), 11 (a, b e c), 12a e 13 (a e b)* já não trazem um detalhamento maior quanto à *formação* que se pretendia desenvolver no Colégio, da mesma forma que se encontra nos *Prospectos* anteriores aos da "Villa São Luiz". No decorrer dos anos os *Prospectos* acabam se limitando a trazer os currículos estruturados em cada nível - primário e secundário, detalhando como as matérias seriam lecionadas. A título de exemplo, no *Prospecto 6* temos as seguintes saberes e disciplinas:

Primário 1º grau: línguas portuguesa, francesa e inglesa - exercícios variados e redação; ensino intuitivo dos elementos de ciências naturais;

⁹ A *Jóia*, ou *Jóia de Entrada*, provavelmente equivaleria à atual taxa de matrícula, paga além das mensalidades.

aritmética prática - frações e problemas simples, noções de desenho linear e à mão livre; geografia - em especial o Estado de São Paulo; caligrafia; história do Brasil e sagrada; religião; música e solfejo; exercícios calistênicos; trabalhos de agulha.

Primário 2º grau: línguas portuguesa, francesa e inglesa - exercícios de composição e redação em diversos estilos; aritmética - álgebra e princípios de geometria plana; geografia física, política, corografia do Brasil, cartografia; princípios de ciências naturais (biologia, zoologia, física); desenho artístico; história universal e do Brasil; música e solfejo; religião; exercícios calistênicos; trabalhos de agulha e artes modernas.

Secundário: línguas portuguesa, francesa e inglesa com suas respectivas literaturas; latim e literatura em geral; física, química e história natural; geometria, álgebra e trigonometria; psicologia e lógica; grego, alemão, italiano e pedagogia (são facultativos), pintura a óleo, aquarela, bordados e trabalhos artísticos (S/ p.).

Observa-se um currículo bastante completo destinado às moças, oferecendo noções as mais diversas de todas as ciências possíveis, sem excluir os trabalhos manuais, tão adequados, à época, ao sexo feminino. Mesmo disciplinas como a psicologia e a pedagogia são interessantes para este sexo, pois a ele caberia educar os filhos no lar (HELLER, 1997, p. 50). Há, desta forma, uma preocupação em oferecer uma gama ampla de disciplinas às moças, permitindo-lhes o contato com as ciências mais variadas, garantindo a pincelada cultural, marca desta elite burguesa.

Deste *Prospecto* em diante, os tópicos dos demais não se altera profundamente, apenas com a criação do Curso Normal e do Conservatório Musical Santa Cecília, os quais são anunciados nos *Prospectos* 14 (a, b, c e d) e 15, de 1934 e 1933, respectivamente.

E, em meio à ciência presente no currículo, não deixa de existir um espaço para a religião, o catecismo e a história sagrada. Estas disciplinas estão presentes no primário, porém, estão presentes também, indiretamente, na disciplina de latim, do curso secundário. Tal afirmação é comprovada por um caderno de capa dura, encapado com papel pardo, de 1931, no qual estão listados os *Livros adotados (Categoria 1, Anexo 7, Material 143)*. Um dos livros de latim intitula-se *Historiae Sacrae*, isto é, a história sagrada entrava nesta disciplina também.

Também encontrei *Prospectos* de 1900, quando o Colégio recém-fundado estava localizado à Chácara Guanabara, sob a direção de Ana von Maleszwska. A numeração destes *Prospectos* é 2 e encontrei três exemplares desta tiragem (a, b e c). Os *Prospectos* de 1900 trazem a *Finalidade do Ensino, Matérias, Contribuições, Jóia de*

entrada e o *Enxoval* e são idênticos àqueles do *Prospecto 1*, do Colégio Progresso em São Paulo, em 1897. Fica clara a inspiração de Ana von Maleszewska na instituição em que ministrara anteriormente e, muito provavelmente, a intenção dos fundadores do Progresso Campineiro era, de fato, trazer a mesma estrutura do Colégio em São Paulo para Campinas.

Analisando as disciplinas destes *Prospectos*, nota-se algumas mudanças de matérias com o passar do tempo, porém sempre com a preocupação em *proporcionar a meninas uma educação prática, completa e esmerada, correspondente à mais elevada posição social, bem assim prepará-las para o zeloso e inteligente desempenho de seu futuros deveres da vida.* (*Prospecto 2*, s/ p.).

No currículo do *Prospecto 2*, de 1900, encontra-se os seguintes saberes escolares:

Leitura, noções de gramática, declamação, caligrafia, aritmética, geografia, cosmografia, história Universal e do Brasil, história natural, geometria, doutrina cristã e história sagrada, línguas portuguesa, francesa e inglesa e alemã, teórica e praticamente, desenho piano e canto, trabalhos de agulha com todas as especialidades e ginástica sob o ponto de vista higiênico.

Dedica-se um cuidado especial à música e às línguas (s/ p.).

As matérias deste *Prospecto* não estão divididas pelas séries, como acontece nos *Prospectos* posteriores. Além desta diferença mais marcante, observa-se que o ensino da língua alemã foi suprimido do currículo do Progresso. As demais disciplinas são bastante semelhantes, procurando abranger ciências diversas, porém nos *Prospectos* em que Dona Emília estava na direção existia uma preocupação em oferecer estas disciplinas segundo graus de dificuldade. Ao avançarem no curso, as moças adquiriam um contato com as ciências mais específicas, como a física e a química e se dedicavam à literatura produzida em cada língua, enquanto nas séries iniciais as meninas tinham um contato com as matérias mais amplas e gerais, exercitando-se na gramática e na ortografia das línguas. Nos *Prospectos* de 1900 não existe esta preocupação em demonstrar as etapas a serem percorridas pelas alunas nas disciplinas.

Por outro lado, no que se refere à formação religiosa, nota-se que, mesmo no currículo organizado por von Maleszewska, a doutrina cristã e a história sagrada

aparecem como matérias a serem lecionadas, garantindo a formação moral das moças. A atenção maior dada à música e às línguas deixa claro que as ciências não estavam, de fato, destinadas ao intelecto feminino, bem ao gosto do positivismo e do catolicismo.

Em outras palavras, tinha-se em mente:

Uma formação sólida nos princípios católicos, uma cultura geral bastante refinada e, finalmente, uma sociabilidade polida - essa tríade de objetivos colocava a composição ou "gênero epistolar" na posição de recurso didático fundamental, e relegava à Geografia, às Ciências, enfim, às "reálias", na linguagem do Ratio [Studiorum]..., a tarefa de fornecer às alunas os dados complementares para sua cultura geral (MANOEL, 1996, p. 92).

Como já foi explicado em itens anteriores, a ênfase no ensino católico torna-se maior com a chegada de Dona Emília Meira, porém, nos seus *Estatutos do Colégio Progresso de Curitiba (Prospecto 10)*, no que tange o ensino religioso, observa-se o seguinte:

Primário 1º grau: ensino intuitivo dos elementos das ciências naturais, incluindo noções de jardinagem; exercícios escritos e orais nas línguas portuguesa, francesa e inglesa - composição de frases simples; primeiras noções de geometria - orientação, exercícios nas quatro operações de aritmética - cálculo mental, primeiras noções de frações por meio de problemas simples; desenho linear e à mão livre; caligrafia; catecismo (facultativo); música e solfejo; calistenia e ginástica; trabalhos de agulha e manuais próprios ao sexo feminino.

Primário 2º grau: elementos de botânica, idéias sumárias de jardinagem, horticultura, zoologia e fisiologia; elementos de física, química com aplicação aos usos domésticos; geografia geral - cartografia; elementos de cosmografia; aritmética - ensino intuitivo de aritmética prática - noções de geometria; metrologia, taquimetria; línguas portuguesa, francesa e inglesa exercícios variados de redação; história antiga e principalmente do Brasil; história sagrada e religião (facultativos); desenho linear, caligrafia; música e solfejo; calistenia e ginástica; trabalhos de agulha e manuais.

Secundário: física; química; botânica - agronomia; zoologia; elementos e geologia mineralogia; princípios de lógica; aritmética; geometria; geografia - cartografia; cosmografia - metrologia; história geral; línguas portuguesa, francesa e inglesa; redação com diversos estilos (pp. 7/8).

As matérias de catecismo, religião e história sagrada aparecem entre as outros conteúdos, porém são *facultativas* e, no Colégio Progresso Campineiro, elas são de cunho obrigatório. A inclinação religiosa de Emília torna-se, portanto, mais forte quando ela assume o estabelecimento em Campinas. Pergunta-se o que a teria levado a tomar este rumo...

Quanto às demais disciplinas, percebe-se um currículo igualmente rico em matérias inclusive científicas, porém sendo lecionadas apenas seus *princípios e noções*, voltados para os *uso domésticos*. Esta ênfase não aparece nos currículos dos *Prospectos* do Progresso em Campinas, mostrando que a diretora dá novas formas com o passar do tempo.

Outra questão a chamar a atenção no currículo do *Prospecto 10*, de Curitiba é a orientação pedagógica, fortemente calcada método intuitivo, enfatizando a necessidade de *fazer desaparecer a aridez de certos estudos*, devendo ser executado de modo *interessante* (idem, p. 6). Tal *aridez* seria mais própria das disciplinas de ciências e aritmética, não muito adequadas às moças, mas cujas noções deveriam ser por elas absorvidas. Mesmo no *Prospecto 6a* destaca-se o *ensino intuitivo dos elementos de ciências naturais* e no **Anexo 5 (Categoria 1)**, no *Livro de Ata: Resultado do Exame de Admissão - novembro de 1929 a dezembro de 1941* (idem, Livro 6) há a referência para a *Gramática intuitiva*, de Brant Horta (folha 26), a qual, pelo título, também fornece elementos deste método.

Em todos os materiais analisados não existe nenhuma referência tão explícita a outro método pedagógico como a este. Se Dona Emília Meira seguia alguma tendência pedagógica, certamente o método intuitivo, que mais tarde se desenvolveria para o método escolanovista, foi um dos norteadores do seu trabalho pedagógico.

Este tipo de ensino, utilizando-se dos sentidos das alunas, tornaria mais fácil a compreensão das diversas matérias. SANTOS (2004, p. 52) nos esclarece que no Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, dirigido pelas Irmãs de São José de Chamberry, este método também influenciou as práticas da instituição, trazendo inclusive um depoimento de uma Irmã que relata o uso de *cartazes em papelão duro* com figuras para trazer aos sentidos a experiência das coisas, pelo menos por imagens, na ausência dos objetos.

NAGLE (1974) caracteriza a influência do escolanovismo no país como *otimismo pedagógico*. Neste momento diversos intelectuais do país teriam levantado a bandeira da Escola Nova em defesa de uma remodelação da instituição escolar, buscando a formação de um novo cidadão brasileiro. Os ares destas teorias chegaram às escolas e, por estes Livros encontrados, teve sua influência sobre o Colégio Progresso. O uso de

imagens e ilustrações, além do contato com as próprias coisas fazem parte deste método e que difundem a idéia de que o trabalho em contato direto com as coisas permite compreendê-las e assimilá-las mais depressa e com maior facilidade para as crianças.

VALDEMARIN (in SOUZA, VALDEMARIN, ALMEIDA, 1998) ainda coloca que este método tem sua inspiração nas teorias empiristas de Francis Bacon e John Locke, os quais defendiam que o ser humano apreende a realidade através dos sentidos. Desta forma, o método intuitivo apenas estimula as capacidades inerentes do ser humano, a fim de tornar a aprendizagem uma tarefa mais fácil, aproveitando as formas “naturais” do ser humano de apreender o seu meio.

Outros documentos que encontrei no Colégio também apontam para a influência deste método no Colégio, como o *Livro de Inventário do Material existente nas classes* e do *Livro do Laboratório de Física e Química (Categoria 1, Anexo 7, Livros 40 e 41, respectivamente)*, os quais datam da década de 30. O material inventariado no primeiro livro faz uma listagem de materiais diversos, como as próprias carteiras e também de painéis com mapas ilustrações de animais e do corpo humano. Já entre os materiais de física e química há uma listagem razoável de equipamentos de laboratório e de substâncias químicas. Neste sentido, o ensino das ciências não estava vedado às moças, podendo oferecer até mesmo vivências em um laboratório.

Surpreende o fato de encontrar referências em um *Prospecto* de 1897, muito antes da década de 30, quando estas tendências pedagógicas começavam a ganhar força no Brasil. Tal fato leva a concluir que no Colégio Progresso em Curitiba a diretora já estava bem informada quanto aos métodos mais adequados para facilitar os estudos.

Além dos *Prospectos* da época anterior à da trajetória de *Clarita*, encontrei outros de períodos posteriores, como é o caso dos *Prospectos 14a, b, c e d*, de 1934, os quais já trazem uma alteração na apresentação dos cursos, incluindo o curso Normal e o de Artes Aplicadas.

Outra forma de divulgação do Colégio encontrei no *Prospecto 15*, o qual se assemelharia mais a um *folder*, muito comum hoje em dia. Não é mais uma brochura com dados completos e minuciosamente explicados como os *Prospectos* anteriores. Outro material que encontrei possui apenas fotos do Colégio, recebendo, por isso, um

código diferenciado: **PF1**. As fotos são do Colégio já na Avenida Júlio de Mesquita, procurando oferecer uma imagem positiva da instituição, com locais agradáveis e saudáveis, altamente educativos para as suas alunas.

Observa-se nos *Prospectos* referentes ao Colégio Progresso Campineiro um esforço grande por parte, principalmente, da diretora, em divulgar para a sociedade a qualidade do ensino ministrado pelo estabelecimento. Este local deveria se mostrar como a escolha certa para formar as filhas da elite.

Em muitos materiais voltados para o cotidiano do Colégio, identifique várias cartas que apresentam o esforço por parte de Dona Emília em equiparar o Colégio Progresso aos Colégios oficiais. No **Anexo 7 (Categoria 1)**, contendo os documentos referentes ao cotidiano da instituição, há algumas cartas e rascunhos delas bastante significativas, nas quais o Colégio busca a adequação à legislação e a equiparação. A primeira delas data de 1928, foi remetida pela Diretoria Geral da Instrução Pública (**HPC9**) e pede a tomada de providências quanto ao ensino manual do primário, sem esclarecer quais seriam elas.

Há também uma *Carta ao Ministro da Educação e Saúde Pública*, de 1931 (**HPC8**), a qual traz uma lista do corpo docente do curso ginásial naquele ano e o resultado das alunas nos exames daquele ano, destacando seu bom desempenho. Encontrei também, o rascunho desta carta (**HPC15**), com a lista do corpo docente naquele ano.

Relativos ao curso ginásial, localizei uma *Carta ao Ministro da Educação e Saúde Pública* (**HPC18a**), sem data, mas provavelmente do início da década de 30 também, juntamente com o seu rascunho (**HPC18b**). Nesta carta a diretora pede a equiparação do Progresso ao Ginásio Oficial.

Já em outros rascunhos de cartas (**HPC20**, **HPC21**, **HPC22a**, **HPC22b** e **HPC22c**), identifiquei a questão da qualificação do corpo docente do curso ginásial, o qual não possuiria diploma em sua totalidade e que, por volta dos anos 30, tornava-se obrigatório. Nestes rascunhos o autor retoma o histórico deste curso no Colégio, ressaltando o ótimo desempenho das alunas nos exames, apesar de nem todos os professores possuírem diplomas. A preocupação toma proporções extremas no rascunho **HPC20**, no qual o remetente pede auxílio desesperado ao destinatário para

adequar o corpo docente do estabelecimento. O provável remetente é Dona Emília de Paiva Meira, porém não consegui identificar o destinatário.

BITTENCOURT (2002, p. 164/165) aponta as dificuldades vividas pelas escolas particulares com a organização do sistema nacional de educação na década de 30, as quais perdiam seu corpo docente após regularizarem sua situação. Especialmente no Colégio Progresso o processo de seleção se complica, agregando às exigências morais, religiosas e de disponibilidade de residência no internato, a formação adequada, com diplomas oficiais e registrados.

A preocupação com a equiparação não se limitou, contudo, ao Curso ginásial, mas aos demais cursos criados pelo Colégio, como a Escola Normal anexa ao Colégio. Ao final do *Livro de Termos de Visitas de Autoridades Escolares* de 1928 (*Livro 1, Categoria 1, Anexo 4*) encontrei uma carta datilografada da Secretaria d'Estado dos Negócios do Interior, com o seguinte conteúdo:

Sra Diretora,

Comunico-vos, para os devidos fins, que por Decreto de 23 de fevereiro último, foi a Escola Normal Anexa a esse estabelecimento equiparada às Escolas Normais oficiais de três anos, de acordo com os artigos 19 e 20, da Lei no 2 269 de 31 de dezembro de 1927, no regime de internato.

*Apresento-vos os meus protestos de alta estima e distinta
consideração.*

*(Carta de
09/03/1928)*

Tal carta surpreende, pois o Colégio instaurou a Escola Normal no ano de 1928 e, segundo MORASSUTI (1997, p. 28), este teria se equiparado às Escolas Normais oficiais em 1934. Pelo conteúdo da carta, a Escola Normal foi equiparada já no ano de sua fundação, pelo menos, às Escolas oficiais de três anos em regime de internato. A particularidade de o Colégio conseguir equiparar seu curso normal já no ano de fundação leva a crer que este foi criado antes de 1928, posto que as inspeções eram necessárias no decorrer do curso para observar sua qualidade. Ou então, a ascendência do Colégio sobre a Secretaria d'Estado dos Negócios do Interior era bastante grande, sendo a supervisão realizada já no ano de sua instalação. De todo modo, este documento apresenta também novos elementos para a história da escola.

Outro aspecto a ser ressaltado é que a fundação da Escola Normal se dá um ano após a Reforma do Ensino Normal do Estado de São Paulo, pela lei 2 269 de 31 de dezembro 1927, que é citada na carta. Esta lei oferecia às instituições particulares a possibilidade de equiparar seus cursos aos das Escolas oficiais, que não conseguiam atender às demandas por formação de professores (MARCÍLIO, 2005, pp. 219/220). O Colégio Progresso, neste sentido, mostrava-se uma instituição atenta às necessidades educacionais, a fim de atrair um público maior.

Outros estabelecimentos na região possuíam seus cursos normais e, a título de exemplo, o Colégio Puríssimo Coração de Maria em Rio Claro inaugurou sua Escola Normal em 1928 também, mas obteve sua equiparação apenas em 1953 (LEONARDI, 2002, p. 111). A mesma autora destaca que, para a época da fundação do curso, este (...) *foi acompanhando os impulsos da expansão do ensino. Além disso, juntando-se à idéia da escola como meio para solucionar os problemas sociais, criou-se um imaginário em torno da figura do professor, da escola e da normalista* (idem). Desta forma, a Escola Normal adquiria sua importância, seu *status* e os Colégios particulares não poderiam deixar de oferecê-lo, seguindo as tendências da época.

Tais esforços que pude constatar para equiparar o Colégio Progresso aos Colégios oficiais mostram que o ensino ministrado neste estabelecimento buscava, para suas alunas, uma formação nas *Humanidades*, que conciliava a cultura clássica humanista com as ciências, de caráter enciclopédico, e que tornava o Colégio de Pedro II o modelo nacional do ensino secundário (GASPARELLO, 2004, p. 59 e 62).

Esta busca, contudo, não significava a mera preparação para o ensino superior, como na educação para o sexo masculino, o que, apesar de ocorrer em alguns casos, não era o objetivo maior da instituição. A formação oferecida pelo Progresso buscava preparar as moças para a vida, tanto doméstica, quanto social, sem manchar sua imagem e virtude. Entretanto, a equiparação garantiria um *status* ao estabelecimento, importante para a sua divulgação, o que exigiria uma aproximação com o currículo das escolas oficiais.

Nossa empenhada Dona Emília mostrou, portanto, que não se cansou em buscar o melhor tipo de ensino para suas “filhas”. À medida que a educadora se estabelecia no Colégio, foi-lhe possível imprimir sua própria marca, que mesclava as tendências

educacionais mais recentes com o tradicionalismo da religião. Existia a preocupação com a formação de moças virtuosas na sociedade, ao mesmo tempo boas donas-de-casa e aptas a prestarem exames para algum curso superior.

A grandiosidade desta obra precisava ser garantida para o futuro e Dona Emília precisava estar certa das pessoas que a levariam adiante quando não estivesse mais entre elas.

Mantendo a Chama acesa

O esforço de toda uma vida não poderia ser destruído quando Dona Emília viesse a falecer e, junto com ela, seu inegável *carisma*. Eis uma questão colocada por WEBER (*apud* BENDIX, 1986), colocando em xeque a liderança carismática. A sucessão de um líder carismático acaba, segundo Weber, levando a uma mudança do tipo de dominação, que se torna mais *burocrática*. Este é o caso no próprio Colégio Progresso, o qual precisaria se manter mesmo sem a grande educadora que o elevou.

Assim, desde o princípio Dona Emília contou com o apoio de muitas professoras, das quais se destacam Madame Henry Blanc, Dona Julie Villac, Dona Alda Pompêo de Camargo e Dona Flávia Campos da Paz. Dona Flávia foi professora do Colégio desde antes da chegada de Emília Meira e dedicou-se por toda a vida ao Colégio, como professora e como diretora da Escola Normal e vice-diretora do Colégio Progresso, vindo a substituir Emília em 1937 até falecer em 1943.

Madame Henri Blanc foi, segundo UHLE (1998), a preceptora das filhas de Orosimbo Maia e ela entrou no Colégio em setembro de 1902 (**HP10, Categoria, Anexo**), trazendo junto sua filha Mlle. Madeleine Blanc. Madame Blanc auxiliou muito Dona Emília nos primeiros anos de funcionamento do Colégio. Ela fundou a Pia União das Filhas de Maria, sendo sua diretora até falecer em 1925.

Em **Clarita no Colégio**, Madame Blanc aparece como *Madame Lenoir*, a muito querida professora de francês, cujo quarto lembrava as meninas de seus lares. *Madame Lenoir* ensinou às meninas sobre as belezas da França, principalmente seus Santos e mártires, cujos Santinhos ela vendia (**Clarita no Colégio**, [s.d.], p. 156). Madame Blanc veio a falecer em 1925, não acompanhando Dona Emília.

Dona Julie Villac, por sua vez, foi aluna do Colégio Progresso e foi a primeira diretora do Colégio Progresso de Araraquara. BITTENCOURT (2002) também levantou as correspondências trocadas entre Dona Julie e Dona Emília, expondo as preocupações com cada detalhe para o bom funcionamento do Colégio.

Estas senhoras auxiliaram Dona Emília e a apoiaram em sua trajetória, dedicando-se tanto ao Colégio quanto a própria diretora. Preparando-se para o futuro, Dona Emília Meira deixou em Testamento (**HCF36, Categoria 1, Anexo 11**) seu desejo de que a obra que iniciou fosse continuada, fundando, para isso, a Associação Brasileira de Educação e Instrução de Meninas, em 1928. Esta Sociedade inspirou-se, segundo o Testamento, na Sociedade de Assistência e Educação dos Padres Salesianos. Quis Dona Emília Meira que as sócias-fundadoras fossem Dona Julie Villac, Dona Flávia Campos da Paz e Dona Alda Pompêo Camargo, filha de família influente que entrou para o Colégio em 1910 e tornou-se professora interna em 1911 (**HP10, Categoria 1, Anexo 6**). No Testamento Emília deseja que os Padres Francisco Lanna e José dos Santos, da Congregação Salesiana, também se tornem sócios da Sociedade.

Esta Sociedade deveria manter os Colégios Progresso e dela fariam parte apenas mulheres solteiras e católicas. Cabia à Sociedade manter ainda de 5% a 10% de alunas gratuitamente, desde que fossem *proveitáveis* e *virtuosas*. Através da Sociedade Brasileira de Educação e Instrução Dona Emília conseguiu manter acesa a chama que ela com tanto cuidado fez crescer. A Sociedade continuou mantendo o Colégio sozinha até meados de 2002, quando chegou ao ponto de falir. Em 2003 a manutenção do Progresso passou para a Metrocamp.

Dona Emília de Paiva Meira mostrou-se, portanto, um marco importante para a história do Colégio Progresso, estando sua imagem bastante presente na arquitetura do prédio até hoje, principalmente pela estátua que ornava seu túmulo, este último recentemente removido. Uma educadora gentil, cercada por duas crianças, abraçando-as amorosamente. São as filhas que amou como boa mãe. Como tal, também zelou pela formação moral destas meninas que se tornariam moças, necessariamente virtuosas e de bem, além de letradas e cultas.

Eis o momento de nos aproximarmos a vida religiosa no Colégio, em suas diversas manifestações.

Capítulo 3

Anjos da Nação: A Religião na Formação feminina

Formação moral e religiosa

Após compreendermos um pouco sobre o contexto em que o Colégio Progresso foi fundado e quais as inclinações pessoais e pedagógicas da diretora que mais se destacou na História progressista, eis que chega o momento de apresentar o ensino religioso no interior do estabelecimento, destacando suas características e as formas como tomou seu espaço no internato.

A obra **Clarita no Colégio**¹⁰, de Violeta Maria, pseudônimo da ex-aluna Maria Clarice Marinho, mostra-se uma referência importante para compreendermos a religiosidade e, principalmente, a religiosidade no interior da instituição. Como fora explicitado anteriormente, a obra se apresenta como uma autobiografia de uma ex-aluna muito travessa. Em seu percurso, *Clarita* enfrenta desafios para tornar-se uma menina obediente e prudente. Dona Emília aparece no livro como uma personagem fundamental a esta transformação, como procurei demonstrar no Capítulo anterior. Contudo, Dona Emília não realiza o trabalho sozinha, ela conta, ainda, com a religião para auxiliar a menina.

O livro traz um interessante Prefácio da famosa autora de livros juvenis, Maria José Dupré, a qual comenta os dois livros de *Clarita*, da mesma autora, intitulado **Clarita da Pá virada**, com seus bons exemplos. Nas palavras da autora,

(...) são livros [Clarita da Pá virada e Clarita no Colégio] de uma moral são, que inspiram sentimentos profundamente religiosos e só podem fazer bem auxiliar a formação do caráter de qualquer criança. Constituirão recurso precioso para pais e educadores cônscios das suas responsabilidades de educar e divertir (DUPRÉ in MARIA, [s.d.], Prefácio).

¹⁰ O livro não possui data da edição, mas o Prefácio é de 1945, o que me leva a acreditar que o livro foi publicado por volta dos anos 40.

O *Prefácio* assinado por esta autora tão conhecida dos anos 40 e 50 atesta a qualidade da obra, como recurso para sua divulgação e venda. Dupré avaliza o livro de Violeta Maria e o indica tanto aos pais, quanto aos professores, dando mostras da importância da literatura juvenil não só em momentos familiares de lazer, mas também no espaço escolar, como recurso didático. Nota-se como a autora do *Prefácio* considera importante a formação religiosa na constituição do caráter infantil, apontando a estreita relação entre a moralidade e a religiosidade, que será a marca forte do ensino religioso no Colégio Progresso.

Em **Clarita no Colégio**, a protagonista é vista como uma menina muito esforçada e estudiosa e, também, geniosa, como se as travessuras que apronta fossem um mal relacionado à sua pessoa. No livro tem-se a impressão de que a índole de *Clarita* tendesse à maldade e que existe um esforço muito grande por parte da diretora, calcado na religião, para tornar Maria Clarice uma menina boa, (...) *sem nem uma manchinha, nem na alma, nem no corpo* (**Clarita no Colégio**, [s.d.], p. 33). Neste sentido, a própria personagem incorpora que está errada em ser revoltada, em fazer bagunça e que precisa reunir muitos esforços para combater seus ímpetos.

Segundo MARGOTTO (in GONDRA, 2001), ao analisar a questão da educação moral na imprensa pedagógica paulista, destaca que, de fato, existia uma visão muito negativa da infância e que a ação educativa era um espaço importante para procurar “moldar” a criança à obediência e ao *bom* comportamento. *A moralidade, desse modo, não pertencia aos seres humanos no estágio inicial de seu desenvolvimento, mas lhes seria conferida a partir da incorporação de bons hábitos* (p. 176).

No Colégio Progresso a religião teria, portanto, um importante papel no que se refere à formação moral e **Clarita no Colégio** deixa isso bastante claro. Os conselhos de Dona Emília Meira são sempre no sentido de exortar Clarice a repensar seus erros, de proceder virtuosamente. A preocupação com a obediência às regras é grande, seja por parte da diretora Emília, seja por parte da própria Clarice. O olhar vigilante de Deus, da diretora, das inspetoras, colegas e professoras garantem que a desobediência seja detectada e logo repreendida.

O método preventivo salesiano emerge mais uma vez neste contexto, pois Maria Clarice sabe exatamente como proceder, mas seu gênio, sua índole, muitas vezes a

“forçariam” a agir de forma contrária, o que não escapa aos olhares vigilantes espalhados em todos os cantos do Colégio, tanto no plano terreno, quanto no divino, pois Deus também estaria olhando por sua filha. MESCHIATTI (2000, p. 76) acredita que esta vigilância divina seria um aspecto bastante coercitivo do sistema preventivo salesiano, que se concretizava através da frase “*Deus te vê!*”. *Era uma das formas espirituais eficazes de fazer com que os meninos preferissem não errar, não cometer pecados a ter que se humilhar diante deste Deus que de antemão tudo sabia (...).*

Esta preocupação também emerge no livro: *Um Deus que vê todas as coisas, que enxerga tudo...! Nossa! Nem que uma menina vá num cantinho bem escuro, bem escondidinho, e ali pisque um olho ou faça uma careta... Deus já viu! Mas que coisa!* (Clarita no Colégio, [s.d.], p. 24). Tais preocupações são levantadas durante a aula de catecismo, que preparam Clarice para a Primeira Comunhão. Neste sentido, a vigilância constante de Deus é inculcada na menina desde cedo.

MANOEL (1996, p. 80) também relata a presença da frase “*Deus me vê*” nas paredes do internato das Irmãs de São José, no sentido de *estabelecer uma Vigilância que se colocasse acima da vigilância humana*. Além disso, para o ultramontanismo, (...) *a mulher, por ser presa fácil do mal, deve estar sob constante vigilância para resguardar sua pureza* (idem, p. 78).

Diante de uma vigilância tão ferrenha, *Clarita* necessariamente precisaria melhorar sua conduta e é o que Maria Clarice Marinho admite em seu pequeno discurso para o cinqüentenário do Progresso e Emília Meira se tornou uma figura chave para alcançar este objetivo, o que o leitor de **Clarita no Colégio** também apreende: *Com que paciência, com que bondade, e, ao mesmo tempo, com que enérgica e firme persuasão, a diretora amiga sabe conter os ímpetos de sua aluna revoltada!* ([s.d.], p. 123).

Dois momentos significativos na trajetória escolar de *Clarita* são o da primeira Comunhão e quando ingressa na Pia União das Filhas de Maria. Apesar da protagonista vivenciar muitos outros momentos agradáveis no Colégio, os capítulos dedicados a estes acontecimentos são descritos com uma minúcia maior, destacando cada detalhe com entusiasmo e fervor. Estes dois acontecimentos são justamente

aqueles ligados ao plano religioso e que seriam fundamentais para um esforço de mudança da conduta de *Clarita*, posto que exigem sua pureza de espírito.

Esta pureza está bastante presente na vida de *Clarita* quando faz a sua Primeira Comunhão e recebe *Deus em seu coração*. A vontade de estar livre de pecados é grande e o esforço também. Na preparação para a Comunhão, outra figura importante a acompanhar e incentivar Clarice é Dona Amandina, a professora de catecismo das meninas, que as exorta para o bem. É esta mesma Dona Amandina que se tornará a grande conselheira de *Clarita* quando esta deseja entrar para a Pia União das Filhas de Maria.

Nesta nova fase religiosa, *Clarita* mais uma vez precisa de muita boa vontade e empenho, primeiramente para ser aceita como aspirante e, em seguida, para se tornar Filha de Maria. Dona Amandina¹¹ a acompanha, a vigia, zelando pela boa conduta da moça, aconselhando-a e oferecendo-lhe um terço para rezar e livros para iluminá-la. *Clarita*, entretanto, quase coloca tudo a perder quando explode de raiva e ofende Dona Emília, que a aconselhava a não andar com determinada aluna (**Clarita no Colégio**, [s.d.], pp. 182 - 186).

Apesar de, em um primeiro momento, Clarice não perceber sua falta e não se comover com o sermão de Dona Emília, ela acaba desabando em lágrimas ao tomar consciência deste seu “erro” e da possibilidade de não ser aceita como Filha de Maria na União. Dona Amandina intercede pela aluna junto à diretora da União, a fim de que pudesse ser aceita e é o que acontece, para a felicidade da protagonista. Após tornar-se Filha de Maria, *Clarita* ainda tem dois anos de estudos pela frente e, neste período, sua índole parece acalmar-se, procurando tornar-se mais virtuosa e obediente.

Chama à atenção a resignação de Clarice, que, na obra, parece enxergar suas faltas como realmente dignas de punição. Ao ofender a professora de francês, que subestimava a capacidade intelectual dos brasileiros a fim de obter um empenho maior por parte destes, *Clarita* não tem sequer a oportunidade de explicar-se, de expressar seus sentimentos feridos por esta “prática pedagógica” da professora.

¹¹ Segundo consta no *Livro da Congregação das Filhas de Maria (Categoria 3, Anexo 18, Ar3)*, trata-se, na realidade, da Senhora Hermantina B. de Oliveira.

Mesmo quando as meninas grandes, inclusive *Clarita*, decidem fazer uma greve, recusando o miolo servido todas as quintas-feiras no almoço, os argumentos das alunas de não gostarem daquele alimento não é tido como válido e este protesto é logo punido. Não existe no Colégio espaço para a manifestação, para a crítica, tampouco para uma forma de se expressar mais ampla, como correr e gritar. As moças são enquadradas e devem aceitar tudo, resignar-se, obedecer.

SANTOS (2000) defende que o sistema preventivo, de fato, *procura criar um sistema de práticas de representações que torne a transgressão inapetecível, inaceitável e a observância apetecível das normas ou regras por trazer vantagens* (p 416). Clarice rejeita suas atitudes, porém, no Colégio, as regras são apenas impostas e não são questionadas e, qualquer forma de colocá-las em xeque é vista como transgressão, sem enxergar nelas uma prática de resistência de questionamento. Diante da força e do poder do sistema, Clarice se resigna.

Clarita enfrenta dificuldades para entrar neste esquema, mas acaba sendo moldada e ainda enxerga este rigor, esta disciplina, como necessários para ter se tornado um ser humano melhor, que seguisse pelo caminho do bem. *Eu fui educada com amor, aqui neste querido Colégio. Por isso me tornei uma pessoa de bem. Se não tivesse sido, estaria ainda até hoje por me educar...* (**Categoria 1, Anexo 1, HP15**).

Transpondo os Muros do Colégio: As Vias da Formação religiosa

Pureza, humildade, obediência e caridade são as palavras de ordem para a formação destas moças da elite e que o Colégio soube concretizar de forma bastante contundente, tendo como braço direito a religião católica. O papel da religião no interior do Colégio mostra-se, desta forma, bastante moralizador, posto que procura inculcar nas moças as virtudes consideradas adequadas às moças, futuras mães dedicadas.

A Igreja não ignora seu papel na formação da real juventude cristã e a Encíclica *Divini Illius Magistri*, de 31 de dezembro de 1929, redigida pelo Papa Pio XI, apresenta a preocupação com a educação cristã. Segundo esta encíclica, cabe à Igreja zelar pela

difusão da fé cristã, zelando pela formação espiritual e moral do indivíduo. A moral estaria totalmente ligada a religião católica e não poderia ser pensada fora dela.

No Colégio Progresso a religião apresenta este papel preponderante, como pude constatar na leitura de alguns documentos que considerei mais significativos à pesquisa. Eu encontrei diversos materiais que reportam às práticas e à vida religiosa no interior da instituição, apontando que a formação religiosa não se dava preponderantemente na sala de aula, mas para além dela. Dentre estes materiais, privilegiei pela leitura dos *Livros de Atas* das Associações religiosas que funcionaram no Progresso e o **Manual da Pia União das Filhas de Maria**¹². Estes são os documentos que mais me aproximam da esfera religiosa vivida e praticada no Colégio e são estes os materiais que analisarei mais de perto no presente texto.

No Capítulo anterior observamos, através dos *Prospectos*, a presença relativamente constante no currículo do Colégio das matérias *Religião*, *Catecismo* e *História Sagrada*. Também na disciplina de *Latim* a presença de um livro que remete à História sagrada apontam para a presença da religião na sala de aula. Contudo, quando busquei nos diversos *Livros de Atas* que registram a instalação dos exames e as notas das alunas, as disciplinas religiosas aparecem com baixíssima frequência. No Colégio encontrei um dos muitos *Livros de Atas* grandes de capa dura encapada com papel pardo, que conteria as *notas mensais* do *Ginásio*, do período de 1931 a 1933 (**Categoria 1, Anexo 5**, Livro 9), que traz a disciplina *Religião*, da folha 8 a 30, porém sem o registro das notas da folha 23 a 30, posterior a 1931.

Outro material a chamar minha atenção foi o *Livro de Pontos* (**Categoria 1, Anexo 7**, Livro 144), de 1905, no qual consta a disciplina *catecismo* no período de março de 1902 e, depois a disciplina é registrada como *religião*, em todos os meses de 1902, não constando mais a partir dos registros de 1903. Este livro traz a frequência das alunas em cada disciplina até o ano de 1903, enquanto que nos anos de 1904 e 1905 os professores assinam sua frequência, entre eles o padre Ribas.

¹² COSTA, Mgr Assis Ribeiro e MOURA, Pe José Pinto (coord.) - *Manual da Pia União das Filhas de Maria (edição para o Brasil)*, Porto: Tipografia Porto Médico L^{da}, 5^a ed., [s.d.]. (**Categoria 3, Anexo 19**, Livro 9)

Neste sentido, observa-se que as disciplinas religiosas constavam da grade curricular, mas não exigiam que as alunas fossem examinadas em bancas, como as demais disciplinas. Tal fato sequer seria possível, posto que o Colégio desejava equiparar-se aos estabelecimentos oficiais e conseguir que as alunas fossem examinadas no próprio estabelecimento, o que não incluía a presença de qualquer disciplina religiosa, apenas a formação moral e cívica, ausente dos *Prospectos* progressistas.

Em **Clarita no Colégio** a menção à disciplina de catecismo aparece em apenas um capítulo, quando a protagonista se prepara para a Primeira Comunhão, e em outro capítulo aparece o Padre José, quando Clarice e sua amiga caçoam do religioso durante sua aula. No restante da obra temos o esforço de *Clarita* em se tornar uma moça boa, uma moça virtuosa, sempre em conflito com seu gênio explosivo. Há, portanto, uma presença silenciosa da religião, procurando incutir em *Clarita* uma conduta adequada.

Além da atmosfera religiosa, que cheira à moralidade, muito mais que à teologia, tem-se a presença forte das Associações religiosas. Estas têm como espaço privilegiado a capela do Colégio, presente em quase todos os edifícios no qual ele se instalou. A capela dedicada a São Luiz Gonzaga foi inaugurada em 1906, quando a instituição estava localizada no Largo do Pará, comprada justamente pelo bispado de Campinas que se instalava àquela época.

Este espaço foi bastante aproveitado pela comunidade, como observei em duas brochuras que registram o movimento mensal de missas, comunhões e até casamentos, ultrapassando a casa das centenas (**Categoria 3, Anexo 8**, Livros 1 e 2). A partir da criação deste espaço fica consolidada a presença católica no interior do Colégio, em cujos primórdios se pretendia sua laicidade.

Não se pode ignorar, entretanto, que esta marca religiosa se fortaleceu no período em que os fundadores ainda tinham uma forte relação com a instituição, como proprietários e diretores. Apenas em 1913 o Colégio passa, integralmente, para as mãos de Emília Meira. A religião entra no Colégio, portanto, com a anuência de seus fundadores. O vácuo moral produzido pelo positivismo precisava ser preenchido e a

religião católica realizava-o de forma satisfatória, formando as moças para o ambiente doméstico e social, sem manchar sua virtude (BITTENCOURT, 2002, p. 155).

Além das disciplinas religiosas, existiam as Associações religiosas e os retiros espirituais. Com referência a estes últimos, encontrei no Colégio diversos *Santinhos*. Estes retiros consistiam em eventos especiais, que davam um toque diversificado à rotina do internato, com fins religiosos e moralizadores. Eles eram primordialmente organizados pela Pia União das Filhas de Maria, cujos procedimentos constam no **Manual**, mas eram abertos à toda as progressistas.

Neste período de Retiro as moças assistiam a missas e conferências proferidas por padres especialmente convidados para estas ocasiões. Nos intervalos entre os eventos deveriam recolher-se em meditações, refletindo sobre seus pecados e, principalmente, a morte, a qual não deveria surpreendê-las em erro, a fim de evitarem o inferno e alcançarem o Paraíso. No Colégio encontrei o documento que cataloguei como **PER2 (Categoria 3, Anexo 7)**, uma pequena folha pautada manuscrita com o rascunho da programação para um dia no Retiro e inclui as missas e os momentos de oração e reflexão.

Após os cerca de três dias de meditações as moças deveriam sair do Retiro com as almas leves e puras, tomando o cuidado para não se sujarem ao enfrentarem o mundo externo. Os Retiros geralmente aconteciam antes das férias de verão. Neste sentido, as alunas não poderiam colocar tudo a perder quando saíam do manto protetor do Colégio. Os *Santinhos (Categoria 3, Anexo 22)* eram, então, distribuídos, com belas imagens e preciosos conselhos às moças.

Em meio à grande quantidade destes documentos é possível destacar duas ilustrações nos *Santinhos PRS6 e PRS17*, uma Recordação da Primeira Comunhão de 1922 e uma Lembrança do 82º Santo Retiro Espiritual de 1939, respectivamente. O primeiro traz uma mulher ajoelhada aos pés de Jesus Cristo, enquanto na segunda Jesus e Maria conduzem uma moça. Considero tais imagens muito significativas, pois ilustram o que o Colégio objetivava para suas alunas através do espaço educativo. Em ambos os documentos aparecem o exemplo e o abandono, tendo as figuras femininas como exemplo Jesus e Maria e o abandono às suas mãos para que sejam conduzidas

por um bom caminho, arrependendo-se de atos ruins do passado e pedindo, de joelhos, sua redenção, entregando-se ao exemplo e grandiosidade de Cristo.



Santinhos PRS6 e PRS17 (respectivamente): as jovens cristãs que se deixam guiar para o caminho das virtudes (Arquivo do Colégio Progresso).

Nas outras imagens aparecem símbolos religiosos - como a cruz, o pão e a hóstia - (PRS2, PRS7 e PRS10a), ou um Santo rodeado por anjos (PRS13a e PRS13b) ou crianças e discípulos ouvindo atentamente Jesus (PRS5 e PRS10b).

Os dizeres no verso destes cartões são na forma aconselhamentos, destinados exclusivamente às moças como na *Lembrança do Retiro Espiritual das Filhas de Maria*, de 1932 (PRS11): *Piedade, pureza e bondade: eis o caminho reto da donzela à felicidade*. Na *Lembrança do Retiro Espiritual*, de 1934 (PRS12) ainda são ressaltadas outras características: *Minhas virtudes prediletas: pureza, humildade e simplicidade*. A mensagem torna-se, neste documento, ainda mais forte com a imagem de Nossa Senhora, exemplo maior de toda cristã que almejasse a *candura*.

Estas frases também pretendem manter toda a *pureza* de consciência que as moças alcançam nos Retiros espirituais em outros ambientes, principalmente aqueles externos ao Colégio, o que ocorre nas férias. Na *Recordação da Primeira Comunhão*, de 1922 (PRS6) com a imagem tão significativa da mulher ajoelhada aos pés de Jesus, encontram-se conselhos para passar bem as férias, recomendando, entre outras

coisas, *evitar as companhias que prejudicam a consciência*. Este conselho foi encontrado em outros Santinhos também, alertando, inclusive, para as más leituras.

HELLER (1997) traz em sua tese a preocupação da Igreja com as leituras de seus fiéis, criando guias e manuais com a listagem dos livros adequados e inadequados aos cristãos. No Brasil a autora destaca o *Guia das Consciências* do Padre Sinzig, o qual traz, além da listagem das obras, textos diversos, com o uso metáforas interessantes, de como o mal pode se espalhar pelas leituras prejudiciais, arrastando famílias para a desgraça. O cuidado maior acaba recaindo sobre as moças, facilmente seduzidas pelas palavras *venenosas*, principalmente dos romances realistas e naturalistas.

Este cuidado com as leituras é destacado em alguns Santinhos encontrados e mostra que a preocupação com a pureza das moças permanece. Afinal, *ao término do ciclo de estudos, as alunas teriam sido fortalecidas, de tal modo que, ao voltarem para o "mundo exterior" não seriam corrompidas por ele, mas, ao contrário, deveriam ser fortes o bastante, para atuarem como focos de recristianização da sociedade* (MANOEL, 1996, p. 77). E as leituras perniciosas e pouco adequadas significavam um destes perigos, assim como outras companhias ruins, para as quais as moças precisariam ser constantemente lembradas.

Os Santinhos, distribuídos como *Lembranças*, de fato, as auxiliavam a *lembrar* da necessidade da boa conduta, com conselhos simples e curtos dos Padres nos versos dos pequenos cartões com belas imagens ornadas de dourados. A *Lembrança*, o conhecimento das regras, são aspectos essenciais para a boa conduta das moças, inculcadas com muito esforço por parte do Colégio.

A capela abrigava, portanto, a vida religiosa, silenciosamente difundida por todos os ambientes do Progresso, impregnando-os da moralidade tida como necessária à formação das futuras mães e esposas da nação. Como foi mencionado anteriormente, existiam ainda as Associações religiosas, foco importante do fervor religioso e que se mostravam como aspiração de todas as progressistas, assim como de *Clarita*, a qual não poupou esforços para entrar na Pia União das Filhas de Maria.

Além da Pia União, foram organizadas no Colégio a Congregação do Santos Anjos, o Oratório Festivo Dom Bosco e a Liga Eucarística. Também existiu a

Associação dos Devotos de Maria Auxiliadora, porém, desta associação, encontrei apenas um caderno da capa dura (**Categoria 3, Anexo 18, Ar9**), o qual registra apenas o nome das associadas e a receita da congregação. Segundo a imprensa¹³, a Associação teria sido fundada em 1936 pelo Padre Brenno Romeiro Cesar, contudo, o caderno que encontrei apresenta registros de 1930. Provavelmente, apenas em 1936 a Associação teve reconhecimento pelo Vaticano.

Estas Associações abrigavam as moças que realmente mereciam participar delas, reunindo-as em determinados dias do mês para ouvirem uma pregação do padre-diretor. As finalidades de cada congregação eram relativamente diferentes, privilegiando algumas questões religiosas, mais do que outras. Entretanto, em todas elas encontra-se um discurso que visa inculcar nas alunas a obediência, a resignação, a pureza e a caridade. O padre, no altar, procurava exortar as meninas e moças a seguirem pelo bom caminho, utilizando-se da religião para justificar tal postura.

Há uma preocupação em moldar a consciência, o caráter das progressistas, a fim de disciplinar-lhes o corpo, a conduta, de modo que pudessem cumprir aquilo que era esperado delas, seja na no âmbito doméstico, seja na sociedade mais ampla, sem deixar manchar sua pureza, sua virtude. Mais do que um esclarecimento ou, até mesmo, uma discussão em torno das questões religiosas, predominam a doutrinação e a moralização. A Igreja e seus dogmas não são colocados em xeque, apenas a conduta humana o é e exorta-se para que a mulher siga pelo caminho considerado do bem, inculcando-lhe a resignação, o sentimento de sacrifício, para que pudesse aceitar suas missões sem se queixar.

Passemos, então, a uma análise mais acurada das Associações das Filhas de Maria, dos Santos Anjos, da Liga Eucarística e do Oratório Festivo Dom Bosco.

¹³ *Diário do Povo*, 08 de outubro de 1960, dentro da pasta **HP4 (Categoria 1, Anexo 6)**.

O Ápice do Projeto moral e religioso: As Associações religiosas

1. A Pia União das Filhas de Maria

A Pia União das Filhas de Maria é a Associação mais antiga do Colégio, fundada em 1906 com o auxílio de Madame Blanc, grande amiga e parceira de Dona Emília Meira na empreitada progressista. A fundação desta União é concomitante à fundação da capela do Colégio e o primeiro diretor da Congregação é o padre Luiz Gonzaga Giudice, também diretor do Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora (MESCHIATTI, 2000, p. 83).

A afinidade com os salesianos é marcante neste aspecto. A própria Congregação salesiana inicia sua obra em Campinas neste mesmo período, com o apoio do então cônego Nery, o qual, como Bispo, também foi diretor da Pia União do Progresso, de 1909 a 1916. Outros padres, diretores tanto do Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora, quanto do Externato São João, também dirigiram tanto a Pia União, quanto as demais associações do Colégio, dos quais podemos destacar o Padre Francisco Lanna e o Padre José dos Santos (MESCHIATTI, 2000, pp. 83 e 100).

D. Nery, quando Cônego, criou um internato para os meninos órfãos, vítimas da epidemia de febre amarela, que serviu de pontapé inicial à obra salesiana em Campinas. Como bispo comprou o prédio do Colégio Progresso no Largo do Pará para criar a Diocese de Campinas, dando mostras de seu interesse em consolidar um espaço católico na cidade, além de afinar-se com o projeto ultramontano.

A criação da União das Filhas Maria ocorre, portanto, em um período de efervescência católica em Campinas e já diretamente ligada a figuras importantes neste cenário, bastante comprometidas com o projeto da Nação republicana e que buscava obedecer rigorosamente os preceitos da Igreja, adotando uma postura conservadora, o ultramontanismo (MESCHIATTI, 2000, p. 27). A forte inclinação religiosa que o Progresso adquire nasce, portanto, comprometida com uma postura católica bastante tradicional e que é bem vista pela elite, posto que educaria suas filhas para a obediência e a submissão.

MANOEL (1996) destaca que o ultramontanismo servia muito bem aos interesses da oligarquia, que, apesar de desejar a República e as liberdades na esfera política e econômica que ela prometia trazer, temia a possibilidade da emancipação feminina. Assim, a reação conservadora da Igreja frente à modernidade era bastante adequada, pelo menos no que se refere à formação feminina. *Muito além da crença religiosa, a oligarquia tinha a certeza de que o ultramontanismo e o seu conceito de ordem, respeito ao poder constituído e aceitação passiva das condições de vida jamais colocaria em perigo a sociedade de classes no Brasil* (idem, p. 72).

Um passo importante para esta manutenção encontrava-se na mulher, em cujas mãos estavam colocadas a educação dos filhos e a administração da esfera doméstica, exigindo, para isso, que ela fosse formada de uma forma desejada pelas elites dirigentes do país, que de oligarquias latifundiárias, com a crise do café, passaram à burguesia industrial, comercial e financeira.

Esta União se apresenta de forma bastante organizada, ganhando esta característica à medida que se consolida no Colégio. Tal organização abrange uma hierarquia de postos, os quais incluem o diretor, seu vice, uma diretora, sua vice, a presidente e sua vice a primeira e a segunda secretárias. Também há as conselheiras, alunas e professoras escolhidas para este posto, que cuidam de um determinado grupo de Filhas de Maria e Aspirantes. Aquelas que desejam pertencer à Associação precisam expressar seu interesse ao diretor ou diretora e, se forem aceitas, recebem a fita verde de Aspirante em uma cerimônia de recepção toda especial. Quando são aceitas como Filhas recebem a fita azul, uma medalha e o **Manual da Pia União das Filhas de Maria** também. As cerimônias de recepção, no Progresso, aconteciam no mês de Maio, com o encerramento do mês de Maria e em outubro, mês da fundação da Pia União. Estas eram as datas fixas para tais eventos e, além destas datas, havia, todo mês, a reunião de todas as associadas, geralmente no primeiro domingo do mês. Quem presidia as reuniões era geralmente o diretor e, na falta deste, seu vice, ou mesmo a diretora, quando também este faltava. Estas faltas eram mais frequentes quando o bispo D. Nery dirigiu a União, prova realmente as suas muitas ocupações.

Clarita, nossa personagem, também participou destas cerimônias, primeiramente para receber a fita verde de aspirante e, depois, para receber a fita azul de Filha de

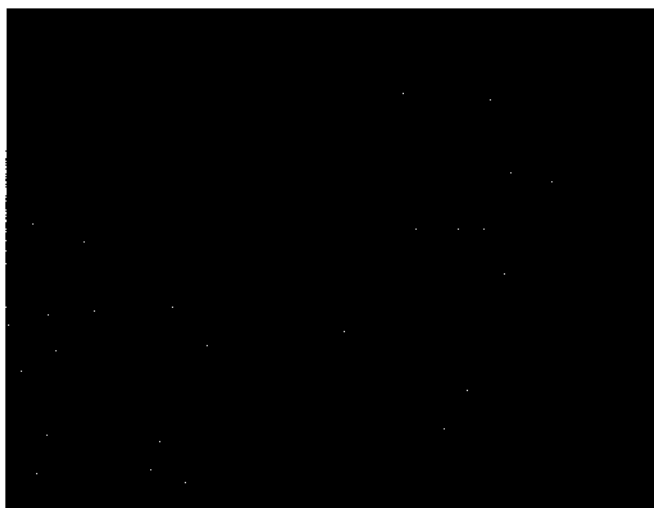
Maria. Seu verdadeiro nome, Clarice Marinho, está registrado no *Livro de Atas da Congregação das Filhas de Maria (Ar3)* em três momentos, um livro de 200 folhas e capa dura de um vermelho marmorizado, contendo as atas do período de 1906 a 1927. Seu nome aparece pela primeira vez na Ata do dia 02 de junho de 1918, às folhas 96 e 97, quando é recebida como Aspirante da Pia União no Encerramento do Mês Mariano. Curiosamente, ela é aceita como Filha de Maria em dois momentos distintos, o que não ocorre com nenhuma de suas colegas. *Clarita* é aceita como Filha de Maria em 13 de outubro de 1918, estando seu nome registrado na Ata à folha 103 e é novamente recebida como Filha de Maria em no dia primeiro de junho de 1919, data do Encerramento do Mês Mariano, cuja Ata se encontra a folha 111.

Em **Clarita no Colégio**, a protagonista relembra este que seria seu dia de glória nesta última data, isto é, no primeiro dia de junho, porém não menciona outra data. Tal fato chama a atenção e permanece sem solução, posto que nenhuma das Atas do livro registra a eventual expulsão de uma Filha de Maria ou explica a recepção da mesma Filha de Maria em dois momentos diferentes. É possível supor que tenha havido um engano no registro do nome de Clarice.

Este momento glorioso vivido pela protagonista da obra de Violeta Maria foi vivido por muitas outras jovens, demonstrando que o fervor religioso também estava muito presente quando da fundação da Pia União das Filhas de Maria, que recebeu 18 aspirantes. Madame Blanc deu início ao processo de criação desta Congregação, sendo que as primeiras atas foram registradas por ela, em francês (**Categoria 3, Anexo 18, Ar3**). Erigir uma Pia União das Filhas de Maria, não era, entretanto, uma tarefa simples, posto que exigia muita fé e o preenchimento de alguns requisitos para oficializá-la. O **Manual da Pia União das Filhas de Maria** é um livro oficial, aprovado por diversas figuras eclesiásticas de Portugal e do Brasil e, principalmente, pelo Revmo. Diretor Geral das Pias Uniões. Neste sentido, as informações contidas no livro são dignas de crédito e, além disso, garantem muitas indulgências para quem o ler atenta e devotamente ([s.d.], pp. XVII-XXVI).

Este **Manual** se mostrou um material riquíssimo à compreensão do funcionamento e dos objetivos de uma **Pia União das Filhas de Maria**, posto que ele esclarece, nos mínimos detalhes, não as formas de se fundar uma Pia União e seus

Estatutos, como também explica à Filha de Maria como ela deve se portar e se vestir, quais as orações adequadas para cada momento do dia, quais os rituais que ela deve freqüentar, indicando o que ela deve fazer em cada um deles. Se eu, a princípio, procurava um *livro didático* referente ao ensino religioso, este seria um material realmente didático, pela minúcia das explicações e informações que fornece.



O **Manual da Pia União** (folha de rosto): fonte de inspiração à verdadeira Filha de Maria (Arquivo do Colégio Progresso).

Este livro traz diversas passagens interessantes e nele fica claro o projeto formador das futuras senhoras católicas:

(...) fazer crescer as jovens na piedade cristã, na honestidade dos costumes, em torná-las obedientes e respeitosas para com seus pais, afim de que um dia, segundo o estado a que forem chamadas por Deus, possam ser esposas fiéis e ótimas mães de família no século, ou esposas do Senhor no claustro, ou ainda castas donzelas no meio do mundo, no seio das famílias, servindo de exemplo a todos, na piedade e na virtude. (Manual da Pia União, [s.d.], p. 6, grifos do autor)

Esta tarefa se mostra árdua e exige do Diretor e das dignitárias - diretora, vice-diretora, presidente, vice-presidente, duas assistentes, duas ou mais consultoras, uma mestra de Aspirantes, secretária e tesoureira - uma grande dedicação. Segundo o **Manual**:

As dignitárias terão para com todas um amor de mãe carinhosa, sempre zelosas do seu bem espiritual e mesmo temporal, avisando-as particular e caridosamente das suas faltas, para delas se emendarem. (Manual da Pia União, [s.d.], p. 36, grifos do autor)

Observa-se que o amor materno é destacado nestas mulheres que devem zelar pelo bem das moças. A figura maternal também é muito forte na pessoa de Dona Emília, que cuidou com muito carinho da sua arteira filha *Clarita*. Se Maria, a Mãe e padroeira da União, observa suas Filhas na esfera eterna, a esfera terrena conta com outras vigilantes que são bem mais concretas e próximas das moças.

O Diretor também precisa cuidar da Pia União, que:

*(...) deve ser um jardim muito bem cultivado, onde vegete toda a espécie de virtudes, tratadas com muito esmero e regadas por uma muito sincera piedade. O encarregado de cultivar esse jardim escolhido deve estar sempre de **vigilância** para, quando aparecerem plantas mais fracas, as tratar com maior cuidado, para robustecê-las; e quando aparecerem plantas ou ervas más, as arrancar e deitar fora, para não tirarem a seiva às boas plantas e não lhes comunicarem as suas más qualidades; aliás, dentro em pouco, o jardim será um bosque, e em lugar de mimosas plantas, aparecerão o tojo e as ervas bravas.* (Manual da Pia União, [s.d.], p. 58, grifos do autor)

Novamente temos aqui a emergência da vigilância, sempre atenta para apontar erros e deslizos, punindo-os. As punições são diversas e rigorosas e a pior delas é a expulsão definitiva da Filha de Maria da União, o que significa uma vergonha para ela, a ser arrastada por toda a vida. Não é de se admirar o empenho de *Clarita* para ser aceita como Associada, posto que a recusa significaria uma desonra não só para ela, mas para toda a família, que a veria falhar. Além da maior das punições, existem outras mais “brandas”, que igualmente procuram humilhar as Congregadas faltosas, como:

(...) privar a delinqüente por um determinado tempo de se apresentar com a fita; obrigá-la a fazer um ato de reparação diante das Associadas na ocasião d’uma Reunião da Congregação, como ir colocar publicamente a sua fita em qualquer lugar determinado e deixá-la aí enquanto durar a Reunião, baixá-la de categoria por um determinado tempo, suspendê-la do exercício do cargo que ocupar, depô-la mesmo do cargo, etc., etc. (Manual da Pia União, [s.d.], pp. 60-61, grifos do autor)

As Filhas de Maria entram na Congregação por seu esforço e mérito para se mostrarem virtuosas e assim devem permanecer dentro da Pia União. Não lhes basta terem provado ao ingressarem que são dignas do título, mas precisam prová-lo constantemente, pois são vigiadas em todos os lugares, principalmente no internato, onde as dignitárias e demais Filhas de Maria são professoras e alunas do Colégio. Neste sentido, a vigilância parece tornar-se mais ferrenha quando se trata de uma Filha de Maria, pois ela não zela apenas pelo nome de aluna progressista, mas também pelo nome de Filha de Maria.

O **Manual** deixa esta questão bastante clara e mostra a força da *pedagogia do exemplo* (BITTENCOURT 2002, p. 156) na Congregação, na qual santas e santos são os modelos a serem seguidos pelas Associadas, que devem, por sua vez, servir de exemplo às colegas e demais jovens:

*(...) Deveis ser **piadosas**, mais que todos os outros; não com uma piidade aparente, - **nem mesmo usual**, - **mas com uma piidade modelar**.*

*Não esqueçais que deveis ser **sempre modelos: modelos para se admirarem modelos para se imitarem**. – **Sempre modelos!** Modelos em casa; modelos na família; modelos na vossa idade; modelos no vosso estado; modelos na igreja; modelos na rua; modelos d'amor ao trabalho; modelos no descanso; modelos de zelo e atividade nas Obras de Deus; modelos de prudência e cautela; modelos de fortaleza; modelos em particular; modelos em público.*

***Sede modelos!** Modelos de assiduidade e santas disposições na frequência dos Sacramentos; modelos de humildade; modelos de obediência; modelos de caridade; modelos de pureza; modelos de castidade; modelos de recato; modelos de pudor; modelos de modéstia, no vestir, no olhar, no andar, no falar, no rir, em tudo, por tudo, por toda parte e sempre; **sede modelos; só modelos; sempre modelos!** (**Manual da Pia União**, [s.d.], pp. XXXI e XXXII, pelo Mgr. Assis Ribeiro da Costa, grifos do autor)*

O caráter modelar está, portanto, presente no objetivo maior da Pia União, que deve formar futuras esposas, mães e mesmo freiras modelares, absolutamente virtuosas e obedientes, que saibam exatamente o seu papel e que não se deixem levar pelos atrativos do mundo exterior, que as tornam impuras.

Para serem modelos, as Filhas de Maria contam com diversos Santos e sua Mãe, exemplo maior de virtude, para imitarem. Maria é o modelo de mulher e mãe a ser imitado, tanto em suas virtudes, quanto em seu amor a Jesus. As mesmas virtudes que

cabem às moças, ser-lhe-ão úteis quando for a zelosa mãe que educará seus filhos para o amor a Deus.

SANTOS (2002, pp. 90-91) destaca que Maria também servia de modelo às alunas do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, em Itu, como contraponto à face da maldade feminina, que é Eva. Mesmo no Colégio Progresso, de caráter laico, a imagem de Maria é forte e nos *Santinhos* ela apreze com freqüência, inclusive orientando as jovens. No livro **Clarita no Colégio**, a protagonista não deixa de contar com sua Mãe celeste, principalmente após a morte de sua mãe humana:

Sim! a Virgem Santíssima, de ora em diante, será sua Mãe (...) E, com o coração a transbordar de amor e ternura, Clarita entrega-se a Nossa Senhora, como filha confiante a sua mãe, certa que a Virgem Santíssima a protegerá e defenderá sempre de todas as ciladas do espírito do mal.
([s.d.], p. 124)

Além de Maria, há diversos Santos que servem de modelo e no **Manual** a Santa de maior destaque é Santa Inês. A Santa morreu aos 13 anos de idade, decapitada por um soldado após falharem as tentativas de esquartejá-la e de queimá-la viva. Mesmo quando foi levada a um bordel para ser violentada, um anjo a protegeu. Sua fé e virtude a mantiveram pura, esforço este que as moças também devem empenhar, ainda mais como Filhas de Maria.

O **Manual** lhes oferece as práticas e orações necessárias para se manterem diariamente em contato com Deus, lembrando-se sempre que devem estar prontas para a morte, em qualquer momento, garantindo sua ida segura ao Céu. A boa conduta das moças significava, para elas mesmas, a garantia da glória celeste, mas, na terra, significaria a formação de jovens obedientes e castas, desempenhando seu papel social com dignidade e virtude.

Segundo o **Manual da Pia União**, para a fundação de uma Pia União das Filhas de Maria torna-se necessário pedir a aprovação ao Ordinário da Diocese e conseguir também uma carta comendatícia para agregar a Pia União à Primária de Santa Inês e conseguir outras indulgências e privilégios. O primeiro conselho da Pia União é formado pelo Padre Diretor, uma diretora e uma vice.

No caso do Colégio Progresso, Madame Blanc foi aquela que possibilitou a criação da Congregação na instituição, sendo ela a figura central, que registrou os nomes das primeiras aspirantes no livro **Ar3**, sem fazer qualquer referência a um Padre-Diretor. O nome do Padre Luiz Gonzaga Giúdice aparece no livro a partir da folha oito, que registra a primeira Eleição da Pia União, em 07 de junho de 1908, quase dois anos depois da fundação da Congregação.

Além do **Manual da Pia União** e do Livro **Ar3**, há no Colégio mais três *Livros de Atas*, sendo que um engloba o período de 1928 a 1942 (*Livro de Atas da Pia União das Filhas de Maria*), o outro o período de 1929 a 1938 (**Ar6**) e o último que abrange os anos de 1942 a 1952 (**Ar4**)¹⁴. Analisei mais detidamente o *Livro de Atas da Pia União das Filhas de Maria* e os livros **Ar3** e **Ar6**. O livro **Ar3** possui uma capa dura, de vermelho marmorizado e possui 200 folhas completamente preenchidas, enquanto o livro **Ar6** possui 100 folhas e uma capa dura de tecido preto. Estes livros abrangem um período similar, distinguindo-se pelo fato do livro **Ar6** registrar as reuniões do Conselho da União e o *Livro de Atas da Pia União* possuir as atas das reuniões mensais, com todas as associadas.

O Conselho da Pia União era formado pela diretora e sua vice, pela presidente e sua vice, pela secretária e sua vice, pela tesoureira, pelas conselheiras e pelo Padre-diretor, quando este podia comparecer. Nestas reuniões eram determinadas as práticas devotas das reuniões mensais, as (os) padroeiras (os) do mês, as missas a serem rezadas, avisos, além da eleição das aspirantes e Filhas de Maria. As reuniões costumavam ser realizadas em alguma sala vaga do Colégio e estavam fechadas à participação das outras Associadas e Aspirantes que não compunham o quadro do Conselho.

¹⁴ O livro **Ar4**, de capa dura revestida de tecido com 50 folhas, não abrange o período da pesquisa, porém traz alguns indícios do fim da Pia União, que vivenciou seu período áureo nos anos 20 e 30. Neste livro, as reuniões são realizadas mensalmente até 1945, voltando a acontecer somente em 1947. A partir deste ano as reuniões deixam de acontecer na Capela e passam para alguma das salas do Colégio e com uma frequência menor. Em 1948 o vigor da União é retomado, mas com o fim do ano o registro das Atas é interrompido. Por fim, há uma ata do ano de 1951 e outra de 1952. Nesta Ata algumas alunas e o Padre-diretor procuram retomar a Pia União, mas após este registro não há mais nenhuma informação acerca da existência desta religiosa no Colégio. Ao que tudo indica, a Pia União acabou tendo suas atividades encerradas pelo enfraquecimento do fervor e do ânimo que a levavam adiante, sendo este um fim não muito brilhante para uma Associação de tanto prestígio e força no Colégio Progresso.

Uma prática jesuítica de organização da sala de aula aparece neste aspecto dos Conselhos da Pia União, posto que o papel das conselheiras era zelar por um grupo de moças Associadas e Aspirantes, garantindo que se portassem como verdadeiras Filhas de Maria. Entre os jesuítas também existia a prática de eleger alguns alunos como responsáveis por um grupo menor educandos, a fim de administrar e disciplinar os grupo muito grandes (DUSSEL e CARUSO, 1999 e FOUCAULT, 1994, p. 133). A vigilância do método preventivo também fica expressa neste ato, pois a conselheira pode acompanhar mais de perto as alunas, zelando para que elas cumprissem as práticas devotas de cada mês.

Sobre estas práticas devotas é pertinente registrar que as moças deveriam entregar, a cada reunião, um boletim com a contagem de cada prática devota realizada pela aluna. Tais práticas consistiam em rezar terços, rosários ou algumas orações e meditações. O boletim era inominado e oferecia ao padre-diretor uma idéia do fervor religioso presente na Associação. Estes boletins visavam estimular as alunas a praticarem mais sua religiosidade, estimulando a competição entre as associadas. A emulação propalada pelos jesuítas é bastante evidente neste aspecto (MANOEL, 1996, p. 94). O **Manual** propõe diversas destas práticas, que são realizadas ao longo do dia em horários determinados. O Capítulo IV da obra, intitulado de "*Regras de Vida para uma Filha de Maria*", contém todas as orações e práticas necessárias para os dias comuns e datas especiais.

As reuniões mensais seguiam a "pauta" determinada pelo Conselho e eram comumente presididas pelo diretor. Além de cantos e orações para iniciar e encerrar as reuniões, o diretor dava verdadeiras aulas às moças, abordando temas religiosos diversos, procurando inspirar nas alunas o amor a Maria, a devoção aos Santos, a obediência, o abandono e a resignação à vontade divina. Já o santo do mês servia de exemplo e sua vida era relatada pelo diretor, destacando as virtudes a serem imitadas pelas Filhas de Maria.

Emerge aqui mais uma vez a *pedagogia do exemplo* que BITTENCOURT (2002, p. 156) destacara, a qual consiste no esforço para se aproximar dos santos, levando uma vida de sacrifício. As dores, o sofrimentos, a persistência de muitos santos são destacados pelo diretor. Entre alguns dos Santos são destacados Nossa Senhora das

Dores, Santa Theresinha do Menino Jesus, Nossa Senhora do Calvário, São Francisco de Salles, Santa Inês, Santa Rosa de Lima, São Deodoro e São João Bosco. Nas suas exortações o padre-diretor destacava uma qualidade maior de cada Santo, servindo esta de exemplo às Associadas, que deveriam praticá-la com maior fervor durante o mês.

O diretor, nestas reuniões, procurava, realmente, exortar as Filhas de Maria a darem o melhor de si, a aceitarem os sofrimentos e os sacrifícios pelos quais estivessem passando, a fim de serem virtuosas, obedientes e puras. O afastamento dos pecados, personificados pelas más companhias e pelas más leituras também era bastante ressaltado pelo diretor.

O trecho

(...) resume os deveres duma jovem cristã: "Ela deve ser um cordeiro em casa, um passarinho ágil e veloz na rua, um anjo na igreja e um lírio de pureza consigo mesma". (...) uma Filha de Maria deve ser em casa o que significa o cordeiro, o modelo de mansidão obediente para com seus pais, dócil para com seus irmãos e paciente para com os criados. Na rua ou na sociedade deve a jovem cristã portar como o passarinho, que ama a solidão e só toca a terra quando é preciso e defender-se quando perseguem, quer isso dizer que ela deve viver no mundo como se nele não estivesse com o espírito sempre voltado para Deus, fugindo do contágio do mal e defendendo-se do menor ataque. Na igreja, a jovem cristã deve estar como os anjos estão no céu, diante do Soberano Senhor, isto é, em atitude de adoração, com o máximo respeito, enlevada na presença divina e abrasando de amor para com Jesus Sacramentado.

Finalmente, para consigo mesma a Filha de Maria deve ser um lírio de pureza, isto é, muito recatada nos seus sentimentos, pensamentos e afetos, muito vigilante na guarda dos sentidos e muito reservada nas suas relações, lembrando-se sempre que o mais leve sopro do mal pode prejudicá-la assim como o lírio se mancha ao mais leve contato (Ar3, Ata da 123ª Reunião Mensal, em 07 de abril de 1918, presidida pelo Vice-Diretor Cônego Carlos Cerqueira, folha 95).

Surgem aqui os ideais pretendidos para a formação das moças, segundo os preceitos católicos. A obediência e a pureza são as posturas-chave a estas moças, as quais sairiam do Colégio e precisariam se manter invioláveis no mundo externo. A devoção a Deus e o amor a seu Filho constituem passos importantes para alcançar a pureza do espírito, que, por sua vez, garante o afastamento do Mal e a promessa do Paraíso.

É interessante destacar que, além da afinidade desta formação religiosa com o sistema preventivo salesiano e o jesuítico, há uma semelhança, também, com os pressupostos da educação ursulina, do século XVI, a qual pregava a obediência e a mortificação das jovens, preparando-as para (...) *se defenderem dos perigos do mundo, fugir dos prazeres terrenos* (...) (PASSOS, [s.d.], p. 54).

Ao lado da mansidão, da resignação e da pureza estava também a caridade, muito enfatizada em diversas reuniões. Assim, não existia uma preocupação apenas com a salvação da própria alma, mas com o bem-estar e a salvação de outras almas. Assim, eram rezadas diversas missas, principalmente no período de finados, ou quando da morte de parentes de alguma das associadas. A preocupação com os rumos da Pátria também eram abordadas pelo diretor, o qual (...) *exortou-nos a invocar muito os anjos da guarda de cada soldado, porque, no ardor da batalha, talvez eles se esqueçam de implorar a esses guias celestes que não nos abandonam nunca* (Livro de Atas da Pia União das Filhas de Maria, Ata 273ª Reunião Mensal, em 04 de setembro de 1932, presidida pelo padre Brenno Romeiro Cesar, folha 37). Assim, durante a Revolução de 32, as alunas do Colégio não estavam alheias ao que acontecia no exterior do estabelecimento.

Como futuras mães e esposas dos varões da Nação, estas moças deveriam estar cientes do que acontecia com a Pátria e reunir esforços para ajudar aqueles que precisassem. A caridade é uma destas formas ao alcance do sexo feminino e que constitui (...) *a base e o elemento de nossa vida espiritual, pois que ela constitui a nossa união com Deus e a nossa perfeita adesão à sua divina vontade que exige que amemos o próximo como a nós mesmas* (Ar3, Ata da 128ª Reunião Mensal, em 1º de setembro de 1918, presidida pelo Padre José dos Santos, folha 102).

De todas as associações religiosas no Colégio, a Pia União das Filhas de Maria é aquela que carrega com mais força os ideais pretendidos pelo catolicismo ultramontano para a formação das moças, procurando, com justificativas morais, incutir nelas a obediência, a paciência, a resignação e a docilidade. O **Manual** traz com muita clareza os ideais pretendidos por esta Congregação, que também são desejados pela elite:

O fim da Pia União das Filhas de Maria, além de consistir em promover a maior glória de Deus e o aumento da devoção para com a Virgem Imaculada, é proteger a inocência das jovens, defender sua tenra idade do pestífero contágio do mundo, levá-las, por meio de conselhos e práticas religiosas, ao exato cumprimento dos deveres para com Deus, para com o próximo e para consigo mesmas, à consecução de uma sólida virtude, sob a guarda fidelíssima da Imaculada Rainha do Céu, e segundo os luminosos exemplos da jovem mártir Santa Inês. (**Manual da Pia União**, [s.d.], p. 4, grifos do autor)

2. Congregação dos Santos Anjos

A Congregação dos Santos Anjos foi fundada em 29 de setembro de 1911, tendo como Diretor o Monsenhor Reimão. Esta Associação consistia em uma “preparação” das meninas para entrarem, depois, na Pia União. Assim, apenas meninas mais novas, de até doze anos, faziam parte desta congregação. A estrutura hierárquica era muito similar à da Pia União, porém sem as conselheiras desta.

A nossa Congregação está destinada a fazer grande bem aqui no Colégio e nos ensinar aquilo que devemos praticar mais tarde como Filhas de Maria.

Os Santos Anjos nos indicarão o caminho que devemos seguir até chegarmos ao altar de Maria (Ar2, Ata da fundação da Congregação, em 29 de setembro de 1911, presidida pelo Monsenhor Reimão, folha 1).

Ana Luisa, irmã *Clarita*, conseguiu entrar na Congregação, diferentemente da irmã mais velha, que não podia tomar parte dela pelo seu mau comportamento. Assim, quando completou seus quinze anos, Maria Clarice teve o propósito de entrar para a Pia União, precisando empenhar-se bastante.

O tom das instruções na Congregação dos Santos Anjos é bastante similar ao da União das Filhas de Maria, exortando as meninas a se portarem bem, assemelhando-se aos anjos no céu e pedindo a proteção de seus anjos da guarda. Desde a mais tenra idade, então, as meninas são estimuladas e aconselhadas a serem virtuosas e obedientes, tanto no Colégio, quanto na família e na sociedade em geral:

(...) o Revmo Diretor falou sobre os principais deveres que temo para com Deus e dirigiu utilíssimos conselhos às associadas, lembrando-lhes a obrigação que têm de se portarem muito bem não somente no Colégio,

onde tudo facilita o regulamento, a vigilância dos professores e muitos outros meios, mas também fora, conquanto seja mais difícil, devem se esforçar para distinguirem-se pela piedade e conduta exemplar (Ar2, Ata da Reunião do dia 12 de março de 1912, presidida pelo Monsenhor Reimão, folha. 3)

Observa-se, mais uma vez, a marca que as alunas do Progresso, ainda mais como associadas da Congregação dos Santos Anjos, deveriam carregar também fora do Colégio, mostrando-se piedosas, obedientes e disciplinadas. Assim como no Colégio das Irmãs de São José, em Itu, também no Progresso existia a preocupação em torno da imagem que as meninas levavam para a sociedade, no sentido (...) *de zelar pelo bom nome da instituição, enquanto membros representativos do Colégio* (SANTOS, 2004, p. 93).

A *pedagogia do exemplo* (BITTENCOURT, 2002) emerge novamente neste contexto, pois, as associadas deveriam servir de exemplo às demais colegas e a fonte de inspiração para estas meninas congregadas estava nos próprios anjos, como ressaltado na Ata da 55ª Reunião mensal, em setembro de 1920 (sem referência ao dia):

O Revmo Diretor começou chamando a atenção dos Anjos sobre o bom exemplo que deviam dar a todas as suas companheirinhas, porque estas, com razão, esperavam ver nelas, colegas, verdadeiras imitadoras dos espíritos celestes (idem, Reunião presidida pelo Pe José dos Santos, folha 33).

Enquanto na Pia União as moças tinham diversos Santos como exemplo de vida digna dedicada a Deus e sacrificando-se por Ele, as meninas possuem como exemplos de conduta os próprios anjos, que também as protegem dos perigos. Esta comparação da criança com o anjo é bastante significativa e, em **Clarita no Colégio**, ela impressionou Maria Clarice. A primeira vez em que a menina é chamada ao escritório de Dona Emília, por colocar tomates e cebolas no prato da irmã caçula, a diretora diz que *Clarita* não deveria judiar da irmã menor e sim, tornar-se seu *anjo da guarda*, deixando a menina muito arrependida e muito inspirada a tornar-se melhor.

Além disso, na Congregação, tinha-se em mente combater os “defeitos” desde a mais tenra idade, (...) *enquanto eles são pequenos, porque (...) criarão mais tarde fortes*

raízes e acabarão por dominar inteiramente (idem, Ata da 21ª Reunião, em 17 de fevereiro de 1914, presidida pelo Monsenhor Reimão, folha 11). Afinal (...) é desde pequeninas que nos devemos habituar a isto e não é por termos pouca idade que tudo nos é descuidável (Ata da 47ª Reunião, em 06 de junho de 1919, presidida pelo Monsenhor Reimão, folha 28).

Este discurso de combate aos defeitos, da busca pela piedade e pela boa conduta tem como justificativa o *dever*, que constitui diversos ramos, entre eles o da piedade, da obediência, da salvação da alma, a fim de encontrar (...) *a paz para a nossa alma e sermos felizes (...)* (Ata da 28ª Reunião, em 13 de abril de 1915, presidida pelo Monsenhor Reimão, folha 11).

A moralização das moças começava, portanto, desde muito cedo, ainda quando eram meninas, em um espaço do qual elas desejavam muito tomar parte, como *Clarita* o desejou. Entretanto, o “gênio” de *Clarita* não permitia alcançar o “bom” comportamento de forma espontânea, o que lhe impediu a participação desta Associação. Sua possibilidade encontrava-se, por outro lado, na Pia União, outro espaço ardentemente desejado.

3. A Liga Eucarística

No Colégio encontrei dois livros de atas referentes à Liga Eucarística/Cruzada Eucarística, sendo o primeiro o *Livro de Ata da Associação da Liga Eucarística de 1930 a 1936* e o segundo o livro **Ar1**, de tamanho grande com 50 folhas e capa dura, com atas da Cruzada Eucarística Infantil, de 1946. Apesar de este último livro ser do período posterior àquele privilegiado pela pesquisa, ele traz na Ata da fundação da Cruzada algumas informações sobre a Liga Eucarística, que se tornou a Cruzada. Segundo consta na ata:

Com o nome de Liga Eucarística Infantil, funcionava um pequeno sodalício de crianças do Colégio, sob a direção da professora Virgínia Ferraz Pahim.(...)

Havia reuniões semanais nas quais se procurava inculcar nas crianças o santo hábito da Comunhão freqüente, sendo dadas também explicações sobre o Catecismo (...). Foi então, a critério superior, suprida a

denominação *Liga Eucarística*, para denominar-se *Cruzada Eucarística Infantil*. (Ar1, 31 de agosto de 1946, folha 3).

O período da fundação da Liga Eucarística não é fornecido neste livro e tampouco no *Livro de Atas*. Neste livro, a primeira Reunião mensal é de 1930, sem aludir à fundação da associação, como observei nos outros livros de atas, nos quais a data da fundação é registrada e lembrada. O nome da professora Virgínia também não está presente nas atas e não foi possível precisar o período em que trabalhou no Colégio. Nestes Livros são registrados os exames parciais e finais realizados em diversas séries e cursos oferecidos pelo Colégio, datando eles das décadas de 20 e 30, principalmente. Virgínia Pahim começou a participar das examinadoras de Português e Francês por volta do mês de setembro de 1936. Antes deste período não me foi possível encontrar seu nome nos registros do Colégio, o que poderia levar a crer que a Liga Eucarística passou a existir neste período. Virgínia também foi Presidente do Grêmio de Sociologia "D. Emília de Paiva Meira", como consta nos Estatutos do mesmo (**Categoria 1, Anexo 8, RI5**), fundado em 1938.

Por outro lado, no *Livro de Atas da Pia União das Filhas de Maria* (**Categoria 3, Anexo 18, Ar3**), a Ata da 186ª Reunião Mensal, 06 de janeiro de 1924 o Padre-Diretor Francisco Lanna (...) *esperava que todas pertencessem a Liga Eucarística, cujo fim é o de tornar, mais freqüentes as Comunhões diárias, entre as Filhas de Maria* (folha 167). Isso significa que a Liga existia antes da chegada da professora Virgínia e que a ela poderiam pertencer Associadas de outras Congregações, como a Pia União.

Esta escassez de informações leva-me a supor que a Liga Eucarística Infantil iniciou suas atividades por esta professora de forma bastante informal, ganhando um formato de Associação apenas em 1930, quando são registradas reuniões mensais e não apenas encontros semanais. Segundo consta no *Livro de Atas da Liga Eucarística* (Ata da 26ª Reunião, em 07 de agosto de 1936, presidida pelo Pe Brenno Romeiro Cesar, folha 29):

Certa vez, durante a Santa Missa, rezado o confiteor, notou ele [São João Bosco], que poucos eram os comungantes, e que estes, eram a maior parte estrangeiros.

No recreio, reuniu os bons meninos e organizou uma espécie de estatutos e artigos, os quais deviam obedecer à risca, assim como também

foram divididos em turmas, de modo que não passava um dia sem receber o meigo Jesus!

Foram estas reuniões a origem da Liga Eucarística que hoje se propaga cada vez mais.

A Liga teria se formado destas reuniões informais, seguindo algumas regras, que levassem os meninos a comungarem com uma freqüência maior, auxiliando-os a seguirem o bom caminho. A inspiração salesiana está posta mais uma vez no Colégio, mostrando uma preocupação grande com a formação moral das meninas.

O trabalho de *inculcação* do hábito da Comunhão freqüente, como consta na Ata do Livro **Ar1**, está realmente presente nas Atas do *Livro da Liga Eucarística*. Além de existir o empenho em esclarecer as alunas sobre a importância da Eucaristia, o tom de exortação também emerge nos registros das reuniões. Há uma preocupação com a pureza e a virtude das alunas, procurando inspirar nelas a fé, a esperança e a caridade, protegendo-as daquilo que pode colocar sua alma a perder, como a *má imprensa, que se acha a maior fonte de perdição da fé do amor de Deus (...)* (*Livro de Atas da Liga Eucarística*, Ata da 7ª Reunião, em 30 de agosto de 1931, presidida pelo Pe Theóphilo de Mello Coelho, folha 9).

A Eucaristia surge como um meio bastante eficaz para seguir um caminho de virtudes, sendo destacado como o Sacramento mais importante da Igreja: *Um grande benefício nos traz ainda a Eucaristia: nos preserva do pecado, nos conserva na inocência, nos fortalece contra as tentações e nos serve de antídoto contra o veneno das paixões* (*Livro de Atas da Liga Eucarística*, Ata da 17ª Reunião, em 24 de setembro de 1936, presidida pelo Pe Theóphilo de Mello Coelho, folha 22).

Enquanto nas outras associações existe um destaque para figuras religiosas e celestes, como exemplos a serem seguidos pelas alunas, na Liga Eucarística, a grande salvação da alma se encontra na própria Eucaristia, exigindo a comunhão das alunas para se livrarem do pecado, preservando-se puras. Não se trata, nesta associação, de um exemplo externo a ser seguido, mas de uma atitude que deve partir da própria moça, que deseja se preservar do mal, recebendo o corpo e o sangue de Jesus para se purificar. A Eucaristia se mostra como uma panacéia e a Liga esclarece sobre seus benefícios e como as associadas devem recebê-la.

Pode-se dizer que a Associação da Liga Eucarística é aquela que possui, em parte, um caráter um tanto teológico, esclarecendo sobre o amor de Jesus pela Humanidade e o amor e a obediência que lhe deve o ser humano, para livrar sua alma dos pecados. Contudo, mesmo neste sentido existe uma carga de culpa a ser expiada, procurando estimular a resignação nas alunas.

4. O Oratório Festivo Dom Bosco

Sobre o Oratório Festivo Dom Bosco encontrei apenas um Livro de Atas, de capa dura revestida de tecido preto e com 50 folhas, que marquei com a sigla **Ar5**. Este Livro contém as atas referentes ao Oratório Festivo D. Bosco possui um número muito pequeno de folhas preenchidas, cessando bruscamente, sem maiores esclarecimentos. Do livro consta a ata de inauguração do Oratório, em 08 de julho de 1934, com objetivo de amparar crianças abandonadas, adicionando a isso um trabalho de catequização das mesmas. A Associação foi presidida pelo Padre Waldemar Luiz Rezende. Segundo consta na ata, esta seria uma aspiração de longa data de Emília de Paiva Meira.

As crianças tinham entre 5 e 11 anos, de ambos os sexos e o trabalho conseguido com elas foi de bastante destaque, sendo que, em pouco mais de um mês, o número de crianças atendidas passou de 103 a 396. Paralelamente a este trabalho havia a formação de alunas do Colégio para se tornarem catequistas. Seu exame foi realizado em 25 de outubro de 1934 pela Cúria Diocesana e em 25 de novembro e primeiro de dezembro do mesmo ano os jornais *Correio Popular* e *A Tribuna*¹⁵, respectivamente, noticiavam a entrega dos diplomas e destacavam a importância da mulher na vida de Jesus.

As atividades com as crianças incluíam não apenas a catequização, mas também a diversão, com uma particular atenção no desenvolvimento físico, oferecendo às crianças jogos e outros divertimentos. As crianças foram inicialmente divididas em 12 classes. Nota-se o objetivo principal de oferecer um amparo religioso a estas crianças abandonadas, assemelha-se ao Oratório de Valdocco criado por Dom Bosco

¹⁵ Recorte encontrado no caderno *Saudade* (*Categoria 1, Anexo 6, HP8*).

na Itália, o qual acolhia meninos e jovens saídos da prisão, ou moradores de rua, procurando, através da religião, trazê-los para uma vida mais digna (MESCHIATTI, 2000 e SANTOS, 2000).

De todas as associações analisadas no Colégio Progresso, o Oratório é aquele que mais se distancia das anteriores, pois apresenta um objetivo mais caritativo, de auxílio ao próximo e não só da salvação da própria alma. Existe, certamente, uma preocupação pelo bem do próximo por amor a Deus e para expiar os próprios pecados, mas a tônica maior que emerge nas atas é a do auxílio, do bem que se realiza ao ampara as crianças, cuja quantidade cresce consideravelmente.

Trata-se de uma associação bastante peculiar entre as demais e cujas informações são bastante escassas. Mesmo entre os registros da História do Colégio, nos mais diversos períodos, o Oratório não aparece e, mesmo nos artigos supracitados, não se menciona a relação entre as catequistas e o mesmo. Apesar do grande número de crianças atendidas e todo o esforço das próprias alunas para se tornarem catequistas, esta associação parece não ter tido muito destaque no interior do Progresso.

Capítulo 4

A Voz Progressista: Cotidiano do Internato através dos Documentos

Corpo discente do Colégio Progresso

O presente trabalho tem apontado para os ideais educacionais pretendidos para uma determinada elite feminina, que viria a ocupar os espaços social e doméstico, preservando-a, entretanto, dos perigos do mundo. Até então procurei delinear o projeto pedagógico elaborado pelo Colégio Progresso, que abrangia disciplinas as mais diversas, desde as ciências modernas até aquelas de artes manuais e de formação moral.

Contudo, não voltamos ainda o nosso olhar para as próprias alunas que freqüentavam a instituição e que eram o alvo desta proposta pedagógica. Este Capítulo procura, portanto, dar voz a elas, revelando, através da variedade de documentos encontrados no Colégio, quem eram estas alunas, e como elas apreendiam a realidade vivenciada no internato, incorporando-a para a vida futura.

Sendo o Colégio também um internato, a maioria das progressistas vivenciou este espaço como o seu segundo lar, passando longos períodos do ano no estabelecimento e criando laços bastante fortes com as colegas, professoras, diretora e demais funcionárias. Este vínculo forte significava, também, uma forma de superar a distância da família:

Nos primeiros dias, é natural Clarita e Nenéte ficaram um pouco sem jeito, por ver tanta cara nova, tantas salas e corredores, um ambiente tão diferente de casa. Mas agora já se acostumaram bem e gostam tanto do colégio que, no carnaval, o papai veio buscá-las para passarem os dias feriadados com a mamãe, e elas não quiseram ir (Clarita no Colégio, [s.d.], p. 12).

Assim, o Colégio parecia mostrar-se um local aprazível às meninas, com uma rotina repleta de atividades, o que atenuava as saudades de casa. Nos Capítulos anteriores acompanhamos um pouco da trajetória de *Clarita*, certamente a nossa voz mais destacada no Colégio, através da obra **Clarita no Colégio**, mas ela não foi a

única a deixar seus resquícios entre a documentação encontrada no estabelecimento. As progressistas emergem em diversos documentos produzidos pelo próprio Colégio, sendo registradas como alunas, filhas de indivíduos ilustres e de posses, sabendo-se de seu desempenho nos exames e de sua frequência às aulas. Este é o caso dos *Livros de Atas*, *Livros de Chamada* e *Livros de Matrícula* que controlavam o fluxo das alunas e zelavam pela ordem do estabelecimento.

Primeiramente nos debruçaremos sobre alguns dos materiais produzidos pelo próprio Colégio Progresso, incluindo aí Livros da parte administrativa do estabelecimento e outros documentos que abrangem também as práticas de ensino. Em seguida analisaremos alguns materiais produzidos pelas próprias alunas e, por fim, destacarei aqui de forma mais aprofundada a obra **Clarita no Colégio**, livros este de suma importância para a presente pesquisa. Através destes e outros documentos ser-me-á possível resgatar algumas facetas do cotidiano das alunas e saber das suas impressões acerca deste lugar que marcou profundamente as suas vidas.

Uma Rotina de muitas Regras

A documentação produzida pelo Colégio aponta para uma burocracia crescente, que visava manter o controle e a ordem sobre o grande número de alunas que viviam no regime de internato e de externato também. No Colégio encontrei muitos *Livros* desta parte administrativa e burocrática e uma observação comum a estes materiais, (**Categoria 1, Anexos 1 a 5 - Livros de Chamada, Matrícula, etc.**), se refere ao período em que foram redigidos e elaborados. Grande parte deles é do final da década de 20 e anos 30, com muitos materiais da Escola Normal anexa ao Colégio. Tal fato é particularmente interessante, pois trata-se, de fato, do período da fundação do Curso Normal, em 1928. Além disso, a profusão destes Livros de organização do cotidiano do estabelecimento indicam que este fazia sua fama crescer pela cidade e pela região, exigindo um rigor maior e formas mais complexas de registro de alunos e notas. A criação de um novo curso significa a vinda de mais alunos e mais exames a serem realizados, demandando mais Livros para registros.

Neste período, também, o Colégio já se localizava em um prédio próprio - à Avenida Júlio de Mesquita -, possibilitando um maior armazenamento de documentos do que anteriormente, posto que, com as mudanças de um edifício para outro, não seria possível levar todos os documentos e registros a cada mudança, apenas os mais necessários. Neste sentido, foi-me possível conhecer melhor apenas as progressistas das décadas de 20 e 30, registradas neste *Livros*.

Após estas considerações, inicio minha análise pelos 14 *Livros de Chamada* (**Anexo 1**) que encontrei em meio as estantes de metal da Sacristia. Destes Livros, apenas três (Livros 1, 5 e 6) foram encapados com papel pardo, enquanto os demais possuem suas capas originais. Estes *Livros* já vinham com tabelas impressas prontas, as quais precisavam ser apenas preenchidas pelos professores.

Todos eles são rubricados em cada uma das folhas, todas elas numeradas, sendo identificadas, juntamente com a finalidade dos Livros nos seus Termos de Abertura e Encerramento. Nestes *Livros* nota-se que a falta era uma exceção, pois, estando as alunas no internato, apenas por motivos muito graves elas poderiam se ausentar das aulas. Observa-se um grande rigor na presença às aulas, muito característica em instituições totais, com uma vigilância constante, seja das professoras, funcionárias e das próprias alunas uma sobre as outras (MANOEL, 1996, p 80 e MORASSUTI, 1997, p 16).

Além da vigilância, nota-se também, no *Livro de Chamadas do 3º e 4º ano, de 1931* e no *Livro de Chamada do 1º, 2º, 3º e 4º Ano para Prática das Normalistas, de 1936 a 1937* (Livros 5 e 14, respectivamente), a emulação e a competição como formas de disciplinar as alunas, pois as turmas estão divididas em alunos "fortes", "médios" e "fracos". Esta competição se estendia ao dia-a-dia acadêmico da sala de aula, onde cada aluna era estimulada a dar o melhor de si, a patentear os avanços e assimilação do que era ensinado no Colégio (MANOEL, 1996, p. 95). Se o professor tinha esta divisão clara para si, não menos a teriam os alunos.

Estes últimos, pelo que se pode constatar nas folhas 5, 9 14 e 20 do *Livro de Chamada do 1º, 2º, 3º e 4º Ano para Prática das Normalistas, de 1936 a 1937* (Livro 14), também eram do sexo masculino. Nestas páginas do Livro há turmas apenas do sexo masculino, em número bem reduzido quando comparado com as demais turmas,

mas são significativos, pois foram reunidos em grupos do mesmo sexo. Tal fato se mostra bastante peculiar para um Colégio que se diz voltado para a formação de moças e torna-se mais interessante ainda quando se trata do Curso Normal, o qual seria mais interessante e “natural” ao sexo feminino. Trata-se de uma questão nova, não registrada pela bibliografia que trata da História do Colégio e que traz muitas dúvidas e reflexões. Afinal, como poderiam ser aceitas turmas inteiras de rapazes em um internato de moças, profundamente regulado pela doutrina católica, assemelhando-se a um convento? Note-se que no período de 1936 a 1937 Emília de Paiva Meira estava viva e ainda administrava o Colégio.

Já no **Anexo 2**, no qual foram organizados os *Livros de Notas e Faltas*, encontrei formalidades similares ao **Anexo** anterior, com as rubricas da diretora e os Termos de Abertura e Encerramento identificando o número de folhas de cada documento. Apenas o *Livro de Notas e Faltas Admissão/ Ginásio, de 1926 a 1932* (Livro 1) não possui o número de folhas e as rubricas, mas traz fichas impressas preenchidas à mão, com detalhes sobre as alunas que freqüentaram o Ginásio neste período, com suas notas, a cidade em que nasceram e o nome e a profissão do pai.

Outro documento que chama atenção é o *Livro de Freqüência do Ginásio, de 1933 a 1935* (Livro 2), no qual estão registradas além da freqüência dos alunos, a freqüência do corpo docente também, indicando que a vigilância e o controle não se limitavam à esfera discente. Se, por um lado, os alunos precisavam ser vigiados, e isto era possível com os funcionários e professores, também internos ao Colégio, por outro, estes mesmos professores deveriam ser comprometidos com o projeto educacional do Colégio, leais a ele e enquadrados, igualmente, às suas regras (BITTENCOURT, 2002, pp.162/163). Tais procedimentos apresentam pontos para uma análise mais detalhada, mas visam garantir um mínimo de controle e segurança.

Já nos outros *Livros* as tabelas com as notas e o número de faltas foram riscadas e preenchidas à mão. Mais uma vez se apreende o rigor com as faltas das alunas e, ainda mais, com suas notas, para sempre registradas na História do Colégio, sejam elas boas ou ruins.

No **Anexo 3** temos os *Livros de Matrícula*, com treze exemplares, inclusive das primeiras turmas a ingressarem no recém-fundado Colégio, em 1900. Certamente fiquei

surpresa ao encontrar o *Livro de Matrícula de 1900 a 1902* e o *Livro de Matrícula de 1901 a 1906* (Livros 1 e 2, respectivamente), entre tantos livros de períodos mais recentes. São Livros que não possuem Termo de Abertura ou Encerramento, tampouco rubricas de diretoras ou numeração das folhas, dando pistas do “improvisado” que significou a fundação do Colégio, em um local provisório, com alunas entrando no decorrer do ano.

Além disso, estes dois Livros englobam praticamente o mesmo período de tempo, com informações similares, a não ser pelo fato do segundo Livro trazer de forma mais detalhada as informações sobre as alunas, principalmente no que se refere à questão médica, higiênica e de cursos complementares. Peculiar também é a ausência do registro das turmas de 1902, o período de transição entre a direção de Dona Ana von Maleszewska e Dona Emília de Paiva Meira, aparentemente pouco tranquilo e inesperado.

No entanto, nos demais *Livros* este caráter de improvisado desaparece, dando lugar a um registro bastante detalhado, preenchendo as tabelas impressas destes materiais. Estes registros trazem o nome do pai, sua profissão, a religião e o endereço da família, podendo também trazer detalhes sobre a lavagem de roupas (dentro ou fora do estabelecimento) e cursos extras. O registro da opção religiosa do futuro aluno demonstra que esta era um pré-requisito essencial ao ingresso na instituição, posto que todos são católicos apostólicos romanos, sem variações.

Quanto à profissão dos pais, destaquei no **Capítulo 2** que a grande maioria pertencia à elite, como MORASSUTI (1997, p. 55) também constatara. Havia, contudo, pais com outras profissões, como cabeleireiro, mecânico e até de uma doméstica com a filha matriculada no Colégio, além de que, junto da tradicional classe latifundiária, começavam a emergir outras profissões tipicamente urbanas, como a de médico e advogado.

Por outro lado, no que se refere à presença de turmas masculinas, a autora supracitada (idem) identificou apenas a presença de um aluno do sexo masculino, filho de uma professora de geografia, em 1927 e a matrícula de turmas masculinas no Pré-primário dos anos de 1941 e 1946 (idem, p. 51 e p. 59). Nas minhas buscas encontrei, entretanto, a presença de turmas masculinas também nesta categoria de *Livros*. Nos

Livros *Primário: Livro de Matrícula nº 2 - Admissão: 1936 a 1939, Primário: Livro de Matrícula nº 3 - 1937 a 1939 - feminino e Primário: Livro de Matrícula nº 4 - 1937 a 1948 - masculino* (Livros 11, 12 e 13, respectivamente) a matrícula de turmas masculinas, com cerca de dez alunos cada. No Livro 11 estão registradas duas turmas às folhas 18 e 19 e no Livro 12 às folhas 26 e 27. Já o Livro 13 é inteiramente dedicado ao registro de turmas de alunos, o que faz supor que a presença deste sexo no Progresso se tornava mais contundente.

Novamente destaco que esta situação é bastante peculiar e que levanta hipóteses diversas, inclusive o perigo do Colégio fechar suas portas, precisando admitir meninos e rapazes. Ou, pelo contrário, sua fama de instituição de qualidade passa a valer até mesmo para o sexo masculino e, ainda por cima, no Primário e no Curso de Admissão. Neste sentido, não se trata apenas *das* progressistas, mas *dos* progressistas também, cuja voz é muito mais silenciosa e que só aparece nestes documentos.

Por outro lado, também é interessante destacar que, se meninos chegaram a frequentar o Colégio, eles não o vivenciavam junto com as meninas. A co-educação dos sexos foi uma alternativa rejeitada pelo Colégio, seguindo, com isso as recomendações da encíclica *Divini Illius Magistri*, de 1929, na qual o Papa Pio XI ressalta a importância da educação cristã, porém com a separação dos sexos. Assim, o Colégio Progresso seguia esta tendência católica de colocar meninos e meninas em turmas separadas.

Outro material interessante encontrado no Colégio foram os dois exemplares de *Livros de Termos de Visitas (Anexo 4)*, os quais trazem o registro dos inspetores que visitaram o Colégio. Estas inspeções mostravam-se necessárias para conseguir a equiparação do Colégio aos estabelecimentos oficiais e garantir que os padrões continuassem sendo adequados após conseguí-la (UHLE, 1998, p 86 e MORASSUTI, 1997, p. 11). As progressistas precisavam, portanto, se empenhar em demonstrar que o ensino oferecido pelo Colégio era realmente bom, precisando dedicar muitas horas do dia aos seus estudos.

No **Anexo 5** temos os Livros de Atas, com 25 exemplares, registrando os mais diversos eventos do Colégio, desde a instalação das bancas de Exames, seus resultados e incineração (Livro 25) até as reuniões da Associação de ex-alunas (Livro 11) - incluindo a seção fúnebre em memória a Emília Meira - e as Solenidades de

Entregas de diplomas (Livro 13). Estes documentos apresentam a visão do Colégio destes eventos, dos quais as alunas também participavam. Sua opinião e sentimentos sobre estes momentos jamais teremos conhecimento, pois nem mesmo em **Clarita no Colégio** a protagonista nos relata dos momentos de exames na instituição.

Todos estes *Livros* apontam para a rigidez do cotidiano vivenciado pelas alunas, tendo sua frequência às aulas controlada, valendo o mesmo também para professores e funcionários, além dos muitos exames realizados ao longo do ano pelas jovens, cujas notas poderiam servir de motivo de glória ou de vergonha para elas e para o Colégio perante a sociedade. Entretanto, a existência destes documentos tornava a aluna reconhecida pela instituição, mas ela deveria comportar-se dentro dela e, para isso, deveria seguir algumas regras.

Em meio aos documentos encontrei diversos Regulamentos que impõem deveres não só às alunas, como também às professoras e outras funcionárias (**Categoria 1, Anexo 8**). Apesar de não possuírem data acredito que são do período em que Dona Emília dirigia o Colégio, ainda mais porque se dirigem exclusivamente às *alunas*. Os deveres das alunas (**RI2**) foram datilografados em uma folha grande colada sobre um pedaço de um diploma de papel-cartão, preservando a folha de papel mais frágil. Estes deveres incluem as formas de se portar perante a diretora, professoras e funcionárias e em todos os momentos do Colégio, na entrada, saída e durante as aulas e também nos recreios, além dos trajés corretos. As palavras de ordem são ordem, polidez e assiduidade, procurando incutir nas alunas um comportamento exemplar (leia-se resignado e obediente) em qualquer momento vivenciado no Colégio.

Além destes deveres, encontrei ainda algumas regras datilografadas sobre um pequeno papel, que explicitam aspectos a serem evitados no estudo ao ar livre (**RI4**). As meninas *não* podiam *Sair do limite marcado pelos bancos; Estudar na valeta; Sentar-se no chão; Tomar posições pouco corretas, deitar-se ou encostar-se demasiadamente; Esperdiçar tempo*, entre outras. Isso significa que nos momentos em que as meninas dedicavam-se aos estudos sozinhas em um ambiente externo elas precisariam tomar um cuidado redobrado para se portarem, a fim de “aproveitarem bem os estudos”.

O desrespeito às normas implicaria em penas severas, também impressas no documento dos Deveres das alunas (RI2), e que abrangiam desde a *admoestação em particular* até no prejuízo das notas do boletim, repreensões e exclusões das aulas ou do Colégio, definitivamente. Em meio aos materiais do Colégio encontrei ainda um *Livro de Penas regulamentares impostas aos alunos - ano de 1933, 1934 e 1939* (Livro 39), contendo, em pouquíssimas páginas, uma amostra de que as infrações cometidas pelos alunos também estiveram presentes nesta instituição.

O Livro possui as tabelas impressas, nas quais bastava preencher com o nome das alunas, as infrações cometidas e as penas impostas. Entre as infrações havia a famosa “cola”, a desobediência, a falta de respeito em sala de aula a professores e colegas, os bilhetes escondidos e até assinaturas falsas. A principal pena imposta era a expulsão das aulas, prejudicando a aluna e marcando-a perante as colegas e a sociedade. Neste *Livro* a expulsão definitiva não aparece e nenhum outro documento apontou para a ocorrência deste fato no Colégio.

Clarita vivenciou muitas destas penalidades, principalmente a de ficar excluída dos recreios e as notas baixas no quesito “comportamento” no boletim. No Capítulo anterior observamos como ela aceitava seus castigos, acreditando que eram justos, mesmo que, em alguns casos, ela não se desse conta de ter errado em um primeiro momento.

Destaca-se ainda com relação aos regulamentos a afinidade do Colégio Progresso com a Congregação salesiana, cujo Sistema Preventivo procura fazer os alunos conhecerem as regras para não transgredi-las, sendo constantemente vigiados para cumpri-las (MESCHIATTI, 2000 e SANTOS, 2000). Neste sentido, os deveres das alunas eram bem conhecidos pelas mesmas, assim como suas punições, cabendo a elas apenas segui-las, sem questioná-las.

Contudo, para garantir o cumprimento deste Regulamento, fazia-se necessária a vigilância, em todos os momentos vividos pelas alunas no Colégio. A religião ocupava um papel interessante neste aspecto, posto que as alunas não contavam apenas com a vigilância das funcionárias e professoras, mas com a vigilância divina também, que podia observá-las até na ausência de qualquer outra pessoa.

Apesar da vigilância constante deste dia-a-dia repleto de estudos vivenciado pelas progressistas, nem todos os momentos eram de rigidez. Para não se tornar muito monótona, a rotina era preenchida com eventos e atividades artísticas. O **Anexo 7** traz os documentos sobre o cotidiano da instituição, abrangendo seus momentos de celebração, como o encerramento do ano e a homenagem à diretora (**HPC6**), entre muitos outros materiais. Os Programas dos concertos mostram que, ainda na República, eram comuns as *matinéés musicais, os saraus, os bailes e os jantares (...)* que (...) fizeram dos colégios femininos da Côte (...) importantes centros de reunião da melhor sociedade do Rio de Janeiro (HAIDAR, 1972, p. 232). Outros programas encontrados, como o *Convite para o Encerramento anual do curso letivo de 1908* (**HPC25**), o *Convite para o Encerramento anual do curso letivo de 1910* (**HPC26**), o *Programa do 16º Concertinho do Colégio de 1921* (**HPC27**) e os *Programas da Festa de Encerramento de 1924* (**HPC28a, HCP28b, HPC28c, HPC28d e HCP28e**) demonstram que esta era uma forma de ocupar as alunas nas preparações dos eventos e de expor à sociedade seus conhecimentos.

Clarita também relata ter participado de um concerto observando que: *Este Colégio é tão bom! tão alegre! há tanta coisa boa nele!* (**Clarita no Colégio**, [s.d.], p. 58). Por este comentário observa-se que este tipo de evento procurava tornar a vida do internato mais amena e agradável às alunas, sendo muito bem aceito por Maria Clarice.

Com relação a esta profusão de eventos UHLE (1998) esclarece que o *Colégio Progresso Campineiro funcionou como um centro cultural privado. (...) A programação cultural (...) era constante na escola. Eram exibidas peças de teatro, realizados saraus literários, concertos e exposições* (p 87). Além de centro cultural, o Colégio queria mostrar-se como uma referência para a educação feminina, dando-lhe ares de distinção.

MANOEL (1996) também atenta para este e ressalta que *entrelaçando a vida colegial, alinhavando o cotidiano das alunas, uma sucessão de festas e comemorações religiosas construía o tecido cultural* (1996, p. 51) do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, em Itu, situação esta não muito diferente do Progresso.

Tais festividades ainda são relatadas por RIBEIRO (1996) no Colégio Florence, o qual se estabeleceu em Campinas de 1863 a 1889, e que se caracterizava por uma

proposta educacional inovadora e laica, sem uma tônica tão forte quanto aquela encontrada no Colégio Progresso.

Entre os materiais da **Categoria de Práticas de Ensino (2)**, registrei ainda um drama intitulado “As Proezas de Luciana”, retirado do Almanaque *Eu sei Tudo (PE17)* e costurado com uma capa de papel pautado. O drama apresenta com apenas dois atores as proezas da moça e pareceu-me demasiado profano para um Colégio tão religioso e que jamais seria representado naquele espaço por contracenar um homem com uma moça. Provavelmente esta peça deve ter sido apresentada em algum evento promovido pelo Colégio. Os programas dos muitos eventos realizados no Colégio mostram que as meninas apresentavam peças variadas e “As Proezas de Luciana” deve ter servido de inspiração para algum deles. Não encontrei nenhum impresso que registrasse a apresentação desta peça, mas o fato de ela ter sido guardada deve ter despertado algum interesse.

A vida das progressistas estava, portanto, permeada de diversas atividades, prevalecendo os estudos, mas não ignorando algumas diversões e eventos, tudo sob uma vigilância constante. Mesmo as diversões tinham regras a serem seguidas e através delas e do olhar de todos as meninas aprendiam a se portar, carregando esta marca consigo por toda a vida.

Por outro lado, elas também puderam expressar seus sentimentos e observar o que viviam no Colégio através dos documentos que veremos a seguir.

As Vozes Progressistas

Após analisarmos alguns documentos que retratam a vida das alunas no Colégio Progresso, é interessante conhecermos alguns documentos produzidos por elas mesmas, em estâncias diversas. Nestes documentos observa-se formas diversas de expressão por parte das alunas, misturando saudades, alegria e até ironia.

A primeira delas é bastante inusitada, pois traz uma das tentativas de fazer vigorar no Colégio um jornal produzido pelas progressistas. Após meses de buscas encontrei cinco exemplares diferentes do jornal “O Progressista” (**Categoria 1, Anexo**

12). Estes jornais eram impressos em folhas de formato A3 dobrado datando quatro deles do meses de junho, julho, agosto e novembro de 1929 (**HPJ2**, **HPJ3**, **HPJ4** e **HPJ5**, respectivamente) e outro de março de 1924 (**HPJ1**). Também localizei exemplares da década de 50, sendo um de maio de 1952 (**HPJ6**) e outros dois de outubro e novembro de 1950 (**HPJ7** e **HPJ8**). De cada exemplar eu encontrei mais algumas cópias, sendo que do jornal de agosto de 1929 eu encontrei 36 cópias. Este jornal era aparentemente distribuído entre as alunas e destinava-se a elas, posto que as charadas e chacotas referem-se a muitas delas.

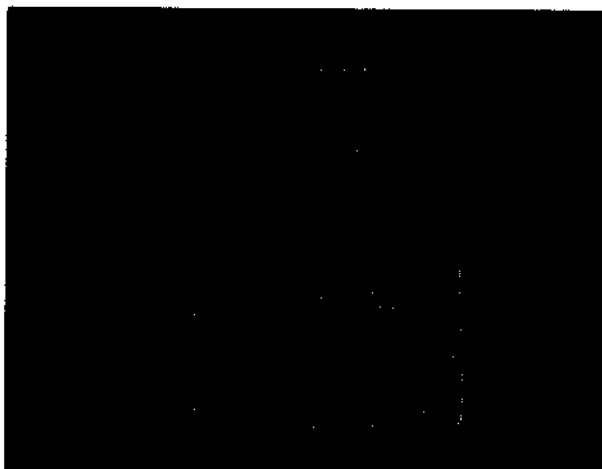
O jornal de 1924 é de número 4 e os de junho, julho, agosto e novembro de 1929 são os números seis, sete, oito e dez, respectivamente. Ao que tudo indica, as tiragens de 1929 procuraram dar continuidade àquelas de 1924, sendo que, no período entre as edições, apenas um jornal foi publicado, provavelmente em 1924 mesmo, pois o ano das edições de 1929 é o segundo.

Esta não foi a primeira tentativa de criação de um jornal dentro do Colégio. A brochura **HP1 (Categoria 1, Anexo 6)** relata em 1908 algumas meninas da classe média chegaram a se organizar para escrever um jornal, mas a falta de um nome fez o projeto *gorar*. Em 1909 o autor da brochura destaca que foi criada “A Chaleira”, por Marina Maia, filha de Orosimbo Maia. O jornal teria *um espírito alegre e caçoiستا, um tanto de menino*, segundo o autor da brochura.

O jornal “O Progressista” surgiu em 1910, sendo ele *bem organizado com seções bem distribuídas*. O jornal não vingara naquela época também e sua publicação era inconstante. Em 1912 o jornal foi retomado para ser abandonado no ano seguinte. Nazareth Pompêo recuperou o jornal em 1914 e o autor da brochura até comenta que existia a intenção de cobrar uma taxa pelo jornal, mas não esclarece sobre a continuidade do jornal até a década de 20.

Os jornais que restaram apresentam o nome do Grêmio Literário “São Luiz Gonzaga”, o qual muito promovia a publicação no Colégio. Sobre este Grêmio não encontrei maiores informações, mas sobre outras agremiações criadas no Colégio tratarei mais adiante. Apesar de não conhecer muito profundamente a história destes jornais, a sua existência mostra uma das poucas formas das progressistas se expressarem no interior do Colégio, cujas regras, como vimos anteriormente, eram

bastante rígidas. Os jornais trazem textos produzidos pelas próprias alunas, que assinavam com pseudônimos, como Marota, Kibi e Quitéria.



Jornal "O Progressista" de junho de 1929: uma das vozes progressistas (Arquivo do Colégio Progresso).

Os textos eram variados, podendo relatar sobre sonhos que algumas alunas tiveram, ou suas produções literárias, tais como poesias ou pequenas histórias, como "Um casamento à antiga", que conta a história de um lavrador Chico Eusébio, *nome grande de homem pequeno*, que deseja se casar e acaba sendo enganado pelo sogro ao casar-se com a irmã mais velha e não com a mais nova, que supunha amar, do exemplar de 23 de março de 1924 (***Categoria 1, Anexo 12, HPJ1***). As ironias também emergem nas charadas, nas observações irônicas e nas fofocas sobre algumas alunas.

Nesta parte do jornal as autoras fazem questão de destacar os exageros e os defeitos das colegas, inclusive relatando alguns acontecimentos engraçados das aulas, provocados por respostas pouco adequadas, como quando a aluna responde "pneumático" para o nome de um nervo dos pulmões no exemplar de junho de 1929. Estes textos estavam espalhados por todo o jornal, em notas curtas ou histórias mais longas, sendo a última página sempre exclusivamente dedicada a este tipo de texto.

Este tom irônico surpreende vindo das jovens que deveriam se portar de forma tão virtuosa e mostram que o jornal era uma forma das alunas expressarem o que sentiam e mostrarem um cotidiano que não se limitava ao controle e à rigidez. O caráter mordaz das piadas e fofocas, mostrando que as alunas progressistas não eram tão perfeitas e obedientes como deveriam ou pareciam ser. Assim, algumas acabavam

sendo alvo das redatoras, indo para a *berlinda*, como a *Valentina*, pelas longas ausências durante as aulas e a *Jaymi*, pela pouca pressa em chegar ao colégio (“O Progressista”, 09 de junho de 1929, **HPJ2**, p. 4).

SANTOS (2004) realizou uma análise aprofundada do jornal “O Patrocínio”, produzido pelas alunas do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, em Itu e observa que o jornal não revela apenas textos elogiosos ao Colégio, mas alguns desvios das regras impostas pela instituição que também se mostrava bastante rígida. “O Progressista” também abordava temas referentes à vida religiosa, tratando da vida dos santos, ou mesmo tratava de acontecimentos no Colégio, como passeios, festas e os aniversários das professoras e diretora.

O humor presente nos jornais “O Progressista” se mostra também bastante refinado. Brincar com expressões em línguas diversas, ou mesmo fazer chacota de uma aluna que desconhece a nomenclatura de determinado nervo do pulmão denota um conhecimento de matérias complexas e que, à época, estavam incluídas em currículo de caráter enciclopédico, que valorizava este tipo de conhecimento.

A título de exemplo, temos a seguinte piada com a falta de conhecimento de uma das alunas:

Aula de francês

O alum: - *“Lé lion est lê roi dés animaux”.*

O Prof: - *Traduza.*

O alum: - *“O leão ia urrar e desanimou.*

O prof: - *“Roi” é rei.*

O alum: - *Ah! Já sei: - O leão viu o rei e desanimou.* (“O Progressista”, 25 de agosto de 1929, **HPJ4**, p. 4)

Este humor perpassa o cotidiano das alunas, que conhecem umas às outras, incluindo seu desempenho na sala e eventuais costumes e manias. Brincar com expressões em francês é possível a estas moças por elas aprenderem a língua no Colégio e que, no Brasil, era destinado apenas às elites.

Mesmo a redação dos artigos é de uma linguagem elaborada, mostrando a facilidade das alunas de lidarem com a linguagem escrita, mesmo quando procuram adotar uma linguagem mais coloquial e popular. Mais uma vez a formação oferecida pelo estabelecimento se torna uma marca das alunas, que demonstram seu contato

com elementos da cultura de elite, de caráter enciclopédico. Por mais “rebeldes” que as redatoras do jornal pudessem parecer, elas carregavam consigo as marcas de uma cultura de classe dominante que elas vivenciavam no Colégio e que lhes garantia uma característica diferenciada na sociedade e que implicava no respeito a algumas regras, mesmo que fossem apenas as da gramática e da retórica. A aparente fuga de alguns padrões valorizados pelo Colégio acaba por reforçá-los, como o bom uso da língua e do conhecimento pleno das ciências lecionada no Colégio.

Na edição de junho de 1929 foi impresso na primeira página um “Quadro de Honra de Aplicação”, com os nomes das alunas mais estudiosas e dedicadas, servindo de emulação às colegas. Por mais que o jornal pareça fugir dos padrões com textos inusitados e satíricos, muitos dos valores difundidos pelo Colégio transparecem nele, como é o caso deste “Quadro”, cujos nomes faziam as donas se orgulharem e revoltarem aquelas que não estavam nele, esforçando-se estas para conseguirem a mesma glória. SANTOS (2004, p. 83) observou que tais quadros também apareciam n’ “O Patrocínio”, aproximando o Colégio Progresso desta instituição marcadamente religiosa.

Por outro lado, mostram ainda que as alunas criavam seus próprios meios para enfrentarem a rigidez vivenciada no Colégio, ainda mais, longe dos pais. Dentre todos os materiais, este é o que mais expressa o humor ferino das progressistas, que também se mostravam atentas ao que acontecia no Colégio e que talvez escapasse aos olhos das professoras, diretora e funcionárias. Esta “revolta” não significava um rompimento completo com aquilo que aprenderam no Colégio, mas expõe uma faceta diferenciada do cotidiano do Colégio, que não ficava preso à rigidez e à seriedade absoluta.

Sendo estes jornais criados e organizados pelas agremiações presentes no Colégio, observa-se que eram outros espaços ocupados exclusivamente pelas alunas. Sobre o Grêmio de São Luiz Gonzaga não achei nenhuma referência, mas outros materiais revelam sobre a existência de dois Grêmios fundado para homenagear Dona Emília de Paiva Meira. Entre os documentos temos algumas cartas de comunicação entre os Grêmios de outros Colégios e o do Progresso (**Categoria 1, Anexo 7, HPC7**), o *Livro de Atas do Grêmio Literário “Emília de Paiva Meira”* (**Categoria 1, Anexo 7, Material 147**) e os Estatutos do Grêmio de Sociologia “D. Emília de Paiva Meira”

(**Categoria 1, Anexo 8, RI5**), que retomou a publicação do jornal “O Progressista”, que é o exemplar de 1952 (**HPJ6**). Como estes Grêmios já eram bem organizados e estruturados, a publicação de um jornal se tornava, provavelmente, mais viável por esta infra-estrutura.

O Grêmio de Sociologia “D. Emília de Paiva Meira” e o Grêmio Literário “Emília de Paiva Meira” parecem ser a mesma associação, apesar da diferença dos nomes e das datas de fundação. Provavelmente o *Livro de Atas* iniciou o registro desta Associação, que teve seus Estatutos criados e aprovados posteriormente. A Relatora do Grêmio de sociologia é Iria de Lima Camargo, a mesma aluna que discursou sobre Dona Emília na segunda reunião registrada em Ata no *Livro* do Grêmio Literário.

É interessante notar nestes materiais a presença forte do nacionalismo e da religiosidade. O Grêmio de Sociologia possuía até um Consultor Eclesiástico, como atestam seus Estatutos (**Categoria 1, Anexo 8, RI5**) à página 16 da pequena brochura de capa cinza-esverdeada.

Os fins deste Grêmio fundado em 20 de julho de 1938 são:

- §I – O cultivo esmerado dos estudos sociológicos;
 - §II – O exercício de todos os gêneros literários, indistintamente, (...);
 - §III – O conhecimento aprofundado dos sociólogos brasileiros e estrangeiros (...);
 - §IV – Fomentar entre os seus membros um nacionalismo sadio e inteligente e radica-los nos sublimes ensinamentos da moral cristã;(…)
- (p. 5)

Fica explícito o casamento entre o nacionalismo e a religiosidade no interior do Grêmio, como observamos no Grêmio Literário também. O Estado Novo mostra que exerceu sua influência sobre o Colégio, exaltando a veia nacional das alunas, que não prescindiam da religiosidade para se manterem íntegras.

Os Estatutos do Grêmio de sociologia determinam toda a sua estrutura e esclarecem sobre as reuniões, as sócias e suas funções, assim como o papel exercido pelos membros da Diretoria. A manutenção de um jornal também estava prevista nos Estatutos e a finalidade desta publicação deveria ser *religiosa, católica e abrigará nas suas colunas artigos de todas as associadas e dos professores e professoras do Colégio* (p. 14). Os exemplares dos anos 50 e 52 (**Categoria 1, Anexo 12, HPJ6, HPJ7**

e **HPJ8**), recuperaram o nome utilizado pelo Grêmio “São Luiz Gonzaga”, retomando a publicação d’ “O Progressista” em 1950 (ano 1).

A emulação também estava presente no Grêmio, através dos Concursos Intelectuais, *selecionadores dos valores mentais da associação e incentivadores do entusiasmo dos componentes do Grêmio* (p. 15). Caberia a uma Comissão de professores do Colégio avaliar os trabalhos de sociologia, oratória e declamação, recebendo as vencedoras medalhas, diplomas de “Menção Honrosa” e a colocação de suas fotografias no “Álbum de Honra”.

Eram também alunas que organizavam e apresentavam os eventos registrados no *Livro de Atas*. Como acompanhamos nos Capítulos anteriores, o Grêmio Literário “Emília de Paiva Meira” foi fundado em novembro de 1937 e o seu *Livro de Atas* registra as reuniões realizadas pelo Grêmio no salão nobre do Colégio até o ano de 1948.

Nestas reuniões as alunas faziam discursos, recitavam poesias e outras manifestações artísticas, procurando abordar temas de seu interesse, como a vida de Dona Emília Meira, figuras nacionais que exaltam a Pátria (como Tiradentes, por exemplo) e também a maternidade, através de Maria, o melhor modelo materno. As reuniões não aconteciam em intervalos muito regulares e misturavam o patriotismo com a religião. O Hino Nacional era tocado à abertura das reuniões e os assuntos abordados muitas vezes exaltavam a pátria e abrangiam a religião também, mostrando que ambos os aspectos caminhavam juntos na formação das moças que auxiliariam a sua Pátria com sua fé e virtudes.

O Grêmio reproduzia, portanto, muitos aspectos vivenciados no próprio Colégio, apesar de ser uma associação organizada pelas alunas do Curso Profissional da Escola Normal Livre, as únicas que podiam associar-se. Os valores patrióticos e religiosos, principalmente morais, eram incorporados pelas alunas e recriados mesmo em um espaço em que elas encontravam relativa liberdade para se organizarem e expressarem. Mais uma vez a marca do Colégio em suas vidas se mostra se mostra expressiva, assim como observamos nos documentos anteriores.

Entretanto, as progressistas encontravam ainda outras formas de expressão, como nas cartas à diretora Dona Emília (**Categoria 1, Anexo 10**). No **Capítulo 2** destaquei a relação filial que as meninas tinham com a diretora e que se expressava de

maneiras diversas. Através das cartas as alunas e ex-alunas expressavam suas saudades e mostravam que queriam bem à sua segunda mãe.

A aluna Iria, que teve um papel bastante destacado na organização do Grêmio posteriormente, também mantinha um contato estreito com a sua diretora, como observamos na carta manuscrita em um pequeno papel dobrado e pautado representa bem estes sentimentos (CPE2):

Exma. Snra D. Emília

Minha querida Diretora.

Com os meus melhores votos de felicidade pessoal, e de ótima saúde a cumprimento afetuosamente.

Venho com imensa satisfação participar-lhe que este ano nosso Progresso querido terá mais uma aluna mocoquense. Ela se chama Wanda Gomes Figueiredo e o pai dela, sr. Carlos Gomes Figueiredo pediu-me para escrever-lhe pedindo-lhe o prospecto do Colégio, a informação de um quanto importará o pagamento de cada semestre, e o número que será reservado para ela.

A Wanda está matriculada no primeiro ano do Ginásio Municipal daqui.

Tenho aproveitado bem as férias, gozando as delícias de uma vida em fazenda, andando a cavalo, nadando na piscina e saboreando os bons frutos do pomar formado por mamãe.

Tenho apesar disto, sentido muitas saudades da minha boa e querida Diretora, da bondosa D. Flávia e de todas as minhas professoras.

Papai e mamãe enviam-lhe afetuosos cumprimentos. E receba a Senhora um saudoso e grande abraço da sua aluna estremecida

Iria.

Apesar de escrever a carta para pedir algumas informações à diretora, Iria demonstra seu grande respeito e afeto por Dona Emília, esboçando suas saudades do Colégio nas férias que está aproveitando bastante e que partilha com a diretora. Ela também parece contente em escrever que neste ano de 1935 o *nosso Progresso querido* receberá uma nova aluna, mostrando a familiaridade com a instituição, na qual vive grande parte do ano.

As saudades também são grandes daquelas que se despedem do Colégio, como é o caso de Maria Isabel Silva (CPE3) em sua carta de 1930:

Dna Emília,

A Minha cartinha de férias desta vez tem para lhe contar qualquer coisa um pouco, ou mesmo bastante triste que me aflige o coração.

Devo-lhe comunicar que por motivos particulares e de maior economia (...) venho lhe pedir uma troca para mim nada querida, visto ter de trocar a minha estadia em nosso velho Progresso por uma Escola Normal de Piracicaba.

(...)

Eu por mim nunca abandonaria assim o meu Progresso agora no último ano, quando em suas velhas paredes parece haver um sorriso de glória e esperança pelo próximo diploma, e um pranto de saudade partida.

Saudade que eu já estou sentindo antes das minhas amiguinhas, porque a minha partida será antecipada, será só, em primeiro lugar.

Porém Dna Emília, se esta Escola Oficial de Piracicaba não quiser me dar uma vaga, um abrigo, voltarei para o Progresso, para o meu Velho Pombal, ainda me resta essa esperança.

Agora Dna Emília num agradecimento muito grande envio-lhe meu coraçãozinho de filhinha que deseja ser boa, muito boa para honrar o nosso velho Progresso.

Ma (sic) Isabel Silva,

O *velho Pombal* é lembrado pela aluna com saudades antecipadas, pois ela precisa se despedir da vida que levou naquele lugar para frequentar outra escola. As férias, para Maria Isabel, desta vez antecipam um futuro incerto de alegria duvidosa para aluna, pois ela não poderá retornar ao Colégio como nos outros anos. Ela tampouco relata o que fez nas férias como ela parecia fazer quando explica que a carta de férias *desta vez* seria diferente e como Iria também fez em sua carta.

Na redação destas cartas observa-se que as moças tinham um imenso carinho por sua diretora e que também dominam a linguagem escrita. Elas se dirigem a Dona Emília de forma polida e procuram se expressar com uma linguagem bastante rebuscada, colocando o predicado antes do sujeito e utilizando-se de palavras escolhidas com cuidado, ao *saborear os bons frutos do pomar*. Estas cartas não se destacam apenas pela redação, mas pelo próprio visual também, com uma caligrafia bela e legível, sem borrar o papel de pautas impressas ou feitas à mão.

Nestas cartas emerge mais uma vez a marca progressista deixada em cada aluna, distinguindo-a na sociedade por sua cultura. Estes cuidados para redigirem uma carta bonita foram aprendidos no Colégio e que também oferecem uma amostra do ensino ministrado pelo mesmo.

A formação moral é tênue, mas se expressa nas cartas pela vontade de Maria Isabel de ser uma boa filha e no zelo pela saúde e pela felicidade de Dona Emília expressado por Iria. A preocupação com o próximo e a necessidade de ser virtuosa são

características da formação religiosa que acompanhamos no Capítulo anterior e que eram incutidas nas moças através das reuniões das associações religiosas.

As progressistas constroem em seu percurso escolar um sentimento de carinho e afeição pelo estabelecimento e por todos aqueles que o formam, além de apreenderem na instituição todos os conhecimentos tidos como necessários para as tornarem polidas, cultas e virtuosas. Estas características das progressistas permanecem nelas por toda a vida, como observamos na carta de Dory Whitaker (**CPE10**), manuscrita em duas folhas pautadas à mão:

Minha muito querida e lembrada D. Emília.

Tenho desejado imensamente fazer-lhe aí uma visita, mas, como no momento me é de todo impossível sair, só lhe posso escrever. Através notícias de Daisy e Helena (sic), tenho tido o consolo de acompanhá-la embora de longe, pedindo a Deus, do melhor da minh' alma, que lhe dê em saúde todo o bem que semem neste mundo. Seus ensinamentos são sempre lembrados e respeitados com emoção. Que esta certeza lhe leve algum conforto e mais suaves lhe torne os sofrimentos por que vem passando.

Fausto e Roberto a mim se unem, fazendo os mais ardentes votos pelos seu breve e completo restabelecimento.

Com a minha comovida gratidão e uma ternura muito filial, cheia de lembranças boas, abraço-a longamente, minha muito querida e saudosa D. Emília.

Dory Whitaker Benjamim.

Uma notícia que fará bem ao seu coração.

Dia 10 meu filhinho fez dois anos e comunguei com ele ao lado, encostadinho em mim. Lembrei-me muito da Capela amiga do nosso Progresso, D. Emília, e de toda a beleza que lá aprendi a desejar.

Saudades e saudades.

Dory.

A caligrafia caprichosa, as belas palavras foram aprendidas no Colégio e jamais são esquecidas, assim como a vivência na instituição, que é recuperada com saudades, pontuando apenas bons momentos dos muitos anos passados no estabelecimento. O vínculo com o Colégio Progresso ainda é forte, pois a ex-aluna procura manter-se informada sobre o mesmo e se mostra bastante preocupada ao descobrir que a diretora que tanto admira e respeita está enferma. Pelo pouco tempo livre ela não pode visitar a escola como gostaria, para relembrar os momentos que lá vivera.

A religiosidade emerge de forma bastante significativa quando a ex-aluna comenta a emoção de comungar com seu pequeno filho e agradecendo por todo o aprendizado que teve na Capela do Colégio. Mesmo o pedido a Deus pela recuperação da diretora querida como uma mãe também mostra a força da formação religiosa adquirida na instituição.

O Colégio ocupava, portanto, uma parte importante da vida das alunas e ex-alunas e de seus sentimentos, posto que neste espaço elas teciam suas amizades e os laços afetivos com as professoras, a diretora e as outras funcionárias. A força das lembranças criou em muitas ex-alunas o anseio de organizar uma Associação que reunisse novamente as colegas de escola a fim de diminuir as distâncias no tempo e no espaço, relembrando a vida colegial.

Desta Associação encontrei um *Livro de Atas* (**Categoria 1, Anexo 5**, Livro 11) que data do ano de 1934. O *Livro* grande de capa dura possui 100 folhas, das quais apenas 22 foram preenchidas com atas. Ao que tudo indica, o entusiasmo inicial acabou se esmorecendo, ou, pelo menos, o seu registro formal.

As Atas tratam dos encontros realizados pela Associação, inclusive quando ela é fundada, em nove de junho de 1934. Esta data foi comemorada com bastante entusiasmo no Salão Nobre do Colégio, local escolhido para estes encontros. O aspecto que chama a atenção nestas atas é a incrível semelhança destes registros com aqueles dos *Livros de Atas* das Associações religiosas, incluindo a pregação de vários padres que são convidados para as reuniões e a entoação de cânticos religiosos. O Padre Waldemar de Rezende foi convidado para ser o diretor da Associação, que se mostrou bastante animado com a iniciativa das ex-alunas e as exorta a continuarem com esta obra, da qual orgulha-se por ser chamado a participar.

Seu primeiro discurso procurou empolgar as ex-alunas para esta nova Associação apresentando os benefícios destes encontros que aspiram (...) *a uma sociedade, a uma Associação de Ex-Alunas do C. P. Campineiro que unifique os corações e os inflame num mesmo ideal santo e patriótico, cheio de verdade operosa* (Ata da Fundação da Associação de Ex-Alunas, em 09 de junho de 1934, p. 7).

A semelhança com as Associações religiosas é notável, com a diferença que, nas próximas reuniões, as alunas de diversas cidades se revezam para apresentarem

peças lítero-musicais, além de se deliciarem com um chá após a pregação do padre convidado. Estes encontros não são muito freqüentes e em intervalos pouco regulares, havendo anos em que a Associação sequer se reuniu, como no período após o falecimento de Dona Emília, em que o grupo retomou suas atividades apenas em 1940 novamente.

A Associação também procurou, logo na segunda Reunião, promover a caridade, auxiliando o *Oratório Festivo D. Bosco* fundado no mesmo período. O auxílio ao Oratório incluiria a doação de 100 mil réis anuais, ou mesmo de roupas, medicamentos e brinquedos para as crianças. A iniciativa parece não ter sido levada adiante, pois não foi mais discutida nas próximas reuniões.

É interessante notar a força das reuniões religiosas na vida das ex-alunas, que as retomam em uma Associação por elas fundada. A presença de pequenas apresentações literárias e musicais também chama a atenção, mostrando que as ex-alunas procuram reavivar momentos que elas consideravam agradáveis no Colégio, vividos ao lado das amigas. As Associações religiosas e os eventos artísticos certamente deixaram suas marcas em suas lembranças, sendo estes momentos em que apenas as mais dedicadas e com melhor desempenho poderiam participar, posto que, tanto nas Apresentações, quanto nas Congregações, as moças precisavam se mostrar para a sociedade como portadoras dignas destas responsabilidades. Tomar parte nestes eventos era certamente uma honra para as progressistas e que as marcou bastante.

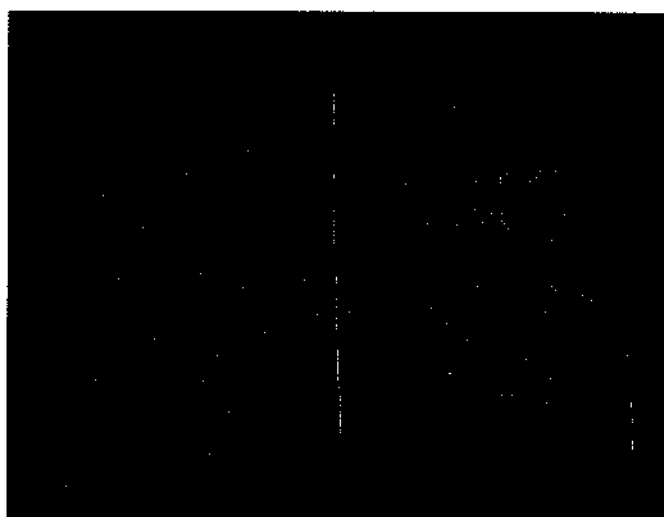
As lembranças de um passado encantado e encantador também estão presentes no livro **Clarita no Colégio**, que analisaremos a seguir.

Clarita: Uma Voz de destaque no Coro

Clarita é certamente uma voz que se evidencia em meio ao coro formado pelas progressistas através dos documentos que pudemos analisar até aqui. O livro de capa verde marmorizada, sem inscrições, de 210 páginas, possui uma história bastante peculiar que me chamou bastante a atenção. A obra **Clarita no Colégio** se mostra um

registro importante do cotidiano vivenciado pelas progressistas, com todas as suas implicações e sentimentos que envolveu.

A autora, Maria Clarice Villac, sob o pseudônimo de Violeta Maria, narra com uma linguagem envolvente, de ar nostálgico e que é próxima da juventude da época suas aventuras como interna do Colégio Progresso. O domínio da linguagem escrita emerge aqui também e é uma marca do ensino da instituição. Esta estratégia se mostra interessante para atrair a atenção do leitor e convencê-lo das questões que a autora aborda na obra, principalmente a formação moral através da religião. Maria José Dupré também atentara para este aspecto como sendo positivo em seu *Prefácio*, como vimos no Capítulo anterior.



Clarita no Colégio (folha de rosto): o livro de capa verde marmorizada sem inscrições revela um passado agradável e de resignação docemente lembrado por Maria Clarice (Arquivo do Colégio Progresso).

A autora retrata um Colégio Progresso de clima agradável, sem exames e de momentos de estudos apazíveis, em um ambiente familiar e aconchegante repleto de travessuras que são punidas com rigidez, mas por razões justas. Mesmo que existissem momentos de tristezas, como a morte da avó e da mãe, estes eram superados com o auxílio da comunidade progressista em meio às muitas atividades:

De dia ela não chora; o dia passa tão cheio que o tempo não dá para pensar em coisas tristes. (...) Mas, à noite, sozinha na sua cama, ela dá largas ao seu pesar (**Clarita no Colégio**, [s.d.], p. 119).

Conhecemos um pouco sobre esta aluna nos Capítulos anteriores, trazendo à tona sua forte relação com Dona Emília, sua maior conselheira e com a religião, sua base moral, que permitiu "curar" seu gênio. Existem, entretanto, outros aspectos a serem ressaltados, a começar pela própria obra, cujas finalidades moralizadoras são bastante evidentes.

Pode-se dizer que **Clarita no Colégio** é um romance de formação, similar ao **Os Anos de aprendizado de Wilhelm Meister**, de Goethe, ou mesmo **Emílio ou Da Educação**, de Rousseau, assim como **O Ateneu**, de Raul Pompéia, todos analisados por FREITAG (1994). A autora, em sua obra **O Indivíduo em Formação**, apresenta diversos texto que abordam a questão da "ensinabilidade das virtudes" e das características dos romances de formação, que procuram, através de textos literários envolventes, auxiliar o leitor na própria formação, na medida em que ele acompanha as personagens da obra. FREITAG se utiliza do termo "cronotopia", proposto por Bakhtin ao analisar alguns destes romances, que procura dar conta do tratamento dado pelo autor da obra à temporalidade e ao espaço do romance e como os protagonistas se formam nestas dimensões. A autora analisa as três obras acima citadas tendo em vista este conceito.

A obra analisada pela autora que mais se aproximaria do livro **Clarita no Colégio** é a de Raul Pompéia, mas que, diferentemente de *Clarita*, opõe as figuras do diretor e do aluno. FREITAG (idem), numa perspectiva sociológica que considera as relações construídas entre os indivíduos no internato, conclui que o aluno Sérgio, após vivenciar diversos momentos ruins e de enfrentamento na instituição, acaba amadurecendo e destruindo o internato, enquanto o diretor Aristarco que inicia o romance com bastante poder, termina enfraquecido, sem o Colégio.

Clarita, por sua vez, não vivencia nenhuma rivalidade com sua diretora, Dona Emília, procurando construir uma relação filial com ela através de boas ações que a agradem. Se existe uma certa oposição entre os ideais pretendidos por Dona Emília e o comportamento de Maria Clarice, ela aí está para ser superada no decorrer da

narrativa, sendo esta a grande (trans)formação vivida pela protagonista na obra. No que tange este aspecto, **Clarita no Colégio** se mostra um romance de formação, pois *Clarita* amadurece no decorrer das páginas, processo este que perpassa espaços diversos, como as fazendas dos parentes no interior paulista, nas quais passava as férias e nos prédios do Colégio Progresso na Rua José Paulino e na Avenida Júlio de Mesquita, cuja capela também foi visto pela menina como um local significativo.

O crescimento de *Clarita* no livro é tanto moral, quanto físico, pois a menina entra no Colégio em 1914 com quase doze anos de idade e se forma com 17, em 1920. Neste período a menina passa pela fase da adolescência e sai praticamente adulta, pronta para se casar, vocação que acreditava ser-lhe mais adequada (**Clarita no Colégio**, [s.d.], pp. 201/203). Maria Clarice é matriculada pelo pai, Dr. Azevedo, juntamente com sua irmã mais nova Ana Luisa, a Nenete.

No início da obra, Violeta Maria coloca que *Clarita (...) é estudiosa e viva, entrega-se com prazer aos estudos, e nos recreios sua exuberância e alegria não têm limites, é a alma de todos os brinquedos e jogos (...)* (**Clarita no Colégio**, [s.d.], p. 13). A vivacidade da menina é destacada em toda obra, não sendo só um símbolo da alegria da juventude, mas da transgressão de regras também, principalmente aquelas que estabelecem a postura adequada ao sexo feminino: *Mas, coitada de Clarita! nem que ela se esforce, está sempre correndo, sempre pulando, sempre falando, sempre rindo...! E no Colégio não pode fazer nada dessas coisas fora de hora!* (**Clarita no Colégio**, [s.d.], p. 29)

Na fase da adolescência, a aluna é vista como geniosa: *Clarita tem o gênio vivo, expansivo demais. É louca para correr, brincar, rir, dar expansão, enfim, ao seu gênio* (**Clarita no Colégio**, [s.d.], p. 98).

Note-se que a expansão do gênio de *Clarita* é tida como demasiada, levando-a a se comportar de forma inadequada, como quando ofendeu a professora de francês, Mademoiselle *Lenoir*¹⁶, que, com “fins pedagógicos”, dizia que as alunas brasileiras não seriam suficientemente esforçadas e espertas para os estudos, o que deixou Maria

¹⁶ *Lenoir* é o nome fictício para Blanc. A professora de francês era a filha de Madame Blanc, também descrita no livro de Violeta Maria, por quem a ex-aluna tinha muito carinho. A autora adaptou o nome dos professores na obra, exceto o de D. Emília. No Capítulo anterior coloquei que D. Amandina é o nome fictício para D. Hermantina, que, de fato, foi a conselheira de Maria Clarice.

Clarice bastante irritada nos seus brios patrióticos. E diante da ofensa a autora revela que: *Clarita, porém, é geniosa, e, além disso, nessa idade as crianças julgam sempre ter razão, pois não sabem analisar os fatos com justiça, imparcialidade como eles na realidade o são (Clarita no Colégio, [s.d.], p. 94).*

Dona Emília puniu a aluna com um dos castigos mais severos que ela recebera, deixando-a sem frequentar o recreio por algumas semanas, com um zero no boletim em comportamento e sem receber visitas. O castigo imposto pela diretora fez com que pensasse melhor seu ato, fazendo com que o analisasse com “justiça”. O “gênio” de *Clarita* se mostra, portanto, um grande empecilho à sua formação, exigindo um esforço muito grande por parte da diretora.

Neste sentido é possível concordar com FREITAG (1994) com relação à “ensinabilidade das virtudes”, posto que a moralidade da menina, na obra, é construída. Entretanto, o ponto de partida para esta moralidade é o “gênio” ruim de *Clarita*, com sua tendência à transgressão, próximo das concepções em torno da moralidade no início da República Velha analisados por MARGOTTO (in GONDRA, 2001), como eu já salientara anteriormente.

A construção desta moralidade, entretanto, carece do apoio da religião, vista como única portadora da moral - como confirma posteriormente a este período vivido por *Clarita* - a encíclica *Divini Illius Magistri*, do Papa Pio XI em 1929. Dona Emília, por sua vez, conta com o Sistema Preventivo salesiano para fazer sua aluna geniosa conhecer as regras para não infringi-las, falando-lhe ao coração, convencendo-a de que não vale a pena se revoltar (SANTOS, 2000).

A diretora Emília procurava, então, punir Clarice fazendo-a refletir sobre seus erros, sem apelar para castigos físicos. A doçura de Dona Emília acaba envolvendo a aluna e convencendo-a de ser mais virtuosa, principalmente quando ela deseja entrar na Pia União das Filhas de Maria. A transformação de *Clarita* exige, portanto, um percurso de muitos obstáculos, que ensinam a menina a se comportar melhor e exigindo muita paciência por parte de Dona Emília:

Mas, aos poucos, se Deus quiser, Clarita se modificará, assim espera pacientemente D. Emília. Oh! Como D. Emília é boa! É severa, não dá confiança às meninas, mas é justa, paciente, delicada, não grita nunca com ninguém. Que santa ela é! Que grande educadora!

Pacientemente, então, D. Emília espera... e Clarita sempre a mesma! Sempre a mesma? Não! ela já está se modificando um pouquinho. Um pouquinho... mas está! (**Clarita no Colégio**, [s.d.], p. 61)

Destaca-se que, diferentemente d' **O Ateneu**, cujo diretor se enfraquece no decorrer do romance, Dona Emília parece ser sempre a mesma, semelhante à uma Santa na sua perfeição espiritual, que não carece de melhorias e não se enfraquece. Ela adquire, apenas, posturas diferentes, mais adequadas em cada momentos, seja como santa, como conselheira e, até mesmo, como mãe, que foi certamente sua característica mais forte para muitas das progressistas que acompanhamos até aqui.

O reconhecimento da mãe em Dona Emília Meira por *Clarita* fica explícito neste trecho: *Oh! Querida Dona Emília! Que zelo pela alma de sua aluna, mais que aluna, filha! Porque só uma mãe tem os cuidados e os zelos que esta santa diretora tinha pelas suas alunas!* (**Clarita no Colégio**, [s.d.], p. 201). Emília mostra-se tão dedicada, que assemelha-se a uma santa, abandonado-se a si mesma por um propósito maior, por suas “filhas”, como Maria o fizera por seu filho Jesus (LEONARDI, 2002, p. 158/159). Como vimos nas páginas anteriores, o Sistema Preventivo salesiano também primava por uma relação familiar entre os membros que compunham a Congregação, sendo esta retomada no Colégio e assimilada pelas alunas, como pudemos ver acima (MESCHIATTI, 2000 e SANTOS, 2000).

Esta figura maternal é importante para *Clarita*, principalmente quando sua mãe vem a falecer. Dona Emília substitui este modelo não só de virtude, mas também feminino. Quando *Clarita* está prestes a sair do Colégio, a diretora reúne as jovens pouco antes da hora de se dormir para aconselhá-las, prevenindo-as dos perigos do mundo. Ela também esclarece sobre os papéis, ou vocações, como ela chama, que as mulheres são chamadas a desempenhar. *Clarita* sonha com seu futuro e faz a sua escolha:

(...) Clarita quer ter um lar, o seu lar! Clarita quer ter um esposo a quem santamente possa amar, e que a ame também, mas um esposo que, antes dela, ame a Deus em primeiro lugar! Um esposo católico fervoroso, virtuoso, santo enfim! Um esposo melhor do que ela, oh! muito melhor, para ajudar a melhorar! (**Clarita no Colégio**, [s.d.], p. 202)

A religiosidade do esposo se mostra um fator fundamental para manter o gênio vivo de *Clarita* sob controle. Se no Colégio ela precisava do auxílio de Dona Emília, na vida adulta, fora desta instituição, ela precisaria de um novo apoio. Por outro lado, Dona Emília ressalta:

Você tinha tudo para ser [Maria vai com as outras], devido ao seu temperamento entusiasta, fogoso demais, e pela sua falta de formação. Mas a educação recebida, a sua docilidade e força de vontade, fizeram de você uma pessoa dirigida para o bem (Clarita no Colégio, [s.d.], p. 207).

A diretora coloca que, ao mesmo tempo que *Clarita* mostrava ter um "gênio" muito entusiasta, ela também era dócil, qualidades estas bastante opostas, mas que estavam dentro da menina e que se desenvolveram. *Clarita* conseguiu superar suas inclinações tidas como maléficas e acaba se portando da forma como o Colégio e a sociedade esperam. A própria autora admite que *Clarita está perto de 17 anos! Já está uma moça, portanto com o juízo assentado (Clarita no Colégio, [s.d.], p. 197).*

O ingresso na fase adulta deixa *Clarita* pronta para enfrentar o mundo com sua cultura e virtude. O trabalho do Colégio se mostrou bem sucedido, pois a menina do "gênio" *expansivo demais* se torna uma mulher comedida e obediente. O romance pode ser, portanto, como de formação, visto que a menina tida como arteira acaba incorporando os valores e a postura esperada do sexo feminino. Nesta empreitada a religião exerceu um papel importante, pois através das aulas de catecismo, da Primeira Comunhão e do ingresso na Pia União de Maria, *Clarita* conseguiu controlar seus ímpetos e perceber que deveria seguir por um caminho considerado bom, que exigia sua resignação.

Comparando a obra com o romance **Emílio ou Da Educação**, de Rousseau, poder-se-ia pensar que **Clarita no Colégio** é um romance que trata da formação da mulher brasileira de elite. Esta formação possui um forte caráter religioso, essencial à moralização das moças, ao contrário de *Emílio* que foi poupado das instituições sociais vivendo na natureza. O isolamento de *Clarita* não se dá no ambiente natural, mas no internato, sendo também poupada dos vícios do mundo externo, mas sem poder viver em liberdade, sendo constantemente vigiada e controlada.

Clarita não pôde dar expansão aos sentimentos e opiniões e tampouco teve liberdade para agir e brincar como queria. Precisou aprender cedo como se portar e controlar suas vontades. Dona Emília se mostrou uma figura amável a fazer com que a menina se esforçasse e renunciasse àquilo que também a fazia feliz. Através da religião, que falava à sua alma e ao seu coração, Maria Clarice acabou se resignando, se tornando obediente, disciplinando também seu corpo sua postura (FOUCAULT, 1994).

A obra **Clarita no Colégio** se mostrou, por todos estes aspectos, um material essencial à pesquisa, pois desvendou através do romance a realidade vivenciada pelas progressistas, fortemente impregnada de religiosidade de caráter moralizante. A (trans)formação de *Clarita* no decorrer da narrativa apontou a importância do componente religioso neste processo, além de mostrar como este elemento fortalecia o vínculo das progressistas com o Colégio. Mesmo Dona Emília ressurgiu na obra com seu carisma e até mesmo sua "santidade". A descrição desta senhora e sua atuação na formação da menina não é muito diferente da imagem que o Colégio divulga em sua história oficial e que está presente na lembrança de muitas ex-alunas e até na mídia.

Minha pesquisa foi certamente enriquecida com a contribuição de *Clarita* e deu-lhe um sabor literário todo especial, sem perder o rigor científico.

Considerações finais

Uma pergunta só: Clarita foi feliz? Foi, queridos leitores, foi! Embora a vida não lhe sorrisse sempre, mas, pelo contrário, a ferisse muitas e muitas vezes, e, certa vez, bem profundamente...!

No entanto Clarita foi e é feliz, porque descobriu o segredo da felicidade aqui na terra: a conformidade com a vontade de Deus!

(Clarita no Colégio, [s.d.], p 208)

Esta pesquisa procurou compreender melhor os motivos da infiltração da religião católica no Colégio Progresso, estabelecimento este que, na sua fundação, pretendia-se laico, como uma opção diferente às instituições religiosas que existiam na região de Campinas. A tônica católica transparece com a diretora Dona Emília de Paiva Meira, que tomou a administração do Colégio em 1902, após o afastamento da diretora Ana von Maleszewska.

Dona Emília Meira construiu uma nova característica do Colégio, segundo consta na história oficial, garantindo grande destaque na sociedade campineira e na mídia impressa, tanto à instituição quanto à sua diretora. Pouco se conhece sobre sua vida anterior à vinda para o Colégio, por sinal, a sua grande obra. Por este motivo, o caráter fortemente religioso que o Colégio Progresso Campineiro vai adquirindo, ainda mais com a fundação de uma capela própria, tem uma origem bastante enevoada. Entretanto, pela ligação de Emília com figuras-chave no âmbito social e religioso campineiros levam-nos a perceber a tendência ao catolicismo conservador, ao ultramontanismo, que enxergava na mulher um *foco de recristianização da sociedade* (MANOEL, 1996, p. 77), cuja ordem era ameaçada pela modernidade. Para isso, mostrava-se necessário formar a mulher para tornar-se uma perfeita dona-de-casa e mãe de família, que pudesse fornecer aos seus filhos uma educação cristã e um espírito patriótico (HELLER, 1997, p. 47/48).

A instituição escolar que se pretendia inicialmente laica, ainda mais pelo forte espírito republicano e positivista que estimulou seus fundadores, acabou por se mostrar bastante impregnada da moralidade da religião católica, essencial à formação do caráter das jovens, fossem elas destinadas à vocação religiosa ou à materna. Se o Colégio Progresso se mostrava uma opção diferente dos estabelecimentos religiosos

da região, acabou incorporando muitas práticas religiosas em seu cotidiano, muitas delas inspiradas pela Congregação Salesiana.

A premência desta formação moral, entretanto, não dispensava uma formação intelectual mais ampla, com um contato das moças com as ciências, a música, a (boa) literatura e outras línguas. Ao lado da formação religiosa havia um currículo bastante farto de matérias as mais diversas, equiparado ao Colégio de Pedro II, o padrão nacional de ensino secundário.

Os “ares da modernidade” tocavam, portanto, o Colégio Progresso, o qual procurava formar as moças segundo um padrão reconhecido pela sociedade, que lhes desse *status* (UHLE, 1998, p. 90) e com o qual elas poderiam cursar o Ensino superior, se o desejassem. Neste ponto, o Progresso se distancia do Colégio de Nossa Senhora do Patrocínio, em Itu, que não aceitava, de forma alguma, a profissionalização das moças.

A fundação da escola Normal Livre anexa ao Colégio Progresso em 1928 demonstra que a instituição procura acompanhar as tendências e exigências desta nova sociedade. A adoção do método intuitivo, a fim de tornar os estudos menos áridos (**Categoria 2, Anexo 15 - Prospecto 10**, p. 6) também é notável no Colégio. Tais sopros de modernidade esbarravam, entretanto, nos altos muros da moralidade feminina e, para a qual, não existiria uma formação melhor do que aquela fornecida pela Igreja.

Mesmo em um Colégio laico como o Florence, estabelecido em Campinas no período do Império, estavam presentes as disciplinas de doutrina cristã e história sagrada, ministradas por um padre. Segundo Ribeiro (1993, p. 61), *a religiosidade da diretora [Carolina Florence], provavelmente não influenciou o dogma de suas alunas*, mas, mesmo assim, a doutrina cristã estava presente na grade curricular.

A Igreja católica e, principalmente, a formação moral por ela proposta, não são pensadas separadamente, como a própria Encíclica *Divini Illius Magistri*, de 31 de dezembro de 1929 propõe. A moralidade está, portanto, intimamente ligada à religiosidade e não pode ser pensada sem ela. Até em um Colégio fundado por fervorosos positivistas que rejeitam a religião, esta emerge com muita força quando a questão envolve a formação feminina, muito antes da publicação da Encíclica de 1929.

Esta encíclica é decorrente da *Rerum Novarum*, redigida em 1891 pelo Papa Leão XIII, que procura analisar as origens do sistema capitalista, defendendo a propriedade privada e as classes sociais. Esta encíclica de Leão XIII inicia uma fase da Igreja preocupada com as questões sociais, procurando construir uma harmonia no interior da sociedade apesar das diferenças de classes. A encíclica *Divini Illius Magistri* traz a proposta educacional desta nova face da Igreja, preocupada com as questões sociais. A questão social e da formação dos indivíduos são aspectos que interessam tanto à Igreja católica, quanto às elites, ambas preocupadas em manterem o controle da sociedade, seja das classes populares, seja das próprias filhas e futuras esposas. Desta forma, mesmo em um Colégio pretensamente *laico*, a religião é um componente interessante para moralizar as jovens.

Entre os materiais que encontrei na Sacristia do Colégio, nenhum apontava exatamente para uma presença da religião como uma disciplina. Ela até constava dos *Prospectos* para a divulgação do estabelecimento no interior da grade curricular, mas a ausência de notas de exames e do registro desta disciplina nos livros de atas indica que a religião perpassava outras esferas do cotidiano escolar e os livros de atas das Associações religiosas reforçam esta impressão, mas o arquivo escolar ainda poderá fornecer novos elementos.

O espaço privilegiado destas Associações é a capela, mas seus ensinamentos e exortações tocam profundamente a consciência da aluna, modelando e disciplinando-a. Tornar-se uma associada é motivo de orgulho, de estar próximo do ideal de pureza e virtude, cujos segredos maiores são revelados nas reuniões mensais e nos retiros espirituais, que purificam e renovam o fervor, preparando a moça para enfrentar a sociedade sem se manchar.

O internato inteiro respira e emana a religiosidade e a moralidade que esta propaga. As moças devem obedecer, devem ser virtuosas e são vigiadas para que não se desviem do bom caminho. A sua perfeita disciplina é alcançada quando sua própria consciência as adverte do mal que podem vir a praticar. Assim, a disciplinarização dos corpos (FOUCAULT, 1994) começa pelo modelamento da consciência, do caráter da aluna, para que ela possa agir da forma tida como correta. Esta disciplina eleva-se, portanto, a um plano espiritual, da alma, que deve penetrar fundo na aluna, para que

sua postura física, exterior corresponda a este interior. Do ponto de vista da Igreja, a disciplina externa se justifica pela disciplina da consciência, o que a torna muito eficiente, pois é introjetada pela aluna, através de um incansável trabalho de doutrinação, como foi possível observar nos excertos das atas das Associações e também pelo **Manual da Pia União das Filhas de Maria**.

Clarita é uma testemunha da eficácia da moralização praticada pelo Colégio, junto com a Igreja católica. A menina, muito geniosa, muito temperamental, consegue, graças ao esforço da diretora incansável, convencer-se de que há um bom caminho a ser seguido para conseguir todas as graças, que não estão na terra, mas em um plano divino, sobrenatural. Uma menina que gostava de correr, de pular, de brincar, de protestar e dizer o que sentia, termina por ser uma mocinha resignada, obediente, sob a máscara da pureza e da virtude, que a sociedade deseja e admira. Diante do sofrimento, da adversidade, não há espaço para o questionamento, só para a conformidade com o mundo como ele é, pois Deus o quer assim.

A felicidade de *Clarita* encontra-se na vontade de Deus e, com esta afirmação na epígrafe, Dona Emília Meira cumpriu sua tarefa de difundir a religião católica e de formar as moças de acordo com estes preceitos, como a sociedade o desejava também. Com esta afirmação, a missão de Dona Emília estava cumprida, tendo seus esforços todos recompensados.

Eis uma face intrigante do Colégio Progresso que busquei compreender e revelar e que me possibilitou uma experiência única no tratamento de documentos históricos e de lidar com a religiosidade, tema este tão complexo e fascinante como tudo o que emana do ser humano.

Bibliografia:

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*, São Paulo: Ática, **2002**;

ALMEIDA, Jane S. *Mulher e Educação: a Paixão pelo Possível*, São Paulo: Editora Unesp, **1998**;

BENDIX, Reinhard. "Liderança carismática e Dominação", Capítulo X In: *Max Weber, um Perfil intelectual* (trad. Elisabeth Hanna e José Viegas Filho), Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, **1986**;

BITTENCOURT, Águeda B. "Educação escolar: Um Compromisso da Família com a Igreja" In **ALMEIDA**, Ana Maria F.; **NOGUEIRA**, Maria Alice (orgs.). *A escolarização das elites: um panorama internacional da pesquisa*, Petrópolis: Vozes, **2002**;

CAMARGO, Marilena A. J. G. de. *Coisas velhas: um percurso de investigação sobre cultura escolar no Instituto de Educação "Joaquim Ribeiro" de Rio Claro (1928-1958)*, (doutorado), São Paulo: [s.n.], **1997**;

CARVALHO, José. M. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*, São Paulo: Companhia das Letras, **1990**;

CARVALHO, Marina M.de. *A imagem e a educação da mulher no positivismo: um estudo da condição feminina na filosofia de Augusto Comte*, (mestrado), São Paulo: [s.n.], **1991**;

CUNHA, Maria I. G. da. "Formar Damas cristãs, cultas, virtuosas, polidas, sociáveis: Colégio Nossa Senhora do Patrocínio", Capítulo 6 In: **NASCIMENTO**, Therezinha A. Q. R. (et al.) *Memórias da Educação: Campinas (1850 - 1960)*, Campinas (SP): Editora da Unicamp, **1999**;

DUSSEL, Inés; **CARUSO**, Marcelo. *La Invención del Aula: Una Genealogía de las Formas de enseñar*, Buenos Aires (Argentina): Ediciones Santillana, **1999**;

FORQUIN, Jean Claude. *Escola e Cultura: As Bases sociais e epistemológicas do Saber escolar*, Porto Alegre (RS): Artes Médicas, **1993**;

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: Nascimento da Prisão* (trad. Raquel Ramalhete), Petrópolis (RJ): Vozes, **1994**;

FREITAG, Barbara. *O Indivíduo em Formação: Diálogos interdisciplinares sobre Educação*, São Paulo: Cortez, **1994**;

GASPARELLO, Arlete. M. *Construtores de Identidades: A Pedagogia da Nação nos Livros Didáticos da Escola secundária brasileira*, São Paulo: Editor Iglu, **2004**;

GAARDER, Jostein; **NOTAKER**, Henry; **HELLERN**, Victor. *O Livro das Religiões*, São Paulo: Companhia das Letras, **2000**;

HELLER, Barbara. *Em Busca de novos Papéis: Imagens da Mulher leitora no Brasil (1890-1920)*, (doutorado), Unicamp, **1997**;

LEONARDI, Paula. *Puríssimo Coração: um Colégio de Elite em Rio Claro*, (mestrado), Unicamp, **2002**;

MANOEL, Ivan. A. *Igreja e Educação feminina (1859-1910): Uma Face do Conservadorismo*, São Paulo: Editora Unesp, **1996**;

MARCÍLIO, Maria Luiza. *História da Escola em São Paulo e no Brasil*, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Fernand Braudel, **2005**;

MARGOTTO, Lilian. R. "Criança e Educação moral: Evolução e Psicologia na Imprensa pedagógica paulista" in **GONDRA**, José. (org.) *Dos Arquivos à Escrita da História: A*

Educação brasileira entre o Império e a República, Bragança Paulista: Editora da USF, **2001**;

MESCHIATTI, José E. *Sonho de Moral: Presença salesiana em Campinas*, (mestrado), Unicamp, **2000**;

MORASSUTI, Daniela. *Colégio Progresso Campineiro: Os primeiros cinquenta Anos*, Trabalho de Conclusão de Curso: Unicamp, **1997**;

NADAI, Elza. "Educação de elite e a profissionalização da mulher brasileira na primeira república: discriminação ou emancipação" **In: Revista da Faculdade de Educação São Paulo**, v.17, n.1-2, p.5-34, jan./dez. **1991**;

NAGLE, Jorge. *Educação e Sociedade na Primeira República*, São Paulo: EPU, **1974**;

NASCIMENTO, Therezinha A. Q. R. (et al.). "Panorama histórico e sociocultural de Campinas", Capítulo 1 **In: NASCIMENTO**, Therezinha A. Q. R. (et al.). *Memórias da Educação: Campinas (1850 - 1960)*, Campinas (SP): Editora da Unicamp, **1999**;

NEGRÃO, Ana M. M. "Educar para a Cidadania através de Valores católicos: Liceu Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora", Capítulo 7 **In: NASCIMENTO**, Therezinha A. Q. R. (et al.) *Memórias da Educação: Campinas (1850 - 1960)*, Campinas (SP): Editora da Unicamp, **1999**;

NUNES, Maria T. *Ensino secundário e Sociedade brasileira*, Rio de Janeiro: ISEB, **1962**;

PASSOS, Elizete. S. "Pressupostos teóricos e morais da Educação ursulina" **In: CARVALHO**, Marta. M. C. de; **GONDRA**, José. (org.) *Pesquisa histórica: Retratos da Educação no Brasil*, Rio de Janeiro: Gráfica UERJ, [s.d.], pp.53 -57;

PEIXOTO, Afrânio. *A educação da mulher*, São Paulo: Companhia Editora Nacional, **1936**;

RIBEIRO, Arilda I. M. *A Educação feminina durante o Século XIX: o Colégio Florence de Campinas (1863-1889)*, Campinas: Ed. da Unicamp, **1996**;

RODRIGUES, Rosane N. *Representações de Feminismo e Educação profissional doméstica (Rio de Janeiro - 1920 e 1930)*, (mestrado), São Paulo, **2002**;

SANTOS, Manuel I. P. dos. *Luz e Sombras: Internatos no Brasil*, São Paulo: Ed. Salesiana Dom Bosco, **2000**;

SANTOS, Vera. L. *A Revista do "Patrocínio": Textos e Imagens de um periódico escolar dedicado à formação feminina (décadas de 20 e 30, século XX)*, (mestrado), USP, **2004**;

SOUZA, Cynthia P. de. "Os Caminhos da Educação feminina e masculina no Debate entre católicos e liberais: A Questão da Co-educação dos Sexos, Anos 30 e 40" In: **CARVALHO**, Marta. M. C. de; **GONDRA**, José. (org.) *Pesquisa histórica: Retratos da Educação no Brasil*, Rio de Janeiro: Gráfica UERJ, [s.d.], pp. 37 - 48;

SOUZA, Rosa F. *O Direito à Educação*, Campinas: Ed. da Unicamp, **1998**;

SOUZA, Rosa F.; **ALMEIDA**, Jane S.; **VALDEMARIN**, Vera T. *Legado Educacional do Século XIX*, Araraquara: Unesp, Faculdade de Ciências e Letras, **1998**;

UHLE, Águeda. B. B. "Orosimbo Maia: Cultura e Política no Final do Século XIX" in *Pró-Posições*, vol. 9 n° 1 [25], Campinas, março de **1998**.

Encíclicas:

LEÃO XIII. *Rerum Novarum* (Sobre a Condição dos Operários) (1891) [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.montfort.org.br/index.php?secao=documentos&subsecao=enciclicas&artigo=rerumnovarum&lang=bra>. Arquivo capturado em 17 de junho de 2005;

PIO XI. *Divini Illius Magistri* (On Christian Education) (1929) [online] Disponível na Internet via WWW. URL: http://www.vatican.va/holy_father/pius_xi/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_31121929_divini-illius-magistri_en.html. Arquivo capturado em 27 de junho de 2005.

Anexo: Documentos Catalogados no Colégio Progresso Campineiro

Categoria 1: História do Colégio Progresso

Anexo 1

Descritor: Livros de Chamada

1. Livro de Chamada Geral fevereiro de 1926 a outubro de 1926 (na lombada)
 - livro de capa dura, encapado com papel pardo;
 - tabelas impressas preenchidas à mão da folha 1 a 49 (de 50).

2. Chamada - 1928 (na capa)
 - livro de capa dura;
 - tabelas impressas preenchidas à mão da folha 1 a 50 (de 50).

3. Chamada - 1929 (na capa)
 - livro de capa dura;
 - tabelas impressas preenchidas à mão da folha 1 a 48 (de 49).

Notas: • Folha com pontos para a prova de Física à folha 49.

4. Livro de Chamada - 1930 (na capa)
 - livro de capa dura;
 - tabelas impressas da folha 1 a 47 (de 49).

Notas: • Rascunhos de Estatísticas à folha 49;

- Distintivo de ouro à Folha de Encerramento.

5. Livro de Chamadas 3^o e 4^o ano - 1931 (na capa)
 - livro de capa dura, encapado com papel pardo;
 - tabelas impressas preenchidas à mão da folha 1 a 50 (de 50).

Nota: • Tumas de alunas divididas em "fortes", "médias" e fracas".

6. Livro de Chamada Curso Ginásial, Normal - 1^a, 2^a, 3^a - Admissão e Primário - março de 1931 a novembro de 1931 (na lombada)
 - livro de capa dura, encapado com papel pardo;
 - tabelas impressas preenchidas à mão da folha 1 a 48 (de 50).

Nota: • Quatro boletins de alunas à folha do Termo de Encerramento, os quais incluem a disciplina de Religião.

7. Chamada 1932 (na capa)

- livro de capa dura;
- tabelas impressas preenchidas à mão da folha 1 a 50 (de 50).

Nota: • Boletim de aluna à folha do Termo de Abertura.

8. Livro de Chamada - 1933 - Curso Ginásial (na capa)

- livro de capa dura;
- tabelas impressas preenchidas à mão, sem indicação do número de folhas.

Nota: • Três certificados rasgados e/ou invalidados, além de um boletim com listas de alunas a lápis e datilografadas à primeira folha do livro de chamada.

9. Livro de Chamada - 1933 a 1934 (na capa)

- livro de capa dura;
- tabelas impressas preenchidas à mão, sem indicação do número de folhas.

10. Curso Primário, Ginásial, Fundamental e Profissional - 1934 a 1935 (na capa)

- livro de capa dura;
- tabelas impressas preenchidas à mão da folha 1 a 49 (de 50).

11. Primário - Ginásio - Fundamental - Profissional - Livro de Chamada - 1935 (na capa)

- livro de capa dura;
- tabelas impressas preenchidas à mão da folha 1 a 50 (de 50).

12. Livro de Chamada de todos os Cursos *inclusive o Ginásio* (esta informação a lápis) - 1935 a 1936 (na capa)

- livro de capa dura;
- tabelas impressas preenchidas à mão da folha 1 a 50 (de 50).

13. Livro de Chamada Ginásial e Profissional - 1936 a 1937 (na capa)

- livro de capa dura;
- tabelas impressas preenchidas da folha 1 a 50 (de 50).

14. Livro de Chamada do 1º, 2º, 3º e 4º Ano para Prática das Normalistas - 1936 a 1937 (na capa)

- livro de capa dura;
- tabelas impressas preenchidas à mão da folha 2 a 35 (de 36).

Notas: • Listagem de turmas masculinas às folhas 5, 9, 14 e 20;
• Divisão das turmas em alunos "fortes", "médios" e "fracos".

Anexo 2

Descritor: Livros de Notas e Faltas

1. Notas e Faltas Admissão/ Ginásio - 1926 a 1932 (na lombada)
 - livro de capa dura, encapado com papel pardo;
 - fichas de alunas (em número de 137) impressas e preenchidas à mão (todas, sem exceção).

2. Frequência do Ginásio - 1933 a 1935 (na capa)
 - livro de capa dura;
 - tabelas de frequência de alunas e professores manuscritas da folha 1 a 35 (de 50).

3. Livro de Notas e Faltas da 1ª série - 1937 a 1940 (na capa)
 - livro de capa dura;
 - tabelas manuscritas da folha 2 a 50 (de 50).

4. Livro de Notas e Faltas da 2ª série - 1937 a 1941 (na capa)
 - livro de capa dura;
 - tabelas manuscritas da folha 1 a 50 (de 50).

5. Livro de Notas e Faltas da 3ª série - 1937 a 1941 (na capa)
 - livro de capa dura;
 - tabelas manuscritas da folha 1 a 49 (de 50).

6. Livro de Notas e Faltas da 4ª série do Colégio Progresso Campineiro - 1937 a 1942 (na capa)
 - livro de capa dura;
 - tabelas manuscritas da folha 1 a 51 (de 51).

7. Livro de Notas e Faltas da 5ª série - 1937 a 1941 (na capa)
 - livro de capa dura;
 - tabelas manuscritas da folha 2 a 50 (de 50).

8. Livro de Notas e Faltas do Curso Profissional (na capa, sem indicação de data)
 - livro de capa dura;
 - tabelas manuscritas da folha 1 a 49 (de 50).

9. Quadro de Promoção: 4ª e 5ª séries de 1931 a 1962 (na lombada)
 - livro de capa dura, encapado com papel pardo;

→ tabelas manuscritas da folha 1 a 3 e da folha 78 a 200 (de 100).

Anexo 3

Descritor: Livros de Matrícula

1. Livro de Matrícula de 1900 a 1902 (na capa)

- livro de capa dura, encapado com papel pardo;
- tabelas impressas preenchidas à mão, sem indicação do nº de folhas.

2. Livro de Matrícula de 1901 a 1906 (na lombada)

- livro de capa dura, encapado com papel pardo;
- tabelas impressas preenchidas à mão, sem indicação do nº de folhas.

Notas:

- Matrícula da 1ª turma do Colégio;
- Alunas entrando no decorrer do ano;
- Falta o ano de 1902;
- Especificações sobre as internas (relativas ao médico, banhos, aulas extras, etc.).

3. Livro de Matrícula de 1923 a 1928 (na lombada)

- livro de capa dura, encapado com papel pardo;
- tabelas impressas preenchidas à mão da folha 1 a 49 (de 50).

Nota:

- Listas de professores de 1923 em folhas soltas à folha do Termo de Abertura.

4. Livro de Matrícula: Curso Ginásial de fevereiro de 1926 a julho de 1937 (na lombada)

- livro de capa dura, encapado com papel pardo;
- tabelas impressas preenchidas à mão da folha 1 a 45 (de 50).

5. Livro de Matrícula de 1929 a 1934 (na lombada)

- livro de capa dura, encapado com papel pardo;
- tabelas impressas preenchidas à mão da folha 1 a 46 e a folha 49 (de 49).

6. Inscrições de Candidatos à 2ª época fevereiro de 1932 a fevereiro de 1948 (na lombada)

- livro de capa dura, encapado com papel pardo;
- inscrições da folha 1 a 10 (de 50).

Notas:

- Lista de alunas e notas, juntamente com um artigo de jornal referente à Reforma do Ensino secundário de 24 de julho de 1940 à folha de rosto;

- Lista de alunas para os exames datilografada, à folha 50.

7. Primário: Livro de Matrículas de Exames nº 1 - 1931 a 1932 (na lombada)

- livro de capa dura, encapado com papel pardo;
- resultados dos exames manuscritos da folha 1 a 9 (de 50).

8. Livro de Matrícula de março de 1935 a julho de 1939 (na lombada)

- livro de capa dura, encapado com papel pardo;
- tabelas impressas preenchidas à mão da folha 1 a 49 (de 50).

9. Matrícula Alunas internas Curso Ginásial de 1936 a 1943 (na capa)

- livro de capa dura;
- tabelas impressas preenchidas à mão da folha 1 a 41 (de 50).

10. Primário: Livro de Matrícula nº 1 - 1931 a 1937 - feminino (na lombada)

- livro de capa dura, encapado com papel pardo;
- tabelas impressas preenchidas à mão da folha 1 a 30 (de 40).

Nota: • Faltam as folhas 31 a 38.

11. Primário: Livro de Matrícula nº 2 - Admissão: 1936 a 1939 (na lombada)

- livro de capa dura, encapado com papel pardo;
- tabelas impressas preenchidas à mão da folha 1 a 25 (de 50).

Notas: • Matrícula da seção masculina às folhas 18 e 19;

- Folhas de Termo de Compromisso de Acompanhamento e Certificado de Habilitação à folha 14.

12. Primário: Livro de Matrícula nº 3 - 1937 a 1939 - feminino (na lombada)

- livro de capa dura, encapado com papel pardo;
- tabelas impressas preenchidas à mão da folha 1 a 27 (de 50).

Nota: • Turma masculina às folhas 26 e 27.

13. Primário: Livro de Matrícula nº 4 - 1937 a 1948 - masculino (na lombada)

- livro de capa dura, encapado com papel pardo;
- tabelas impressas preenchidas à mão da folha 1 a 3 (de 50).

Anexo 4

Descritor: Livro de Termos de Visitas

1. Livros de Termos de Visitas de Autoridades Escolares 1928 (na capa)

- livro de capa dura;
- termos manuscritos da folha 1 a 50 (de 50).

Notas: • Ao final do livro há uma carta datilografada à diretora do Colégio por parte da Secretaria d'Estado dos Negócios do Interior, equiparando a Escola Normal anexa ao Colégio Progresso às oficiais em 1928;

- Estatística datilografada da Escola Normal, sem data.

2. Livro de Termos de Visitas Ginásio (na lombada)

- livro de capa dura, encapado com papel pardo;
- termos manuscritos da folha 1 a 63 (de 150).

Anexo 5

Descritor: Livros de Atas

1. Atas dos Exames de Admissão, 1928 a 1935 (na capa, sem indicação de datas)

- livro de capa dura;
- atas e tabelas manuscritas da folha 1 a 50 (de 50).

Nota: • Carta da vice-diretora ao delegado escolar com dúvidas referentes às medidas sobre Escolas Normais à folha do Termo de Abertura.

2. Livro de Atas: Resultados dos Exames de Admissão - março de 1926 a novembro de 1929 (na lombada)

- livro de capa dura, encapado com papel pardo;
- atas e tabelas manuscritas da folha 1 a 50 (de 50).

Notas: • Certidão de exame final na folha do Termo de Abertura;

- Boletim à folha do Termo de Encerramento.

3. Livro de Ata: Exames finais - Ginásio - dezembro de 1926 a novembro de 1934 (na lombada)

- livro de capa dura, encapado com papel pardo;
- Atas e tabelas manuscritas da folha 1 a 19 (de 100).

Nota: • Certidão de Exame final à folha de Termo de Abertura.

4. Livro de Atas de Inscrição de Candidatos a Exame de Admissão - 1928 a 1933 (na lombada)

- livro de capa dura, encapado;
- informações manuscritas da folha 1 a 12 (de 50).

5. Livro de Atas dos Exames de Admissão - 1928 a 1935 (na capa)

- livro de capa dura;
- atas manuscritas da folha 1 a 50 (de 50).

6. Livro de Ata Resultado do Exame de Admissão - Novembro de 1929 a dezembro de 1941

- livro de capa dura, encapado;
- manuscrito da folha 1 a 34 (de 50).

Nota: • Carta ao delegado escolar com dúvidas sobre medidas referentes à legislação das escolas normais em 1934 à folha de Termo de Abertura.

7. Livro de Ata: Resultado do Exame de Admissão - novembro de 1929 a dezembro de 1941 (na lombada)

- livro de capa dura, encapado com papel pardo;
- atas manuscritas da folha 1 a 12 (de 50).

8. Livro de Ata Provas escritas: Ginásio - outubro de 1931 a 1933 (na lombada)

- livro de capa dura, encapado com papel pardo;
- tabelas com notas das alunas manuscritas da folha 1 a 11 (de 50).

9. Livro de Ata: Notas mensais - Ginásio, de 1931 a 1933 (na lombada)

- livro de capa dura, encapado com papel pardo;
- tabelas com notas de cada aluna manuscritas da folha 8 a 81 (de 100).

Notas: • As folhas de 1 a 6 foram cortadas fora;

- A disciplina "Religião" consta nas tabelas das folhas 8 a 30;
- Lista de alunas datilografada em papel avulso à folha 15.

10. Livro de Ata: Exames de Admissão de 1931 a 1933 (na lombada)

- livro de capa dura, encapado com papel pardo;
- atas e tabelas manuscritas da folha 1 a 12 (de 100).

11. Atas das Ex-Alunas - 1934 (na capa)

- livro de capa dura;
- atas manuscritas da página 1 a 22 (de 100).

Nota: • Atas da Associação de Ex-Alunas;
• Ata da seção fúnebre em memória a Emília de Paiva Meira à página 18.

12. Resultado da 2ª Época de 1932 a 1943 (na lombada)
→ livro de capa dura, encapado com papel pardo;
→ atas manuscritas da folha 1 a 10 (de 50).

Nota: • Papel com anotações sobre uma aluna à folha 4.

13. Livro de Atas das Solenidades da Entrega dos Diplomas às Professorandas - dezembro de 1932 a dezembro de 1942 (na lombada)

→ livro de capa dura, encapado com papel pardo;
→ atas das listas de formandas manuscritas da folha 1 a 5 (de 50).

Nota: • Rascunho de ata em papel avulso à folha 6.

14. Livro de Atas: Curso Normal Exames de novembro de 1937 a setembro de 1939 (na lombada)

→ livro de capa dura, encapado com papel pardo;
→ atas manuscritas da página 1 a 100 (de 100).

15. Livro: Exame de Admissão - Inscrição (na lombada)

→ livro de capa dura, encapado com papel pardo;
→ atas manuscritas da folha 1 a 150 (de 150).

16. Livro de Ata: Prova parcial da 1ª série - outubro de 1931 a outubro de 1943 (na lombada)

→ livro de capa dura, encapado com papel pardo;
→ atas e tabelas manuscritas da folha 1 a 150 (de 150).

17. Livro de Ata: Prova parcial da 1ª série - outubro de 1931 a outubro de 1943 (na lombada)

→ livro de capa dura, encapado com papel pardo;
→ atas e tabelas manuscritas da folha 1 a 150 (de 150).

18. Livro de Atas: Provas da 2ª série de outubro de 1931 a novembro de 1943 (na lombada)

→ livro de capa dura, encapado com papel pardo;
→ atas e tabelas manuscritas da folha 1 a 150 (de 150).

19. Livro de Ata: 3ª série - outubro de 1931 a dezembro de 1943 (na lombada)

→ livro de capa dura, encapado com papel pardo;
→ atas e tabelas manuscritas da folha 1 a 148 (de 150).

20. Livro de Atas: Provas da 4ª série de outubro de 1931 a novembro de 1943 (na lombada)
- livro de capa dura, encapado com papel pardo;
 - atas e tabelas manuscritas da folha 1 a 139 (de 200).
21. Livro de Atas: Provas da 5ª série de outubro de 1931 a novembro de 1942 (na lombada)
- livro de capa dura, encapado com papel pardo;
 - atas e tabelas manuscritas da folha 1 a 100 (de 150).
22. Livro de Atas: Curso Normal - Exames de dezembro de 1935 a novembro de 1937 (na lombada)
- livro de capa dura, encapado com papel pardo;
 - atas manuscritas da folha 1 a 99 (de 100).
23. Livro de Atas: Curso Normal - Exames de dezembro de 1935 a novembro de 1937 (na lombada)
- livro de capa dura, encapado com papel pardo;
 - atas manuscritas da folha 1 a 99 (de 99).
24. Primário: Livro de Atas de Exames - 1935 a 1946 nº 2 (na lombada)
- livro de capa dura, encapado com papel pardo;
 - atas e tabelas manuscritas da folha 1 a 99 (de 99).
- Nota:* • Lembrança de Comunhão à folha 97.
25. Livro de Atas: Incineração das Provas de outubro de 1937 a março de 1941 (na lombada)
- livro de capa dura, encapado com papel pardo;
 - atas manuscritas à folha 1 (de 50).

Anexo 6

Descritor: Documentos avulsos referentes à História do Colégio Progresso

1. Caderno de Resenha do Colégio Progresso Campineiro (na capa) **HP1**
- brochura, pautado;
 - parcialmente manuscrito com facetas do Colégio (religião, infra-estrutura, etc.), construindo sua história, porém sem data e numeração das páginas.
2. Caderno: Exames Normal e Ginasial 1929 (na capa) **HP2**
- brochura, pautado;

- folhas (sem numeração) manuscritas com tabelas de notas de exames, história do Colégio, rascunhos de requerimentos e listas de nomes e datas, inclusive em folhas soltas ao final.
3. Histórico do Colégio Progresso Campineiro, 1929 **HP3**
- datilografado em quatro folhas sem pauta, com alterações a lápis e bico de pena.
4. Pasta Classificadora: Colégio Progresso - Resumo Histórico e outros documentos **HP4**
- quatro tiras de papel pautado, grampeados e manuscritos com a história do Colégio, sem data;
 - duas folhas arquivadas datilografadas com a história do Colégio, sem data;
 - um telegrama do Movimento de adultos felicitando pelo 60º aniversário do Colégio;
 - 27 folhas, entre pautadas e brancas, com recortes de jornal, cumprimentos, convites e programas de festividades referentes aos 50º e 60º aniversários do Colégio, além de sua história.
5. Pasta Classificadora: Aniversários e Biografias do Colégio Progresso Campineiro **HP5**
- um papel almaço manuscrito na capa e interior com a biografia de Emília Meira, sem data;
 - um papel e meio almaço manuscrito contendo o corpo docente e administrativo e outras informações sobre o Colégio, sem data;
 - três folhas almaço com capa manuscritas com temas semelhantes aos das folhas anteriores, sem data;
 - 11 folhas, entre pautadas e brancas, com recortes de jornal sobre atividades do Colégio, datando a maioria de 1964, enquanto outros não possuem data;
 - um programa de eventos de 1964, impresso.
6. Livro do Histórico do Estabelecimento do Colégio Progresso Campineiro (na lombada) **HP6**
- livro com capa dura;
 - manuscrito nas folhas 1 e 2 (de 50), trazendo um histórico do Colégio.
7. Pasta vermelha fina, com elástico **HP7**
- documentos referentes à "Sociedade Brasileira de Educação e Instrução de Meninas", entre recortes de jornal, registro de cartório e decretos publicados no Diário Oficial.
8. MARIA, Violeta - **Clarita no Colégio**, São Paulo: Cristo-Rei, [s.d.].
9. Caderno *Saudade*, sem data **HP8**
- caderno de desenho pequeno, com espiral;

→ artigos de jornal, convites e cartas colados nas páginas, do período de 1904 a 1964.

10. Relatório com Revisão da Ficha de Classificação, 1943 **HP9**

→ relatório encadernado, com capa dura, em 31 páginas;

→ inclui o resultado da inspeção do prédio (datilografado) e fotografias do Colégio.

11. Histórico do Colégio Progresso Campineiro, sem data **HP10**

→ folha pautada, datilografada com as na frente e com informações sobre a bandeira do Colégio projetada em 1960 e a biografia de Flávia Campos da Paz e Emília de Paiva Meira manuscritas no verso.

Nota: • Folha com rasgos nas laterais.

12. Resumo histórico das Atividades religiosas, sem data (provavelmente das décadas de 40 e 50) **HP11**

→ duas folhas unidas datilografadas na frente, resumindo os principais acontecimentos religiosos no Colégio.

13. Artigo “Colégio Progresso, 60 Anos de Vida!”, *Jornal de Campinas*, de 08 de outubro de 1960 **HP12a** e **HP12b**

→ folhas brancas com timbre do Colégio datilografadas na frente.

15. Datas históricas do Colégio Progresso Campineiro, sem data **HP13**

→ principais datas e acontecimentos do Colégio de 1900 a 1988 datilografados na frente de três folhas brancas com alterações a lápis.

16. Datas históricas do Colégio Progresso Campineiro, sem data **HP14**

→ duas folhas brancas datilografadas na frente com as principais datas e acontecimentos do Colégio e alterações a lápis.

17. Discurso de Maria Clarice Marinho Villac para o Cinquentenário do Colégio Progresso Campineiro, 1950 **HP15**

→ quatro folhas brancas datilografadas na frente;

→ relembra Emília de Paiva Meira e suas virtudes.

Nota: • Trata-se, provavelmente, da protagonista do livro **Clarita no Colégio**.

18. Resumo Histórico do Colégio Progresso Campineiro, sem data **HP16**

→ três folhas brancas grampeadas, datilografadas na frente relatando alguns acontecimentos do Colégio com informações acrescentadas a lápis à folha 3.

Anexo 7

Descritor: História do Colégio Progresso - Cotidiano

1. Folheto para divulgação do Colégio, sem data HPC1

- papel branco dobrado ao meio, impresso na frente;
- constam os valores das pensões e cursos à parte, plano de disciplinas e fornecimento de materiais, além do resultado dos exames.

Nota: • O endereço do Colégio era à Rua José Paulino

2. Folhetos de divulgação, sem data HPC2a e HPC2b

- folhetos em papel pequeno e fino;
- constam os cursos oferecidos pelo Colégio e o endereço para pedir os Prospectos, à Av. Júlio de Mesquita.

3. Convite das diplomadas de 1938 HPC3

- impresso em papel cartão, com as extremidades dobradas para o meio, com a foto do Colégio sobre estas faces externas.

4. Convite do 1º Grupo Escolar de Campinas, 1903 HPC4

- impresso em papel *couché*;
- convite para a Festa de Encerramento do ano promovida pelo 1º Grupo Escolar.

Nota: • Diretor do Grupo: Cristiano Volkart.

5. Programa de Evento promovido pelo Colégio Progresso, sem data HPC5

- papel branco dobrado ao meio;
- programa com letras e bordas decoradas, feitas à mão na face externa e no interior do papel dobrado, sem especificar o evento.

6. Homenagem a Emília Meira pelo dia 3 de outubro de 1919 HPC6

- papel dobrado ao meio com borda trabalhada;
- impresso na face, com o programa no interior da folha.

7. Carta ao Presidente do Grêmio "D. Emília de Paiva Meira" de um membro da União Campineira dos Estudantes Secundários, 1958 HPC7

- papel timbrado e envelope correspondente;
- manuscrito na frente.

8. Carta ao Ministro da Educação e Saúde Pública, 1931 **HPC8**

- um papel solto datilografado com esclarecimentos sobre o Colégio;
- um papel dobrado ao meio datilografado na frente e no interior constando os nomes do corpo docente do curso ginásial e o resultado de exames de uma turma naquele ano.

9. Carta da Diretoria Geral da Instrução Pública, 1928 **HPC9**

- papel timbrado;
- carta impressa na frente com as providências a serem tomadas no ensino manual do curso primário.

10. Orçamento para o primeiro ano de funcionamento, sem data **HPC10**

- orçamento datilografado em papel branco.

11. Pedido de Registro definitivo da professora Julie Villac ao Diretor Geral do Departamento Nacional de Educação, 1950 **HPC11**

- papel fino datilografado na frente com observações a bico de pena.

12. Página do Diário Oficial de 3 de Maio de 1934, **HPC12**

- destaque com lápis vermelho para os balanços da “Sociedade Brasileira de Educação e Instrução de Meninas”.

13. Discurso de Alfredo R. Nogueira às ex-alunas do Colégio, sem data **HPC13**

- seis tiras largas de papel pautado manuscritas na frente (a 6ª folha também no verso), presas por dois alfinetes na parte superior.

14. Lista de Tarefas, sem data **HPC14**

- pequena folha pautada;
- tarefas domésticas organizadas por dia da semana, manuscritas na frente e no verso da folha.

15. Rascunho das informações sobre o corpo docente em 1931 **HPC15**

- folha pautada manuscrita na frente e no verso.

Nota: • Trata-se do Rascunho para a Carta **HPC8**, enviada ao Ministro da Educação e Saúde Pública.

16. Lista de Alunas internas e externas, sem data **HPC16**

- papel almaço manuscrito nas faces externas.

17. Pedaco de jornal, sem data **HPC17**
- destaque para a propaganda do Colégio, à Av. Júlio de Mesquita.
18. Carta ao Ministro da Educação e Saúde Pública, sem data **HPC18a**
- folha única datilografada na frente;
 - pedido de equiparação do Colégio ao Ginásio oficial.
19. Carta rascunho de **HPC18a - HPC18b**
- folha pautada, manuscrita a lápis na frente.
20. Programa de Homenagem pelo aniversário de Emília Meira, 1924 **HPC19**
- papel dobrado ao meio;
 - capa com desenho e programa na face interna direita manuscritos.
21. Rascunho de carta, sem data **HPC20**
- duas folhas pequenas timbradas do Colégio, pautadas e manuscritas na frente e no verso;
 - pedido de auxílio, a um destinatário não-identificado, quanto à adequação do corpo docente do curso ginasial à legislação.
22. Rascunho de carta, sem data **HPC21**
- uma folha pequena timbrada do Colégio, pautada e manuscrita na frente e no verso;
 - histórico do curso ginasial na sua trajetória de adequação às normas oficiais, tendo as alunas ótimos resultados, apesar dos professores não possuírem diploma.
23. Rascunhos, sem data **HPC22a, HPC22b e HPC22c**
- três folhas pequenas timbradas do Colégio, pautadas e manuscritas na frente e no verso.
 - Rascunho de carta para pedido de equiparação do curso ginasial.
24. Três folhas unidas por alfinete, sem data **HPC23**
- pedaco rasgado de folha pautada, manuscrita com requerimento, atestados, certidão e recibo necessários para matrícula a serem redigidos;
 - um pedaco de folha com rascunho de atestado de idoneidade manuscrito;
 - carta em papel sem pauta, manuscrita, exigindo os papéis da matrícula para retirar filha da Escola Normal, com lista de despesas com os documentos no verso.
25. Luiz de Pádua do "Club Mozart" para Emília Meira, 1905 **HPC24**
- pequena folha impressa na frente;

- convite para uma aula de piano no Clube Campineiro.
26. Convite para o Encerramento anual do curso letivo, 1908 **HPC25**
- pequena folha dobrada ao meio impressa na frente.
27. Convite para o Encerramento anual do curso letivo, 1910 **HPC26**
- pequena folha azul dobrada ao meio, impressa na frente.
28. Programa do 16º Concertinho do Colégio, 1921 **HPC27**
- folha longa impressa na frente;
 - lista das alunas e peças apresentadas.
29. Programa da Festa de Encerramento do 24º ano letivo, 1924
HPC28a, HPC28b, HPC28c, HPC28d e HPC28e
- pequena folha impressa na frente.
30. Carta do Grêmio Literário e Artístico "Santo Tomás de Aquino", do Colégio Sagrado Coração de Jesus à Presidente do Grêmio "D. Emília de Paiva Meira", 1958 **HPC29**
- papel timbrado manuscrito na frente;
 - felicita a nova diretoria do Grêmio, informando a impossibilidade de assistir à posse.
31. Caderno de Mapas pertencente a Emília de Paiva Meira com os Programas de Concerto de 1906 a 1941 (na capa)
- livro de capa dura
 - folhas com mapas desenhados a lápis com impressos colados da folha 1 a 50.
- Nota:* • Impressos com os programas dos concertos colados sobre os mapas desenhados provavelmente por Emília Meira, os quais datam de 1889.
32. Estatística de 1902 a 1948 (na lombada)
- livro de capa dura, encapado com papel pardo;
 - estatística de alunas, professoras e todo o corpo administrativo do Colégio a cada ano.
33. Registro de Títulos: Nomeação do Inspetor Final e professores de pedagogia e didática 1928/1929/1931 (na lombada)
- livro de capa dura, encapado com papel pardo;
 - registros manuscritos às folhas 1, 4 e 5 (de %0).

34. Registro de Ofícios expedidos - abril de 1931 a março de 1940 (na lombada)

- livro de capa dura, encapado com papel pardo;
- registros manuscritos da folha 1 a 42 (de 50).

Nota: • Atestado manuscrito à folha 1 referente ao 8º ofício à folha 3.

35. Livro de Atestados: Escola Normal Livre anexa ao Colégio Progresso Campineiro de 1933 a 1935 (na capa)

- livro de capa dura;
- atestados e tabelas de notas manuscritos da folha 1 a 13 (de 50).

36. Requerimentos recebidos - 1932 a 1937 (na capa)

- livro de capa dura;
- requerimentos manuscritos da folha 1 a 26 (de 50).

Nota: • Lista de alunas inscritas para Exame de Admissão, Carta de Emília sobre boletins de alunas, Programa de Curso de trabalhos artísticos de 1934, Carta referente aos esclarecimentos da estatística, todas datilografadas à folha do Termo de Encerramento.

37. Movimento mensal e anual das Classes em 1934, 1935 e 1936 (na capa)

- livro de capa dura;
- tabelas manuscritas da folha 1 a 27 e 31 a 50 (de 50)

Notas: • Lista de professores datilografada e uma artigo sobre Exames de Escolas Normais de 1934 à folha de Termo de Abertura.

38. Despacho a requerimento - março de 1933 a maio de 1934 (na lombada)

- livro de capa dura, encapado com papel pardo;
- despachos manuscritos da folha 1 a 2 (de 50).

39. Penas regulamentares impostas aos alunos - ano de 1933, 1934 e 1939 (na lombada)

- livro de capa dura, encapado com papel pardo;
- tabelas impressas preenchidas à mão nas página 1 e 2, 4 e 5 e 100 (de 100).

40. Livro de Inventário do Material existente nas classes outubro de 1931 e setembro de 1933 (na lombada)

- livro de capa dura, encapado com papel pardo;
- tabelas impressas preenchidas à mão da folha 1 a 4 (de 51).

41. Laboratório de Física e Química, 1936 (na lombada)

- livro de capa dura, encapado com papel pardo;
- listas manuscritas das folhas 1 a 3, 12 e 13, 17 a 20, 27 e 40 a 42 (de 50).

Notas: • Listagem de sais e outras substâncias químicas;

- Listagem de equipamentos de laboratório;
- Classificação de pedras que o Colégio possui em papel almaço à folha 42

42. Ficha de Classificação, 1946 (na lombada)

- livro de capa dura;
- informações datilografadas sobre o Colégio, com estatísticas, estrutura física, livros e fotos.

43. Carta de Emília Meira ao Senhor Paranhos da Silva, 1926 **HPC30**

- folha branca, dobrada, pautada à mão, manuscrita na face e interior;
- a diretora informa sobre o depósito feito em banco e pedindo informações sobre o período de duração dos exames.

Nota: • Alterações a lápis e informação de outra carta anexa a ser enviada ao Departamento Nacional de Ensino.

44. Programa da Festinha para Emília Meira, 1927 **HPC31**

- folha verde com timbre de Flávia Campos, manuscrita na face e interior, com a programação do evento.

45. Festival das ex-alunas oferecido a Emília Meira, 1925 **HPC32**

- cartão longo, impresso na frente e no verso com a programação do evento.

46. 142º Concertinho do Club Mozart, 1913 **HPC33**

- cartão longo impresso na frente, contendo a programação do evento organizado pelo Prof. L. Pádua.

47. Rascunho para o impresso do 14º Concertinho, 1921 **HPC34**

- folha pautada, manuscrita na frente com a programação e local do evento.

48. Rascunho para o impresso do 29º Concertinho, 1924 **HPC35**

- folha pautada, manuscrita na frente e no verso com a programação e local do evento.

49. Rascunho para o impresso do 30º Concertinho, 1925 **HPC36**

- folha pautada, manuscrita na frente e no verso com a programação e local do evento.

50. Rascunho para o impresso do 34^o Concertinho, 1925 **HPC37**
→ folha pautada, manuscrita na frente e no verso com a programação e local do evento.
51. Rascunho para o impresso do 38^o Concertinho, 1926 **HPC38**
→ folha pautada, manuscrita na frente e no verso com a programação e local do evento.
52. Rascunho para o impresso do 40^o Concertinho, 1926 **HPC39**
→ folha pautada, manuscrita na frente e no verso com a programação e local do evento.
53. Rascunho para o impresso do 44^o Concertinho, sem data **HPC40**
→ folha pautada, manuscrita na frente e no verso com a programação e local do evento.
54. Rascunho para o impresso do 45^o Concertinho, 1927 **HPC41**
→ folha pautada, datilografada na frente com observações manuscritas.
55. Rascunho para o impresso do 47^o Concertinho, 1927 **HPC42**
→ folha datilografada na frente com a programação e local do evento.
56. Rascunho para o impresso do 48^o Concertinho, sem data **HPC43**
→ folha pautada, manuscrita na frente com a programação e local do evento.
57. Rascunho para o impresso do 49^o Concertinho, 1928 **HPC44**
→ folha pautada, manuscrita na frente com a programação e local do evento.
58. Rascunho para o impresso do 50^o Concertinho, 1928 **HPC45**
→ folha pautada, datilografada na frente com a programação e local do evento.
59. Rascunho para o impresso do 58^o Concertinho, sem data **HPC46**
→ folha pautada à mão, manuscrita na frente com a programação e local do evento.
60. Rascunho para o impresso do 29^o e 30^o Concertinhos, 1924 **HPC47**
→ folha pautada, manuscrita na frente e no verso com a programação e local do evento.
61. Rascunho para o impresso do 31^o Concertinho, 1925 **HPC48**
→ folha pautada, manuscrita na frente e no verso com a programação e local do evento.

62. Rascunho para o impresso do 33º Concertinho, 1925 **HPC49**
→ folha pautada, manuscrita na frente e no verso com a programação e local do evento.
63. Programa de evento, 1919 **HPC50a, HPC50b, HPC50c, HPC50d e HPC50e**
→ folha impressa na frente.
64. Programa do 20º Concertinho, 1922 **HPC51**
→ folha impressa na frente.
65. Programa do 21º Concertinho, 1922 **HPC52**
→ folha dobrada impressa na frente com o programa na capa e espaços para o nome do convidado na contracapa.
66. Programa do 22º Concertinho, 1923 **HPC53**
→ folha impressa na frente.
67. Programa do 23º Concertinho, 1923 **HPC54**
→ folha impressa na frente.
68. Programa do 24º Concertinho, 1923 **HPC55**
→ folha longa azul impressa na frente.
69. Programa do 25º Concertinho, 1923 **HPC56**
→ folha dobrada impressa na frente e com espaço para o nome do convidado no verso.
70. Programa do 27º Concertinho, 1924 **HPC57**
→ folha impressa na frente.
71. Programa do 26º Concertinho, 1924 **HPC58**
→ folha impressa na frente.
72. Programa de evento com música e teatro, 1926 **HPC59**
→ folha impressa na frente.
73. Programa de evento do Curso de música, 1926 **HPC60**
→ folha impressa na frente.

74. Programas do 36º Concertinho, 1926 **HPC61a** e **HPC61b**

→ folhas impressas na frente.

75. Programas do 37º Concertinho, 1926 **HPC62a** e **HPC62b**

→ folhas impressas na frente.

76. Programa do 42º Concertinho, 1927 **HPC63**

→ longa folha impressa na frente.

77. Programas do 57º Concertinho, 1929 **HPC64**

→ longa folha rosa impressa na frente.

78. Brochura *Escolas Normais Livres e a Instrução leiga oficial*, 1930 **HPC65**

→ brochura de 34 páginas com discurso do cônego Moysés Nora;

→ presente para a diretora do Colégio.

80. Rascunhos de cartas ao Prof. Eusébio de Pádua Marcondes, 1932 **HPC66a** e **HPC66b**

→ duas folhas timbradas do Colégio, pautadas e manuscritas na frente e no verso.

81. Convite para a cerimônia de entrega de diplomas, sem data **HPC67**

→ folha rosa impressa na frente;

→ subscrito por Emília de Paiva Meira, anunciando a presença do Bispo Diocesano, Conde D. Francisco de Campos Barreto.

82. Programa-convite para o Festival de Encerramento do 1º Semestre do ano letivo, sem data **HPC68**

→ folha branca, pequena e impressa na frente.

83. Programa-convite para o Festival de Encerramento das aulas, 1902 **HPC69**

→ cartão dobrado, branco;

→ impresso na capa e interior.

Nota: • Odila Maia compõe o elenco de duas peças.

84. Convite para o Encerramento do curso, 1903 **HPC70**

→ folha branca com lateral rasgada;

→ impressa na frente e com espaço para escrever o nome do convidado (lê-se, à mão, "Correi").

85. Comunicação de mudança de data para o início das aulas, 1905 HPC71

- folha branca de lateral rasgada impressa na frente;
- espaço para preencher o nome do pai e assinatura da Diretora.

Nota: • Mudança da Chácara Guanabara para o Largo do Pará.

86. Convite para os exames anuais, 1907 HPC72

- folha branca de lateral rasgada;
- impresso na frente.

87. Convite para o Encerramento do ano letivo, 1909 HPC73

- folha rosa de lateral rasgada;
- impressa na frente com espaço para preencher com o nome do convidado.

88. Programa da Festa Literária, 1911 HPC74

- folha branca dobrada;
- programa manuscrito com ilustração de flores no topo, apenas na capa.

89. Convite para o Encerramento do Curso letivo, 1911 HPC75

- pequena folha azul de lateral rasgada;
- impressa na frente com espaço para o nome do convidado.

90. Convite para os exames, 1914 HPC76

- folha branca de lateral rasgada;
- impressa na frente com espaço para o nome do convidado.

91. Homenagem a Emília de Paiva Meira, 1919 HPC77

- folha branca dobrada;
- impressa na capa e interior, com ilustração naquela.

92. Convite para Inauguração do retrato do Bispo D. João Nery, 1920 HPC78

- folha branca de lateral rasgada;
- impressa na frente com espaço para o nome do convidado.

93. Convite para o 14º Concertinho, 1921 HPC79

- folha branca, impressa na frente e com espaço para preencher o nome do convidado.

Nota: • Impresso do rascunho HPC34.

94. Convite para o 15º Concertinho, 1921 **HPC80**

→ folha branca, com programa impresso na frente.

95. Programa-convite para o Pequeno Festival, 1924 **HPC81a** e **HPC88b**

→ folha branca impressa na frente.

Nota: • Data, local e inscrição “Programa-convite” feitas à mão.

96. Programa-convite para o Pequeno Festival em Homenagem a Emília de Paiva Meira, 1924 **HPC82a** e **HPC82b**

→ folha branca impressa na frente.

Nota: • Corresponde ao Programa manuscrito **HPC19**.

97. Rascunho de Programa de Encerramento do ano, 1926 **HPC83**

→ folha branca de lateral rasgada;

→ manuscrita na frente.

98. Programa da Festinha oferecida a Emília de Paiva Meira, 1927 **HPC84**

→ pequena folha branca de dobrada;

→ espaço para o nome do convidado na capa e convite e nomes das diplomandas impressos nas faces internas.

99. Convite para Encerramento do ano letivo e entrega de diplomas, 1927 **HPC85**

→ pequena folha branca dobrada;

→ espaço para nome de convidado na capa e convite e nome das diplomandas impressos nas faces internas.

100. Programa da Festa de Encerramento das aulas, 1902 **HPC86**

→ pequena folha branca dobrada, impressa na capa e interior;

→ colado sobre uma folha de caderno de mapas (folha 2).

101. Programa da Festa de Encerramento das aulas, 1904 **HPC87**

→ pequena folha branca dobrada, impressa na capa e interior;

→ colado sobre uma folha de caderno de mapas (folha 3).

102. Programa da Festa dedicada às alunas D. D. Mariquita Martins, Marina Maia e Valentina Penteadó, 1910 **HPC88**

→ folha de lateral rasgada impressa na frente;

→ colado sobre uma folha de caderno de mapas (folha 6).

103. Programa das Festas de Encerramento, 1911 **HPC89**

- folha dobrada impressa em duas faces;
- colada estendida no verso da folha 6.

104. Programa da Festa de Encerramento, 1912 **HPC90**

- folha branca impressa na frente;
- colado sobre uma folha de caderno de mapas (folha 7).

105. Programa das Festas de Encerramento, 1913 **HPC91**

- folha branca impressa na frente;
- colado no verso da folha 7.

106. Programa da Festa de Encerramento das aulas, 1913 **HPC92**

- pequena folha manuscrita;
- colado também no verso da folha 7.

107. Convite para o Encerramento do ano, sem data (1916, a lápis) **HPC93**

- folha branca impressa com espaço para o nome do convidado;
- colada sobre uma folha de caderno de mapas (folha 9).

108. Programa para o Festival de Encerramento do ano, 1914, **HPC954**

- folha impressa na frente;
- colada sobre folha de caderno de mapas (folha 8).

Nota: • Visita do Bispo de Campinas.

109. Programa da Festa de Encerramento, 1915 **HPC95**

- folha impressa na frente;
- colada no verso da folha 8.

110. Programa de Evento, 1919 **HPC96**

- folha impressa na frente;
- colada sobre folha de caderno de mapas (verso da folha 10).

111. Convite para Festa de Encerramento, 1919 **HPC97**

- folha impressa na frente com espaço para o nome do convidado;

→ colada embaixo de **HPC96**.

112. Programa da Festa de Encerramento, 1920 **HPC98**

- folha branca impressa na frente;
- colada sobre folha de caderno de mapas (folha 11).

113. Programa do Festival e Festa de Encerramento, 1922 **HPC99**

- folha impressa na frente;
- colada sobre folha de caderno de mapas rasgada ao meio (folha 12).

114. Programa do Festival das Ex-alunas, 1925 **HPC100**

- cartão impresso na frente;
- colado sobre folha de caderno de mapas (folha 15).

115. Programa do Festival em Homenagem a Francisco de Campos Barreto, Bispo Diocesano, 1925 **HPC101**

- folha impressa na frente;
- colada no verso da folha 15.

116. Programa do Festival em Homenagem às diplomandas de 1933 **HPC102**

- folha impressa na frente;
- colada no verso de caderno de mapas (folha 23).

117. Concerto do Club Mozart, 1910 **HPC103**

- folha branca com programa impresso na frente.

118. 2º Concerto de Propaganda de Autores brasileiros, 1910 **HPC104**

- folha branca dobrada de capa e programa nas faces internas impressas.

119. Programa do Club Mozart, 1911 **HPC105**

- folha branca impressa.

120. Concertinho no Club Mozart, 1912 **HPC106**

- papel cartão com programa impresso na frente.

Nota: • nome de Flávia Campos da Paz manuscrito no topo.

121. Concerto de Despedida, Club Mozart, 1914 **HPC107**

→ folha branca com programa impresso na frente.

122. Concertinho do Club Mozart, 1917 **HPC108**

→ folha branca com programa impresso na frente.

123. Programa de Evento no Club Mozart, 1917 **HPC109**

→ folha branca estreita, com programa impresso na frente.

124. Programa de Evento no Club Mozart, 1918 **HPC110**

→ folha branca com programa impresso na frente.

125. Audição musical no Club Mozart, 1919 **HPC111**

→ folha branca com programa impresso na frente.

126. Concertinho do Club Mozart, 1920 **HPC112**

→ folha rosada dobrada ao meio;

→ capa impressa, assim como o programa nas faces internas.

127. Convite da Diretoria do Ginásio de Campinas, 1912 **HPC113**

→ folha branca com símbolo do Brasil, datilografada na frente;

→ entrega de diplomas e certificados.

128. Convite para o Encerramento do ano no Colégio Progresso Campineiro, 1902 **HPC114**

→ pequena folha branca rasgada na lateral;

→ convite impresso na frente com espaço para o nome do convidado.

Nota: • corresponde ao rascunho do programa **HPC87**.

129. Listagem do Corpo docente, 1931 **HPC115**

→ folha branca datilografada na frente com observações manuscritas, inclusive a de legalizar o cargo da diretora, de acordo com um decreto de 1930;

Nota: • Padre Adriano Iersel, professor de latim e filosofia (há dois anos).

130. Lista de professores, 1927 a 1931 **HPC116**

→ pequena folha pautada com timbre do Colégio;

→ nomes manuscritos.

Nota: • Provável rascunho de **HPC115**.

131. Programa-convite para a 66ª Audição das alunas de piano, 1937 **HPC117**
- folha dobrada impressa em todas as faces e com espaço para o nome do convidado na capa;
 - programa impresso na face interna da direita e contracapa.
132. Programa-convite para a 72ª Audição, 1938 **HPC118**
- pequena folha rosada com o programa impresso na frente.
133. Programa-convite para a 76ª Audição, 1939 **HPC119**
- pequena folha laranja com o programa impresso na frente.
134. Programa-convite para a 77ª Audição, 1940 **HPC120**
- pequena folha com o programa impresso na frente.
135. Programa-convite para a 79ª Audição, 1941 **HPC121a HPC121b HPC121c HPC121d e HPC121e**
- folha branca dobrada e impressa em todas as faces;
 - programa impresso nas faces internas e espaço para o nome do convidado na contracapa.
136. Programa da Sessão em Homenagem a D. Francisco de Campos Barreto, 1941 **HPC122**
- pequena folha branca com canto superior trabalhado com flores desenhadas;
 - programa manuscrito nas faces internas.
137. Programa-convite da Festa do Jardim de Infância e Seção masculina, do Grêmio Recreativo "Emília Meira", 1941 **HPC123**
- folha branca dobrada;
 - nome do Grêmio impresso na capa e programa nas faces internas.
138. Programa-convite para a 80ª Audição, 1941 **HPC124a HPC124b e HPC124c**
- folha branca impressa em todas as faces;
 - programa impresso nas faces internas e referência ao Colégio na capa e contracapa.
139. Programa-convite da 6ª Sessão organizada pelo Jardim de Infância e Curso primário masculino, 1942 **HPC125a HPC125b e HPC125c**
- grande folha branca impressa na frente.

140. Programa-convite para a Comemoração do 20º Aniversário do Colégio Progresso de Araraquara, 1944 **HPC126**

→ folha laminada dobrada e impressa na capa e nas faces internas, com canhoto destacável para pagar o almoço e contribuir com o altar de Nossa Senhora Auxiliadora.

141. Grande Festival Pró-Missões pelas alunas dos Colégios Progresso de Campinas e de Araraquara, 1946 **HPC127**

→ folha dobrada impressa na capa e nas faces internas.

Nota: • Aluna Emília Meira de Vasconcelos.

142. Programa para a Comemoração do Cinquentenário do Colégio Progresso, 1950 **HPC128**

→ pequeno cartão impresso na frente.

143. Programa do Festival Litero-Musical comemorando o centenário de Carlos Gomes (1936), sem data impressa **HPC129a**, **HPC129b** e **HPC129c**

→ folha laminada dobrada com capa e programa impressos;

→ programa nas faces internas e foto do Conservatório Santa Cecília na contracapa (aula de piano).

144. Livro de Pontos, 1905 (na capa)

→ tabelas impressas e preenchidas à mão;

→ pontos de diversas disciplinas e assinatura dos professores, sem numeração nas páginas.

145. Caderno de mapas - Colégio Progresso 1889 de Sara Paiva Meira

→ caderno de capa dura, encapado;

→ mapas desenhados da folha 1 a 48 (de 50).

146. Livros adotados, 1931¹⁷

→ pequena brochura encapada com papel pardo;

listagem dos livros adotados neste período, sem numeração nas páginas.

147. Livro de Atas do Grêmio Literário "Emília de Paiva Meira" (na capa), 1937 a 1948

→ capa dura;

→ atas manuscritas das folhas 1 a 50 (de 50).

Nota: • Documento atacado por broca.

Anexo 8

Descritor: Regulamentos Internos

1. Colégio Progresso Campineiro - Deveres das Professoras, sem data **RI1**

→ folha branca datilografada na frente contendo, em tópicos, os deveres das professoras.

2. Regulamento interno - Deveres das alunas, sem data **RI2**

→ folha branca colada sobre cartão (um diploma inutilizado do Colégio) datilografada na frente.

3. Deveres da roupeira, sem data **RI3**

→ folha longa datilografada na frente, com uma regra manuscrita ao final das demais.

4. Regras para os Estudos ao ar livre, sem data **RI4**

→ pequena folha branca datilografada na frente, com exercício de matemática no verso.

5. Estatutos do Grêmio de Sociologia "D. Emília de Paiva Meira", da Escola Normal Livre do Colégio Progresso Campineiro, 1938 **RI5**

→ brochura impressa na linotipia da casa Genoud;

→ traz a notícia do jornal e os estatutos do Grêmio.

Anexo 9

Descritor: História do Colégio Progresso Campineiro - Biografias de Emília de Paiva Meira

1. Biografia de Emília de Paiva Meira, 1986 **HPBE1 (a a q)**

→ uma folha pautada manuscrita na frente e no verso;

→ 17 folhas brancas datilografadas na frente com o mesmo texto e com data.

2. Biografia de Emília de Paiva Meira, sem data **HPBE2 (a a e)**

→ duas folhas pautadas manuscritas na frente e no verso (**HPBE2a**);

→ duas folhas finas datilografadas na frente com o mesmo texto (**HPBE2b** e **HPBE2c**);

→ duas folhas finas datilografadas na frente com o mesmo texto (**HPBE2d** e **HPBE2e**).

Nota: • **HPBE2a**, **HPBE2b** e **HPBE2c** possuem o carimbo da biblioteca do Colégio.

¹⁷ Livro encontrado no "Arquivo Morto" do Colégio, de acesso restrito.

Anexo 10

Descritor: Correspondências Pessoais de Emília Meira

1. Carta do irmão de Emília Meira, 1917 CPE1

- em papel sem pauta da Santa Casa da Misericórdia de São Paulo;
- manuscrita em duas folhas, possuindo um envelope pequeno, aconselhando Emília quanto à construção do prédio definitivo do Colégio, inclusive com pedidos a Orosimbo Maia.

2. Carta da aluna Iria de 1935 CPE2

- folha pautada dividida ao meio;
- manuscrita na frente e interior, sendo que a aluna, de férias, informa que Wanda Gomes Figueiredo teria interesse em se matricular no Colégio, pedindo prospectos.

3. Carta de Maria Isabel Silva, 1930 CPE3

- em papel pautado dobrado ao meio;
- manuscrito na frente e interior, comunicando a saída da aluna do Colégio e pedindo atestados de frequência e permanência.

4. Carta de Lino R. Hellmeister, do Banco Comercial do Estado de São Paulo, 1930 CPE4

- folha única timbrada;
- carta datilografada na frente, sendo que o pai de alunas agradece o desconto na mensalidade por causa da máquina de costura enviada ao Colégio, o qual ficaria à disposição das filhas, assim como o piano.

5. Carta de pai de alunas, 1931 CPE5

- carta expressa em folha pautada;
- manuscrita na frente, pedindo a Emília a gratuidade dos estudos de duas filhas, enquanto a irmã custearia as outras duas filhas.

6. Carta da Liga das Senhoras Católicas, 1936 CPE6

- papel timbrado, dobrado ao meio;
- datilografada na face externa, agradecendo Emília por uma doação;
- possui envelope correspondente.

7. Carta de Irmã Carmelina Veiga, 1937 CPE7

- pautas feitas à mão;

- manuscrita na frente e no verso, agradecendo às auxiliares de Emília no Colégio e relatando sobre colegas.

8. Poesia em francês de Conte Henry Barincourt CPE8

- papel cartão dobrado ao meio;
- poesia e decoração feitas à mão.

9. Carta de Maria Milta Gabrielli, 1937 CPE9

- papel rosado dobrado ao meio;
- manuscrito na face e interior direito, desejando que a saúde de Emília melhore.

10. Carta de Dory Whitaker Benjamim, 1937 CPE10

- duas folhas de papel pautado, manuscrito na face e no interior direito;
- gratidão e votos pela saúde de Emília Meira.

11. Recebimento da herança de Emília Meira, 1895 CPE11

- folha pautada com selo do Estado de Minas Gerais, manuscrita na frente;
- Emília exige o montante da herança do pai ao qual tem direito, em Barbacena, como mulher solteira e sem filhos.

12. Carta da *Union des Tisseurs de France*, 1928 CPE12

- duas folhas pautadas, timbradas com a primeira manuscrita e a segunda com tabela impressa, preenchida à mão, com envelope;
- fatura de cosméticos encomendados (creme, óleo).

13. Carta de Emília Meira ao senhor Durval, '924 CPE13

- carta de bordas pretas, dobrada, pautada à mão com envelope;
- pesar pelo falecimento da esposa do destinatário.

14. Carta de Padre Martinho B. a Emília Meira, 1936 CPE14

- folha dobrada, pautada à mão manuscrita na face e interior;
- elogios à obra da diretora.

15. Título de Eleitor de Emília de Paiva Meira, 1933 CPE15

- capa dura, com o documento em papel-cartão colado em seu interior;
- documento impresso, preenchido à mão com foto de D. Emília.

Nota: • Exerceu o voto apenas uma vez, em 31 de maio de 1933.

Anexo 11

Descritor: História do Colégio Progresso - Falecimento de Emília Meira E Flávia Campos da Paz

1. Biografia de Emília, sem data **HCF1**
 - três pequenas folhas manuscritas na frente.

2. Biografia de Emília, sem data **HCF2**
 - folha pautada;
 - manuscrita na frente, fazendo referência ao falecimento da diretora.

3. Informações sobre Emília, sem data **HCF3**
 - três tiras de folhas datilografadas (uma tira bem menor);
 - informações sobre a vida de Emília, telegramas recebidos, coroas e funerais.

4. Carta de Irmão Maria Pia a Flávia Campos da Paz, vice-diretora do Colégio, 1937 **HCF4**
 - uma folha pautada com borda preta, dobrada e outra similar avulsa, manuscrita em todas as páginas das folhas;
 - pêsames pela falecida.

5. Carta de seminarista a Flávia Campos, 1937 **HCF5**
 - uma folha pautada mais estreita com borda preta dobrada, manuscrita na face e interior esquerdo;
 - pêsames pela falecida.

6. Carta da ex-aluna Ivette a Flávia Campos, 1937 **HCF6**
 - folha rosada com relevos, dobrada, manuscrita na face e interior direito;
 - ex-aluna envia seus pêsames e se arrepende das faltas cometidas na escola, lembrando de ter sido a última turma a receber o diploma das mãos da falecida.

7. Carta da ex-aluna Alice Ferreira a D. Maria, 1937 **HCF7**
 - pequena folha pautada dobrada ao meio, manuscrita em todas as faces;
 - manifesta pêsames e saudades.

8. Carta de Lourdes Macedo a Flávia Campos, sem data **HCF8**
 - folha pautada à mão com finíssima borda azul-marinho, dobrada e manuscrita em todas as faces;

→ manifesta pêsames, saudades e arrependimento por não ter visitado a falecida após a saída do Colégio, comunicando também a perda da irmã.

9. Carta da ex-aluna Conceição a Flávia Campos, 1937 **HCF9**

→ folha pautada à mão de borda preta, dobrada e rasgada ao meio, manuscrito na face e interior direito;

→ manifesta pêsames e arrependimento por não ter visitado a falecida antes.

10. Carta da ex-aluna Isabel de Almeida a Flávia Campos, 1937 **HCF10**

→ folha pautada de bordas pretas, dobrada, manuscrita na face e interior direito;

→ envia pêsames pela falecida.

11. Carta de Nair a Flávia Campos, 1937 **HCF11**

→ folha pautada à mão de bordas pretas, dobrado, manuscrita em todas as faces, com envelope correspondente;

→ a remetente envia seus pêsames pela falecida após se recuperar de doença, mandando rezar uma missa em Catanduva.

12. Carta de Cecília R. Guilherme a Flávia Campos, 1937 **HCF12**

→ folha pautada de bordas pretas, dobrada e manuscrita na face e no interior direito;

→ envia seus pêsames pela falecida.

13. Carta de remetentes ilegíveis a Flávia Campos, 1937 **HCF13**

→ folha pautada de bordas pretas, dobrada e manuscrita na face e interior direito;

→ enviam seus pêsames pela falecida.

14. Carta da ex-aluna Eunice a Flávia Campos, 1937 **HCF14**

→ folha pautada de bordas pretas, dobrada e manuscrita em todas as faces;

→ manifesta pêsames e saudades.

15. Carta da ex-aluna Leontina a Flávia Campos, 1937 **HCF15**

→ folha pautada à mão de finíssima borda azul-marinho, dobrada e manuscrita nas faces externas e no interior direito;

→ manifestação dos pêsames pela falecida e arrependimento por não a ter visitado antes.

16. Carta de Alda a Flávia Campos, 1937 HCF16

- folha pequena pautada, de bordas pretas, dobrada e manuscrita na face e no interior;
- manifesta pesar, gratidão e saudades.

17. Cartão de Irmã Rita de Maria a Julie Villac, 1937 HCF17

- cartão da Escola Normal Oficial "Nossa Senhora das Lágrimas", em Uberlândia (MG), manuscrito na frente e no verso;
- manifesta seus pêsames pela falecida.

18. Carta da ex-aluna Sórora Maria Adelaide a Flávia Campos, 1937 HCF18

- folha pautada à mão, dobrada e manuscrita na face e no interior.
- A noviça manifesta seus pêsames pela falecida.

19. Carta de Thereza Staffa a Flávia Campos, 1937 HCF19

- folha de finíssima borda azul-marinho manuscrita na frente;
- manifesta saudades.

Nota: • Siglas V.I.M.I. e A.M.D.G. no canto superior esquerdo da folha.

20. Carta de Hilda a Flávia Campos, 1937 HCF20

- folha quadriculada, dobrada e manuscrita na face e interior direito;
- manifesta pesar.

21. Carta de Odette Zarif a Flávia Campos, 1937 HCF21

- folha de finíssima borda azul-marinho, dobrado e manuscrito na face e interior;
- manifesta tristeza e pesar.

22. Carta de Eliza da Costa a Flávia Campos, 1937 HCF22

- folha pautada à mão, de borda preta, dobrada, manuscrita na face e interior direito;
- manifesta saudades.

23. Carta de Flávia Campos, Julie Villac, Alda Pompêo de Camargo, Maria Andrade Pádua e Noêmia Castex à Diretora da Sociedade Brasileira de Educação e Instrução de Meninas, 1937 HCF23

- folha pautada, manuscrita na frente;
- lamentam a perda da fundadora da Sociedade.

24. Telegrama (Cia. Paulista de Estradas de Ferro) de Oscar Câmara a Julie Villac, 1937 HCF24

- envia pêsames pela falecida.

25. Telegrama (Depto. Dos Correios e Telégrafos) de Tourinho a Julie Villac, 1937 **HCF25**
- tiras impressas coladas no papel do telegrama;
 - compartilha sentimentos de pesar.
26. Carta de Jeronymo de Mello à Diretora do Colégio, 1937 **HCF26**
- folha branca dobrada, datilografada na frente;
 - manifesta sentimentos de pesar.
27. Carta do Rotary Club, 1937 **HCF27**
- folha timbrada, datilografada na frente;
 - apresenta os sentimentos de pesar manifestados em reunião.
28. Carta de Otília a Flávia Campos, 1937 **HCF28**
- folha pautada, dobrada, com envelope e manuscrita na face e interior;
 - manifesta tristeza e informa sobre familiares.
29. Carta de Gerty a Flávia Campos, 1937 **HCF29**
- folha rosada dobrada, manuscrita na face e interior direito;
 - manifesta tristeza.
30. Carta de Pe. Theophilo a Flávia Campos, 1937 **HCF30**
- folha branca manuscrita na frente e no verso.
 - Envia pêsames pela falecida.
31. Carta de Antonietta a Flávia Campos, 1937 **HCF31**
- folha timbrada do advogado Álvaro Pereira de Queiroz, membro da OAB, datilografada na frente;
 - manifesta pesar.
32. Carta de Irmã Maria Leticia Xavier a Flávia Campos, 1937 **HCF32**
- folha pautada, timbrada da "Escola Normal Livre de Limeira", datilografada na frente;
 - manifesta pesar pela falecida D. Emilia Corrêa (sic) Meira.
33. Carta de Therezina Veiga a Flávia Campos, 1937 **HCF33**
- folha pautada timbrada do Ginásio N. S. Auxiliador, Campos (RJ), dobrada e manuscrita na face e interior direito;
 - manifesta tristeza.

34. Carta a Flávia Campos, sem remetente ou data **HCF34**
- folha dobrada, manuscrita a lápis na face e interior;
 - manifesta pesar, mas está ilegível em grande parte.
35. Rascunho de carta ao Prefeito de Campinas, João Alves dos Santos, 1937 **HCF35**
- folha branca, datilografada na frente com alterações à mão;
 - agradece as homenagens prestadas pela Prefeitura à falecida.
36. Cópia do Testamento de Emília Meira, sem data **HCF36**
- duas folhas grampeadas, datilografadas;
 - distribuição dos bens de Emília Meira, ficando grande parte para os Colégios em Campinas e Araraquara e para a Sociedade Brasileira de Educação e Instrução de Meninas.
37. Carta à Câmara Municipal de Campinas, 1937 **HCF37**
- folha única, manuscrita na frente;
 - pedido para a inumação do corpo de Emília em recinto anexo à Capela do Colégio.
38. Lista do sobrinhos deixados por Emília Meira, sem data **HCF38**
- duas tiras de papel coladas, com uma cortada, datilografadas na frente;
39. Último discurso, sem data **HCF39**
- duas folhas pautadas, manuscritas na frente;
 - homenagem à falecida.
40. Carta de Joaquim Bueno de Campos, 1943 **HCF40**
- folha dobrada, datilografada na face e interior direito;
 - apresenta pêsames pela falecida Flávia Campos.
41. Carta de agradecimento pelas manifestações de pesar, 1937 **HCF41a, HCF41b, HCF41c e HCF41d**
- carta que vira envelope quando dobrada, com bordas pretas e impressa no interior;
 - agradecimento da Diretora da Sociedade Brasileira de Educação e Instrução de Meninas às manifestações de pesar.
42. Carta do "Studio Rosada" à Comissão Pró-Mausoléu D. Emília de Paiva Meira, 1937 **HCF42**
- três folhas pautadas timbradas e datilografadas na frente, com envelope;
 - descrição orçamento da estátua da falecida.

43. Carta da Flávia Campos, 1937 HCF43

- duas folhas datilografadas na frente;
- descrição e orçamento de dois projetos para o "Monumento túmulo"

44. Brochuras com discursos, 1937 HCF44a e HCF44b

- brochuras impressas pela Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais", São Paulo;
- apresenta os discursos proferidos pelo deputado Bento Sampaio Vidal na Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, homenageando, inclusive, Emília Meira.

45. Livros de Presença à Missa de 7º Dia, 1937 HCF45a, HCF45b, HCF45c e HCF45d

- pequenos livros de capa dura, pautados;
- listas com assinaturas dos presentes.

46. Recorte de jornal "Antigas alunas do Colégio Progresso, Campinas", sem data HCF46

- pequeno recorte chamando ex-alunas para uma Caravana ao Colégio para homenagear a diretora falecida e Flávia Campos.

47. Cartão da Madre Geral e Irmãs Franciscanas do Coração de Maria, 1943 HCF47

- cartão manuscrito na frente e no verso;
- condolências pelo falecimento de Flávia Campos da Paz.

48. Santinho de Emília Meira, 1937 HCF48a e HCF48b

- pequeno papel espelhado com borda preta, impresso;
- ilustração de anjo na face externa e de cruz no verso, contendo o interior a foto de Emília e palavras de consolo.

Nota: • **HCF48a** possui interior datilografado e matriz de impressão e **HCF48B** possui o interior impresso.

49. "Uma Educadora", comentário de Laura Jacobina Lacombe para o *Jornal do Brasil*, 1937 HCF49a e HCF49b

- folhas brancas datilografadas na frente;
- **HCF49a** é menor e **HCF49b** é maior.

Notas: • trata da relação de Emília Meira com o Colégio Progresso no Rio de Janeiro;

- elogia a presença de uma Pia União em um Colégio leigo.

50. Discurso de Julie Villac no 30º dia da morte de Emília de Paiva Meira, 1937 **HCF50**

- cinco folhas brancas datilografadas na frente (provável cópia do original);
- exaltação da figura de D. Emília, em todos os sentidos.

Anexo 12

Descritor: Edições do Jornal O Progressista

1. Jornal de 23 de março de 1924, ano 1, nº 4, Órgão do Collegio Progresso Campineiro **HPJ1**

- 18 exemplares;
- quatro páginas;
- Tipografia Bertoni e Frasca, São Paulo.

2. Jornal de 9 de junho de 1929, ano 2, nº 6 - Órgão do Grêmio Literário "São Luiz Gonzaga", do Colégio Progresso Campineiro **HPJ2**

- dois exemplares;
- quatro páginas;
- sem referência à tipografia.

Nota: • Exemplares rasgados e deteriorados.

3. Jornal de 28 de julho de 1929, ano 2, nº 7 - Órgão do Grêmio Literário "São Luiz Gonzaga", do Colégio Progresso Campineiro **HPJ3**

- 33 exemplares;
- quatro páginas;
- sem referência à tipografia.

4. Jornal de 25 de agosto de 1929, ano 2, nº 8 - do Órgão Grêmio Literário "São Luiz Gonzaga", do Colégio Progresso Campineiro **HPJ4**

- 36 exemplares;
- quatro páginas;
- sem referência à tipografia.

5. Jornal de 10 de novembro de 1929, ano 2, nº 10 - Órgão do Grêmio Literário "São Luiz Gonzaga", do Colégio Progresso Campineiro **HPJ5**

- dois exemplares;
- quatro páginas;
- sem referência à tipografia.

6. Jornal de maio de 1952, ano 3, nº 1 – Órgão do Grêmio de Sociologia "D. Emília de Paiva Meira" **HPJ6**

- 21 exemplares;
- quatro páginas;
- sem referência à tipografia.

7. Jornal de outubro de 1950, ano 1, nº 2 – Órgão do Grêmio de Sociologia “D. Emília de Paiva Meira”

HPJ7

- 1 exemplar;
- quatro páginas;
- sem referência à tipografia.

8. Jornal de novembro de 1950, ano 1, nº 3 – Órgão do Grêmio de Sociologia “D. Emília de Paiva Meira”

HPJ8

- 22 exemplares;
- quatro páginas;
- sem referência à tipografia.

Anexo 13

Descritor: História do Colégio Progresso Campineiro - Poesias de Francisca da Silva Gordo (Porteira do Colégio)

1. Poesia *Boas Vindas*, sem data **HPP1**

- pequena folha pautada manuscrita na frente e no verso;
- trata das boas-vindas dadas a Julie Villac quando esta retorna de viagem à Europa.

2. Poesia *Recordando*, 1945 (provavelmente), **HPP2**

- pequena folha pautada manuscrita na frente e no verso;
- histórico do Colégio Progresso em versos.

3. Poesia *À Nossa Senhora*, 1946 (provavelmente) **HPP3**

- pequena folha pautada manuscrita na frente;
- trata do abandono do eu-lírico a Maria.

4. Poesia *Sobre as Ondas*, 1947 (provavelmente) **HPP4**

- metade de folha grande pautada, datilografada na frente;
- poesia em homenagem à professora D. Maria Geronyma.

Nota geral (exceto HP4): • Nome da autora, data e observações com caligrafia mais recente que as do texto.

Categoria 2: Práticas de Ensino

Anexo 14

Descritor: Documentos avulsos referentes às Práticas de Ensino

1. Plano de Aula de Instrução moral, sem data **PE1**

- ficha pautada;
- manuscrita na frente e no verso.

2. Caderno de História do Brasil da aluna Carlota, sem data **PE2**

- brochura, encapado;
- manuscrito da folha 6 a 11.

Nota: • As folhas de 1 a 5 foram cortadas.

3. Diário de Lições da aluna Cândida (na capa) **PE3**

- caderno de 1958, de capa dura;
- folhas pautadas com 4 colunas, todas elas manuscritas.

Nota: • Há pontos das aulas de Religião.

4. Prova escrita de latim da aluna Maria T. Ferreira, sem data **PE4**

- papel almaço;
- manuscrito na frente e um pouco no verso.

Nota: • Avaliação da prova no canto da página a lápis : "+ q. boa".

5. Pontos de Ciências Físicas, sem data **PE5**

- duas folhas inteiras, duas em partes, todas pautadas;
- pontos datilografados.

6. Programa do Exame de Admissão (do Depto Nacional de Ensino), sem data **PE6**

- 9 folhas datilografadas, unidas por grampos.

7. Lista de Alunas para Admissão, 1928 **PE7**

- folha pautada e dobrada longitudinalmente para formar colunas;
- manuscrita na frente e no verso.

8. Lista de Alunas da Escola Normal, 1928 **PE8**

- metade longitudinal de folha pautada;

→ manuscrita com as notas na frente e no verso.

9. Lista de notas de Alunas, 1926 **PE9**

→ pedaço de folha pautada;

→ colunas de notas manuscritas na frente e no verso (a lápis com notas a bico de pena).

10. Lista de notas de Alunas, 1929 **PE10**

→ metade de folha almaço;

→ tabelas, manuscritas na frente e no verso, a maioria sem notas.

11. Lista de Notas de Alunas, sem data **PE11**

→ folha pautada;

→ manuscrita na frente e no verso.

12. Lista de Notas de Alunas, 1912 **PE12**

→ manuscrita no verso da folha da Colônia agrícola "Santa Maria", de Cananéia.

13. Listas de Notas unidas por um alfinete **PE13**

→ três em pequenas folhas pautadas do Colégio, 1929;

→ uma em papel almaço preenchida nas quatro faces, 1928;

→ uma folha pautada preenchida na frente e no verso, 1927;

→ uma em folha menor pautada, preenchida na frente e no verso, 1926;

→ uma em folha pautada preenchida na frente e no verso, 1927;

→ uma em papel almaço preenchido nas faces externas, de 1927.

14. Contrato de Exercício de Professor do Colégio, por volta de 1932/1933 **PE14**

→ papel datilografado na frente e no verso.

15. Folheto com os Direitos da Criança, 1931 **PE15**

→ impresso em papel menor;

→ direitos estabelecidos pela Convenção de Genebra.

16. Discurso de posse dos dirigentes do Grêmio "D. Emília de Paiva Meira", sem data **PE16**

→ três tiras de papel manuscritas na frente.

17. Drama "As Proezas de Luciana" (na capa), sem data **PE17**

→ peça retirada do Almanaque *Eu sei Tudo*, com capa de papel pautado costurada.

18. Lista de Professores registrados em 1934 **PE18**

→ folha timbrada do Colégio, pautada e preenchida à mão.

19. Folhas unidas por alfinete **PE19**

- uma folha pautada dobrada longitudinalmente ao meio com lista de alunas manuscrita, sem data;
- duas folhas pautadas do Colégio com rascunho de Ata sobre a Festa de Encerramento de 1931;
- duas folhas pautada do Colégio com texto em francês manuscrito, sem data;
- uma folha datilografada com perguntas aos professores sobre os exames, complementados a mão.

20. Folha de *Aula de Música*, 1920 **PE20**

- folha avulsa pautada, manuscrita na frente;
- lista de peças musicais e alunas que as tocariam.

Anexo 15

Descritor: Prospectos de Colégios Progresso

1. *Prospecto 1*: Colégio Progresso - São Paulo (fundado em 1889)

- Tipografia a Vapor de Hennes Imãos - 1897
- Localização da Escola: Alameda dos Bambus, nº 38
- Diretora: Anna Maleszewska (*sic*)
- Contém:
 - Matérias de ensino
 - Contribuições (mensalidades)
 - Jóia de entrada
 - Enxoval

2. *Prospecto 2a* de 1900: Colégio Progresso Campineiro - Guanabara

Prospecto 2b de 1900: Colégio Progresso Campineiro - Guanabara

Prospecto 2c de 1900: Colégio Progresso Campineiro - Guanabara

- Tipografia: "Ao Livro de Ouro", Campinas
- Localização: Bairro Guanabara
- Diretora Anna von Maeszewska (*sic*)
- Contém:

- Finalidade do Ensino
- Matérias
- Contribuições
- Jóia de entrada
- Enxoval

3. *Prospecto 3a* de 1902: Colégio Progresso Campineiro - Guanabara

Prospecto 3b idem

Prospecto 3c idem

Prospecto 3d idem

- Tipografia da Casa "Livro Azul", Campinas
- Localização: Bairro Guanabara
- Diretora: não há referência
- Contêm:
 - Curso de Estudos
 - Curso Primário de 1º Grau
 - Curso Primário de 2º Grau
 - Curso Secundário
 - Curso de Artes
 - Saídas e Entradas
 - Visitas
 - Disciplinas
 - Reclamações
 - Matérias pagas à parte
 - Enxoval
 - Boletins mensais
 - Exames anuais
 - Recompensa

4. *Prospecto 4a* (sem data): Colégio Progresso Campineiro - Internato e Externato para Meninas - capa de papel rosado

Prospecto 4b: idem

Prospecto 4c: idem

Prospecto 4d: idem

Prospecto 4e: idem

- Tipografia: "Casa Mascotte", Campinas
- Localização: Vila São Luiz, Bairro do Frontão
- Diretora: Emília de Paiva Meira
- Contêm:
 - Instalação
 - Curso de Estudos
 - Curso Primário de 1º Grau
 - Curso Primário de 2º Grau
 - Curso Secundário
 - Exames gerais e Prêmios
 - Notas e Recompensas
 - Tempo Escolar

- | | |
|-------------------------------------|-----------------|
| → Recompensa para as boas
alunas | → Reclamações |
| → Saídas e Entradas Mensais | → Contribuições |
| → Visitas | → Jóia |
| | → Enxoval |

Nota: • Com exceção do Prospecto **4d**, os demais possuem alterações feitas à mão no valor das mensalidades, elevando-o.

5. *Prospecto 5a* (sem data): Colégio Progresso Campineiro - Internato e Externato para Meninas

Prospecto 5b: idem

Prospecto 5c: idem

Prospecto 5d: idem

Prospecto 5e: idem

Prospecto 5f: idem

- Tipografia: Não há indicação
- Localização: Vila São Luiz, Bairro do Frontão
- Diretora: Emília de Paiva Meira
- Contêm:

→ Instalação	→ Recompensa para as boas alunas
→ Curso de Estudos	→ Saídas e Entradas Mensais
→ Curso Primário de 1º Grau	→ Visitas
→ Curso Primário de 2º Grau	→ Reclamações
→ Curso Secundário	→ Contribuições
→ Exames gerais e Prêmios	→ Enxoval
→ Notas e Recompensas	
→ Tempo Escolar	

Nota: • Falta a última página do Prospecto **5b**.

6. *Prospecto 6a* (sem data): Colégio Progresso Campineiro - Internato e Externato para Meninas - capa de papel azul-esverdeado

Prospecto 6b: idem

- Tipografia: "Casa Mascotte", Campinas
- Localização: Vila São Luiz, Bairro do Frontão
- Diretora: Emília de Paiva Meira
- Contêm:

→ Instalação	→ Curso Primário de 1º Grau
→ Curso de Estudos	→ Curso Primário de 2º Grau

- Curso Secundário
- Exames gerais e Prêmios
- Notas e Recompensas
- Tempo Escolar
- Recompensa para as boas alunas
- Saídas e Entradas Mensais
- Visitas
- Reclamações
- Contribuições
- Jóia
- Enxoval

Nota: • A configuração (decoreação, disposição das informações) da capa destes Prospectos é idêntica à da categoria 4, com a diferença da cor do papel.

7. *Prospecto 7a* (sem data): Colégio Progresso Campineiro - Internato e Externato para o Sexo feminino - capa de papel laminado rosa

- Tipografia: Escolas Profissionais Salesianas
- Localização: Rua José Paulino, 28
- Diretora: não há referência
- Contém:
 - Curso de Estudos
 - Curso Primário de 1º Grau
 - Curso Primário de 2º Grau
 - Curso Secundário
 - Tempo Escolar
 - Saídas e Entradas
 - Visitas
 - Reclamações
 - Contribuições por Semestre
 - São pagos à parte
 - Jóia
 - Enxoval

8. *Prospecto 8a* (sem data): Colégio Progresso Campineiro - Internato e Externato para o Sexo Feminino - capa de papel laminado rosa com foto do Colégio

Prospecto 8b: idem

Prospecto 8c: idem

- Tipografia: Escolas Profissionais Salesianas
- Localização: Rua José Paulino, 28
- Diretora: não há referência
- Contém:
 - Curso de Estudos
 - Curso Primário de 1º Grau
 - Curso Primário de 2º Grau
 - Curso Secundário
 - Tempo Escolar
 - Saídas e Entradas
 - Visitas
 - Reclamações
 - Contribuições por Semestre
 - São pagos à parte

→ Jóia

→ Enxoval

Nota: • A capa destes Prospectos não é idêntica à da categoria anterior.

9. *Prospecto 9a* (sem data): Colégio Progresso Campineiro - Internato e Externato para Meninas - capa de papel bege

- Tipografia: "Casa Mascotte", Campinas
- Localização: Vila São Luiz, Bairro do Frontão
- Diretora: Emília de Paiva Meira
- Contêm:
 - Instalação
 - Curso de Estudos
 - Curso Primário de 1º Grau
 - Curso Primário de 2º Grau
 - Curso Secundário
 - Exames gerais e Prêmios
 - Notas e Recompensas
 - Tempo Escolar
 - Recompensa para as boas alunas
 - Saídas e Entradas Mensais
 - Visitas
 - Reclamações
 - Contribuições
 - Enxoval

Notas: • A configuração (decoreação, disposição das informações) da capa destes Prospectos é idêntica à da categoria 4, com a diferença da cor do papel;

• No interior do *Prospecto 9a* há duas folhas de um outro *Prospecto*, provavelmente mais recente, pois o valor da mensalidade é bem mais elevado (um conto de réis).

10. *Prospecto 10*: Estatutos do Colégio Progresso dirigido por Emília de Paiva Meira

- Tipografia: Modello a Vapor, Curitiba, 1897
- Localização: supostamente em Curitiba, sem indicar o endereço
- Diretora: Emília de Paiva Meira
- Contém:
 - "Colégio Progresso"
 - Curso de Estudos
 - Tempo Escolar
 - Visitas
 - Disciplina
 - Reclamações
 - Preços
 - Enxoval
 - Correspondência
 - Saída das Alunas
 - Boletins mensais
 - Exames anuais
 - Recompensa
 - Certificado

11. *Prospecto 11a* (sem data): Colégio Progresso Campineiro - Internato e Externato para Meninas capa de papel rosado

Prospecto 11b (sem data): idem

Prospecto 11c (sem data): idem

Prospecto 11d (sem data): idem

- Tipografia: "Casa Mascotte", Campinas
- Localização: Vila São Luiz, Bairro do Frontão
- Diretora: Emília de Paiva Meira
- Contém:
 - Instalação
 - Curso de Estudos
 - Curso Primário de 1º Grau
 - Curso Primário de 2º Grau
 - Curso Secundário
 - Exames gerais e Prêmios
 - Notas e Recompensas
 - Tempo Escolar
 - Recompensa para as boas alunas
 - Saídas e Entradas Mensais
 - Visitas
 - Reclamações
 - Contribuições
 - Enxoval

Notas: • Os Prospectos são idênticos aos da Categoria 4, inclusive na cor da capa, porém apresentam alterações feitas a bico de pena em alguns trechos, inclusive elevando a mensalidade para um conto de réis;

- O Prospecto 11c teve a contracapa cortada.

12. *Prospecto 12a* (sem data): Colégio Progresso Campineiro - Internato e Externato para Meninas - capa de papel azul-esverdeado

- Tipografia: "Casa Mascotte", Campinas
- Localização: Vila São Luiz, Bairro do Frontão
- Diretora: Emília de Paiva Meira
- Contém:
 - Instalação
 - Curso de Estudos
 - Curso Primário de 1º Grau
 - Curso Primário de 2º Grau
 - Curso Secundário
 - Exames gerais e Prêmios
 - Notas e Recompensas
 - Tempo Escolar
 - Recompensa para as boas alunas
 - Saídas e Entradas Mensais
 - Visitas
 - Reclamações
 - Contribuições
 - Enxoval

Nota: • A configuração (decoração, disposição das informações) da capa deste Prospecto é idêntica à da categoria 4, com a diferença da cor do papel.

13. *Prospecto 13a* (sem data): Colégio Progresso Campineiro - Internato e Externato para Meninas - capa de papel bege

Prospecto 13b (sem data): idem

Prospecto 13c (sem data): idem

- Tipografia: "Casa Mascotte", Campinas
- Localização: Vila São Luiz, Bairro do Frontão
- Diretora: Emília de Paiva Meira
- Contêm:
 - Instalação
 - Curso de Estudos
 - Curso Primário de 1º Grau
 - Curso Primário de 2º Grau
 - Curso Secundário
 - Exames gerais e Prêmios
 - Notas e Recompensas
 - Tempo Escolar
 - Recompensa para as boas alunas
 - Saídas e Entradas Mensais
 - Visitas
 - Reclamações
 - Contribuições
 - Enxoval

Notas: • A configuração (decoreação, disposição das informações) da capa destes Prospectos é idêntica à da categoria 4, com a diferença da cor do papel;

• O *Prospecto 13b* possui a inscrição "Escola Normal Livre" na capa, sem que esta seja aludida em seu conteúdo;

• O *Prospecto 13b* não possui as duas folhas centrais, sendo, possivelmente, aquelas encontradas no *Prospecto 9a*, porém estas não têm as manchas do centro para as laterais daquele *Prospecto*.

14. *Prospecto 14a*: Colégio Progresso Campineiro - 1934

Prospecto 14b: Colégio Progresso Campineiro - 1934

Prospecto 14c: Colégio Progresso Campineiro - 1934

Prospecto 14d: Colégio Progresso Campineiro - 1934

- Tipografia: sem indicação
- Localização: Av. Dr. Júlio de Mesquita, nº 394
- Diretora: Emília de Paiva Meira
- Contêm:
 - O que é o Colégio Progresso
 - O Prédio
 - Dos Cursos
 - Das Instalações
 - Visitas
 - Contribuições, Pensões, Estudos
 - Depósitos
 - Responsabilidades
 - Pagamentos
 - Diplomas e Certificados

→ Enxoval para o Internato

Notas: • Os Prospectos possuem conteúdo diferente dos demais e com uma gama maior de cursos oferecidos;

- O Prospecto **14c** possui inscrições de cálculos a lápis na capa.

15. *Prospecto 15a:* Colégio Progresso Campineiro - 1933

Prospecto 15b: idem

- Tipografia: sem indicação
- Localização: Av. Dr. Júlio de Mesquita, nº 394
- Diretora: sem indicação
- Contém:
 - Dos Prêmios
 - Tabela de Preços

Nota: • É um Prospecto tipo *folder* e não uma brochura como os anteriores.

16. *Prospecto de Fotos PF1:* Colégio Progresso Campineiro

- Tipografia: Genoud, Campinas
- Localização: Av. Dr. Júlio de Mesquita, nº 394
- Contém fotos do:
 - Panorama da cidade visto do dormitório
 - Vista dos fundos
 - Vista geral do parque
 - Vista lateral de um dos pátios de recreio
 - Alameda de bambus
 - Internas em recreio

17. *Prospecto 16a:* Colégio Progresso Campineiro 1937

Prospecto 16b: idem

- Tipografia: sem referência
- Localização: Av. Dr. Júlio de Mesquita, nº 394
 - Diretora: Emília de Paiva Meira
 - Contém:
 - O que é o Colégio Progresso
 - O Prédio
 - Dos Cursos
 - Instalações
 - Contribuições - Estudos
 - Depósito
 - Responsabilidades
 - Pagamentos
 - Diplomas e Certificados
 - Enxoval para o Internato
 - Visitas

Notas: • O formato do *Prospecto* é similar ao da Categoria 14, mas com mensalidades inferiores impressas e alterações em folha datilografadas em folha separada às páginas 10 e 11 (no *Prospecto 16a*).

- O *Prospecto 16b* possui uma folha impressa colada na página 11 com os preços mais elevados.

18. *Prospecto 17*: sem inscrição na capa, somente com fotografia da fachada do Colégio, 1940

- Tipografia: sem referência
- Localização: Av. Dr. Júlio de Mesquita, nº. 394
- Diretora: não faz referência (era D. Flávia Campos da Paz)
- Contém:
 - O que é o Colégio Progresso Campineiro
 - Corpo docente
 - O prédio
 - Cursos
 - O ensino
 - Organização e eficiência
 - Das instalações
 - Salão de festas
 - Regimento interno
 - Enxoval para internato

Categoria 3: Vida e Práticas Religiosas

Anexo 16

Descritor: Cartas referentes à Vida Religiosa

1. Carta de Comissão de 1908 CVR1

- escrita em folha pautada;
- manuscrita na frente da folha, convidando para uma homenagem ao bispo D. João Nery.

2. Carta da Comissão de Festejos do Bispado de Campinas, 1908 CVR2

- papel de carta timbrado e pautado;
- manuscrito na frente da folha, convidando para a instalação do Bispado de Campinas com a recepção de D. João Nery.

3. Carta de Padres de 1903 CVR3

- folha única, sem pauta;
- convite para dar as boas-vindas ao Arcebispo Julio Tonti impresso na frente.

4. Carta da Comissão "Herma a Cesar Bierrenbach", de 1912 CVR4

- papel de carta timbrado e pautado;
- manuscrito na frente, convidando para a inauguração da "Herma".

Anexo 17

Descritor: Documentos Referentes à Vida religiosa

1. Capela São Luiz de Gonzaga - Missas e Comunhões (na capa)

- brochura;
- tabelas manuscritas com mês, dias e ano em todas as folhas (sem numeração).

2. Registro da Capela São Luiz (na capa)

- caderno menor de capa dura;
- um mês em cada folha, com tabelas manuscritas em todas as páginas (sem numeração), referentes ao número de eventos ocorridos no local.

3. Caderno do "Governo Diocesano" - 1920 (na capa)

- brochura;

→ recortes de jornal com os avisos referentes ao Governo Diocesano em nove páginas e na contracapa.

4. Reuniões Catequéticas da Cruzada - 1944 (na folha de rosto)

- livro de capa dura, encapado com papel pardo;
- folhas manuscritas, sem numeração, algumas com desenhos de símbolos em folhas avulsas coladas nas folhas do livro.

5. Movimento Religioso - Relatórios (na capa)

- livro de capa dura;
- relatórios e tabelas manuscritas, sem indicação do número das folhas.

Notas: • Concessão em latim para o estabelecimento da Pia União das Filhas de Maria no Colégio em 1910, em papel cartão;

- Convite de casamento de 1953.

6. Pasta classificadora: Documentos da Capela de 1914 a 1949 (na capa)

- cartas de bispos ao Colégio e de Emília Meira à Diocese;
- livro da "Associação dos Devotos de Maria Auxiliadora";
- orações em latim impressos em pequenas folhas de papel cartão;
- impresso em italiano acerca da Comemoração de Maria Auxiliadora em papel cartão.

Anexo 18

Descritor: Livros de Atas e outros Livros das Associações Religiosas

1. Livro de Ata da Associação da Liga Eucarística de 1930 a 1936 (na lombada)

- livro de capa dura, encapado com papel pardo;
- atas manuscritas da folha 2 a 29 (de 100).

Nota: • papéis manuscritos à folha 67.

2. Livro de Atas da Pia União das Filhas de Maria de 1928 a 1942 (na lombada)

- livro de capa dura, encapado com papel pardo;
- atas manuscritas da folha 1 a 100 (de 100).

Nota: • Há dois documentos em latim à folha do Termo de Abertura.

3. Cruzada Eucarística Infantil (à folha 2) **Ar1**

- livro de capa dura, encapado com papel pardo, sem referências;
- atas manuscritas da folha 3 a 5 (de 50).

4. Congregação dos Santos Anjos Ar2

- livro de capa dura, sem referências;
- atas manuscritas da folha 1 a 39 (de 150).

Nota: • Lista manuscrita de aspirantes à folha 38.

5. Congregação das Filhas de Maria Ar3

- livro de capa dura, sem referências na capa;
- atas manuscritas da folha 1 a 200 (de 200).

Nota: • Atas em francês da folha 1 a 7.

6. Livro de Atas das Filhas de Maria Ar4

- livro de capa dura, sem referências na capa;
- atas manuscritas da folha 1 a 21 (de 100).

7. Livro de Atas do Oratório Festivo "D. Bosco" Ar5

- livro de capa dura, sem referências na capa;
- atas manuscritas da folha 1 a 7 (de 200).

Notas: • Prospecto de pianos nacionais à folha 7;
• Listas de alunas manuscritas à folha 67;
• Discurso datilografado e artigo de jornal sobre o Oratório à folha 195.

8. Livro de Atas da Pia União das Filhas de Maria Ar6

- livro de capa dura, sem referências na capa;
- atas manuscritas da folha 1 a 35 (de 100).

Nota: • Convite da Diretora e Superiora das Filhas de Maria à Pia União do Colégio em 1937 à contracapa.

9. Livro de Receitas e Despesas Ar7

- livro de capa dura, sem indicações;
- tabelas impressas manuscritas da página 1 a 81 e 190 a 200 (de 200), trazendo as receitas e despesas da Pia União das Filhas de Maria.

Notas: • Termos em francês até a página 71;
• Documento atacado por broca.

10. Caderno de Chamada das Filhas de Maria (na capa) Ar8

- livro de capa dura;

→ folhas pautadas, sem numeração, quase todas preenchidas.

Notas: • Três cartas de aspirantes à página final;

• Documento igualmente atacado por broca.

11. Associação Maria Auxiliadora - Colégio Progresso Campineiro, 1925 **Ar9**

→ livro de capa dura, sem identificação;

→ tabelas manuscritas, sem numeração das páginas, de 1930 a 1963.

12. Livro Caixa da Pia União das Filhas de Maria **Ar10**

→ livro de capa dura, sem identificação;

→ tabelas impressas preenchidas à mão da folha 1 a 74 (de 99).

Nota: • Lista de associadas e corpo administrativo datilografada e folheto da Campanha "Pró-Boa Imprensa" à folha 74.

Anexo 19

Descritor: Livros Religiosos

1. _____ - *Novum Veni Merum*, Tornaci (Roma): Typis Societatis S. Joannis Evangelistae, 1902.

Nota: • A capa de couro está se desprendendo do papelão.

2. _____ - *Mês de Maria*, Niterói (RJ): Escola Typ. Salesiana, 1904.

Nota: • O livro não possui capa.

3. CORRÊA NERY, João Baptista (bispo de Campinas) - *Carta Pastoral de João B. C. Nery anunciando a Visita diocesana*, Campinas (SP): Typ. A Vapor Livro Azul, A. B. de Castro Mendes, 1909.

4. _____ - *L'Évangile: Proposé a souffrent*, Paris: P. Téqui, Libraire Editeur, 1910.

Nota: • Presente do cônego D. Sampaio a Emília Meira (pela dedicatória à folha de rosto).

5. _____ - *L'Abandon a la Providence Divine*, Paris: Libraire Victor Lecoffre, J. Gabalda Editeur, 1917.

6. _____ - *Acompanhamentos dos Hinos e Cânticos*, coleção F.T.D., Rio de

Janeiro: Livraria Paulo de Azevedo & C., 1922. **LR3 e LR4**

Nota: • Há duas edições idênticas da obra.

7. _____ - *Capela São Luiz Gonzaga - Colégio Progresso Campineiro*,
Petrópolis (RJ): Typ. Das "Vozes de Petrópolis". **LR5, LR6 e LR7.**

Nota: • Há três edições diferentes desta publicação, sendo duas do ano de 1915 (**LR 5 e LR6**) e outra de 1928.

8. LEHMANN, João Baptista - *Harpa de Sião: Coleção de Cânticos sagrados para uma ou duas Vozes com Acompanhamento do Harmônio*, Juiz de Fora (MG): Administração do "Lar Católico", 1928.

9. COSTA, Mgr Assis Ribeiro e MOURA, Pe José Pinto (coord.) - *Manual da Pia União das Filhas de Maria (edição para o Brasil)*, Porto: Tipografia Porto Médico L^{da}, 5^a ed., [s.d.].

Nota: • a data da 4^a edição é de 1921.

10. _____ - *Rituale Romanum*, Tornaci (Roma): Typis Societatis S. Joannis Evangelistae, 1928.

11. _____ - *Echos du Monde Religieux*, Paris: A. Durand & Fils., [s.d.].

12. _____ - *Crown of Jesus: Music*, Londres: Thomas Richardson & Son, [s.d.].

13. _____ - *Paroissien Romain: Chant Gregorién*, Tornaci (Roma): Societé de Saint Jean L'Evangeliste, 1936.

14. IRUARRIZAGA, Pe. Luiz - *Melodias Eucarísticas*, São Paulo: Oficinas Gráficas "Ave Maria", 1937.

15. _____ - *Livro de Orações para Uso das Paróquias da Diocese de Campinas*, Campinas (SP): Cia Stella Ltda., 1940. **LR1 e LR2**

Nota: • Há duas obras idênticas, daí o código para diferenciá-las.

16. _____ - *Guia Paroquial contendo as principais e mais comuns Orações recomendadas para a Celebração de algumas Festividades paroquiais*,

Botucatu (SP), [s. editor], 1940.

19. CONCEIÇÃO, José Manoel da *Nova História Sagrada do Antigo e Novo Testamento* (traduzido do alemão), Rio de Janeiro: Laemmert & C., 1890.

Anexo 20

Descritor: Programas para as Práticas Religiosas

1. Curso de Iniciação Cristã (catecismo) em 22 aulas, sem data **PR1**
- cerca de 24 folhas soltas mimeografadas;
 - orientações aos catequistas e atividades para cada aula.

Nota: • Falta a folha com a 20ª aula.

2. Folha de questionário sobre as aulas, de 1965 **PR2**
- folha única mimeografada.

3. Orientações à Catequese, sem data **PR3**
- duas folhas soltas mimeografadas;
 - indicações de tipos de manuais;
 - promoção e organização do movimento catequético.

4. Lista de Retirantes de 1923 **PR4**
- meia folha pautada manuscrita na frente.

5. Brochura "Retiro: Avisos Gerais", sem data **PR5**
- pequena folha impressa dobrada dentro de capa de papel;
 - 14 avisos sobre como se portar durante o Retiro.

Anexo 21

Descritor: Documentos referentes às Práticas de Ensino Religioso

1. Cópia de texto intitulado "Deu invisível", sem data **PER1**
- papel almaço, manuscrito na frente e no verso;
 - trata-se de um diálogo entre mãe e filha sobre a existência de Deus.

2. Programação do dia de passeio ao Retiro Espiritual em junho de 1913 **PER2**

- folha única pautada;
- manuscrita com os horários das atividades na frente.

3. Programação do Encerramento do Mês de Maria, 1915 **PER3**

- folha única pautada e manuscrita na frente.

Anexo 22

Descritor: Santinhos

1. Capa de caderno **PRS1**

- caderno sem o miolo, apenas com oito tiras de papel pautado com 4 santinhos de lembrança da Capela, dos Retiros Espirituais e aniversários do Colégio colados, dos anos de 1909 a 1941.

2. Federação Mariana feminina, sem data **PRS2**

- pequeno cartão, impresso com espaço para preencher (data, horários);
- figura de criança com cálice e hóstia com legenda "Primeira Comunhão" na frente e convite para reunião da federação no verso.

3. Lembrança de Retiro Espiritual, 1908 **PRS3**

- pequeno cartão de borda trabalhada, impresso;
- figura de anjo com lírio branco nas mãos e trecho bíblico em francês na frente e dizeres de D. Bosco no verso.

4. Lembrança da Primeira Comunhão de Sarah Araújo Meira, 1911 **PRS4a** e **PRS4b**

- pequeno cartão de borda trabalhada, impresso;
- ilustração de menino Jesus com cordeiro e trecho bíblico em italiano na frente e data e local do evento no verso.

5. Lembrança do Retiro Espiritual, 1919 **PRS5**

- pequeno cartão impresso;
- ilustração de Jesus e discípulos com trecho bíblico em francês na frente e conselhos do Pe. Salesiano Luiz Montuschi no verso.

6. Recordação da Primeira Comunhão, 1922 **PRS6**

- pequeno cartão impresso;
- figura de Jesus e mulher ajoelhada aos seus pés na frente e conselhos para passar bem as férias no verso.

7. Coração Eucarístico de Jesus, 1922 **PRS7**

- pequeno cartão impresso;
- ilustração de Jesus segurando um pedaço de pão com um cálice de vinho sobre a mesa e minúsculo texto em francês abaixo da figura.

8. Lembrança do Retiro, 1926 **PRS8**

- pequeno cartão impresso;
- ilustração de São Francisco de Assis retirando Jesus da Cruz e uma frase sua em francês na frente e texto de Frei Martinho Bennett no verso.

9. Lembrança do Retiro de Senhoras, 1928 **PRS9**

- pequeno cartão com borda trabalhada impresso;
- ilustração de Nossa Senhora Auxiliadora na frente com texto de P. f. Martinho Bennett no verso.

10. Lembrança do 25º Aniversário da fundação da Congregação das Filhas de Maria, 1931 **PRS10a, PRS10b, PRS10c e PRS10d**

- pequeno cartões impressos com a data atrás;
- **PRS10a** possui ilustração de cruz e flores roxas com trecho bíblico em francês na frente;
- **PRS10b** possui uma ilustração de Jesus com crianças e trecho bíblico em francês;
- **PRS10c** possui ilustração de São José com trecho bíblico em francês;
- **PRS10d** possui ilustração de São José com outro trecho bíblico.

11. Lembrança do Retiro Espiritual das Filhas de Maria, 1932 **PRS11**

- pequeno cartão impresso;
- ilustração do menino Jesus com data do Retiro na frente e texto de aconselhamento no verso.

12. Lembrança do Retiro Espiritual, 1934 **PRS12**

- pequeno cartão impresso;
- imagem de Nossa Senhora na frente e texto para boa conduta no verso.

13. Recordação do Retiro Espiritual do Colégio Progresso de Araraquara, 1935 **PRS13a** e **PRS13b**

- pequeno cartão impresso;
- ilustração de São Tomás com anjos na frente e conselhos atrás.

14. Lembrança do Santo Retiro, 1935 **PRS14**

- pequeníssimo papel impresso;
- perguntas para reflexão.

15. Lembrança do Santo Retiro, 1935 **PRS15a** e **PRS15b**

- pequeníssimo papéis verdes dobrados, impresso na face;
- texto idêntico de **PRS14**.

16. Lembrança dos Cursos Primário e Profissional, 1938 **PRS16**

- pequeno cartão impresso;
- ilustração de Jesus, Maria e José na frente e data do evento no verso.

17. Lembrança do 82º Santo Retiro Espiritual, 1939 **PRS17a** **PRS17b** e **PRS17c**

- pequenos cartões impressos;
- ilustração de Jesus e Maria guiando moça na frente nos Santinhos **PRS17a** e **PRS17b** e de moça oferecendo uma Cruz com chama a Jesus e conselhos de Pe. Francisco Silva no verso.

20. Lembrança do Retiro Espiritual (Filhas de Maria), 1909 **PRS18**

- pequeno cartão dobrado com borda trabalhada;
- ilustração de margaridas na capa e textos em francês no interior e no verso.

19. Lembrança da Festa de São Luiz, 1912 **PRS19**

- pequeno cartão impresso;
- imagem de São Luiz rezando na frente e texto de exortação no verso.

20. Lembrança do Retiro Espiritual das Senhoras, 1914 **PRS20**

- pequeno cartão impresso de borda trabalhada;
- imagem de Jesus na manjedoura, rodeado de Maria, José e três crianças na frente e "resoluções" no verso.

21. Lembrança do Retiro Espiritual e inauguração da Capela de Nossa Senhora Auxiliadora no Colégio Progresso de Araraquara, 1924 **PRS21**

- pequeno cartão impresso;
- imagem de menino Jesus e trecho bíblico na frente e conselhos no verso.

22. Lembrança do Santo Retiro, 1921 **PRS22**

- pequeno cartão impresso com borda trabalhada;
- imagem de anjo ajoelhado ao cálice na frente do cartão e conselhos no verso.

23. Lembrança do Santo Retiro Espiritual, 1919 **PRS23**

- pequeno cartão impresso de borda decorada;
- imagem de Jesus pregando e texto em francês na frente e conselhos no verso.

24. Lembrança do Mês de Maria, 1926 **PRS24**

- pequeno cartão impresso;
- imagem de Maria sentada num trono com menino Jesus nos braços, rodeada de cinco anjos na frente do cartão e nome da capela e referência ao mês de Maria no verso.

25. Lembrança do Retiro Espiritual, 1926 **PRS25a** e **PRS25b**

- pequeno cartão dobrado;
- nome e data do evento na capa e texto com espaço para resoluções próprias no interior.

26. Lembrança do Retiro Espiritual, 1926 **PRS26**

- pequeno cartão de borda decorada;
- imagem de Maria com menino Jesus na frente e trechos bíblicos no verso do cartão.

27. Lembrança do Retiro Espiritual, 1927 **PRS27**

- pequeno cartão com borda decorada;
- imagem da Imaculada Conceição na frente e texto de Frei Martinho Bennett no verso.

28. Lembrança do Retiro Espiritual, 1927 **PRS28**

- pequeno cartão impresso;
- imagem de Maria deitada e rodeada por anjos e pessoas na frente do cartão e texto no verso.

29. Lembrança do Retiro Espiritual, 1928, **PRS29**

- pequeníssimo cartão impresso;

- imagem de menino Jesus na manjedoura e, embaixo e no topo do cartão os três Reis Magos seguindo a estrela de Belém na frente do cartão e conselhos no verso.

30. Consagração a Nossa Senhora Aparecida, 1929 **PRS30a PRS30b PRS30c PRS30d PRS30e PRS30f PRS30g e PRS30h**

- pequeno cartão de borda dourada;
- imagem de Nossa Senhora Aparecida na frente e oração no verso.

31. Lembrança do Retiro Espiritual, 1929 **PRS31**

- pequeno cartão de borda trabalhada;
- imagem do menino Jesus cercado de anjos na frente e trecho bíblico no verso.

32. Lembrança do Retiro Espiritual, 1929 **PRS32**

- pequeno cartão de borda trabalhada;
- Maria com menino Jesus no colo na frente e trecho bíblico no verso.

33. Santinho de 1931 **PRS33**

- pequeno cartão impresso na frente;
- texto em francês e imagem de criança orando aos pés de Jesus na frente e mensagem de Alda e Emília de Paiva Meira manuscrita no verso.

34. Santinho de 1931 **PRS34**

- pequeno cartão de borda decorada;
- imagem da cruz com rosas, terço e Bíblia envolvendo-a e texto em francês na frente e ramalhete manuscrito oferecido a Emília de Paiva Meira no verso.

35. Lembrança do Retiro Espiritual, 1932 **PRS35**

- pequena folha verde dobrada;
- data, local e padre do Retiro na capa, texto no interior.

36. Lembrança do Retiro Espiritual, 1933 **PRS36**

- folha verde longa e estreita dobrada ao meio duas vezes;
- data, local e padre do Retiro na capa, texto do Padre Sebastião Pujol na face interior direita e texto no verso.

37. Lembrança do Retiro Espiritual, 1933 **PRS37**

- cartão pequeno e longo dobrado;

→ imagem do menino Jesus na capa e texto de Santo Agostinho na face interior direita.

38. Lembrança do Retiro Espiritual, 1934 PRS38

- pequeno cartão de borda trabalhada;
- imagem de São João Bosco na frente e três conselhos no verso.

39. Lembrança do Retiro Espiritual, 1934 PRS39

- pequeno cartão de borda dourada;
- imagem de São Jorge na frente e conselhos no verso.

40. Lembrança do Santo Retiro, 1936 PRS40

- pequeno cartão impresso;
- imagem feminina na frente e conselhos no verso.

41. Lembrança do 77º Retiro Espiritual, 1936 PRS41

- pequeno cartão impresso;
- imagem de padre recebendo menino Jesus no altar na frente e conselhos do Frei Martinho Bennett no verso.

42. Lembrança do 79º Retiro Espiritual, 1937 PRS42

- pequeno cartão impresso;
- imagem de uma moça bebendo a água que corre das mãos de Jesus na frente e texto do Cônego Dr. Emílio José Salim no verso.

43. Lembrança do 80º Retiro Espiritual, 1938 PRS43

- pequeno cartão de borda trabalhada;
- imagem de duas moças se agarrando a uma cruz de pedra iluminada na frente e texto do Padre Milton Maria Sant'Anna no verso.

44. Lembrança do Retiro das Senhoras, 1938 PRS44

- pequeno cartão impresso;
- imagem de moça abençoada por Jesus na frente e texto do Cônego L. de Abreu no verso.

45. Lembrança do 83º Santo Retiro Espiritual, 1940 PRS45

- pequeno cartão com borda trabalhada;
- imagem de Jesus com coroa de espinhos na frente e texto do Padre Francisco Silva no verso.

46. Lembrança do 84º Retiro Espiritual, 1940 **PRS46**

- pequeno cartão impresso;
- imagem de padre realizando a Eucaristia na frente e conselhos do Padre Martinho Bennett no verso.

47. Lembrança do 85º Retiro Espiritual, 1941 **PRS47**

- pequeno cartão impresso;
- imagem de Maria rodeada por moços na frente do cartão e texto no verso.

48. Lembrança do 86º Retiro Espiritual, 1942 **PRS43**

- pequeno cartão impresso;
- imagem de Maria com menino Jesus no colo recebendo flor de um menino pastor na frente e oração no verso.

49. Lembrança do Mês de Maio, 1915 **PRS49**

- folha laminada de tamanho médio, impressa em vermelho e azul;
- imagem em azul de Maria rodeada de anjos à sua cabeça e moças ajoelhadas aos seus pés.

50. Lembrança da Primeira Comunhão de Vera Barros Ribeiro, 1939 **PRS50**

- pequeno cartão impresso, em preto e branco;
- imagem de criança à frente de Jesus na mesa da última Ceia.

51. Lembrança da Recepção de Fitas, sem data **PRS51**

- pequeno cartão impresso de borda trabalhada
- imagem de Maria com inscrição "Tota pulchra es, Maria!" na frente e nome das jovens recebidas no verso.

Nota: • Santinho encontrado à folha 36 do livro **Ar4** (Livro de Atas das Filhas de Maria).